

ALTEROSA



JUNHO • 1958

Segunda Quinzena

Cr\$ 10,00

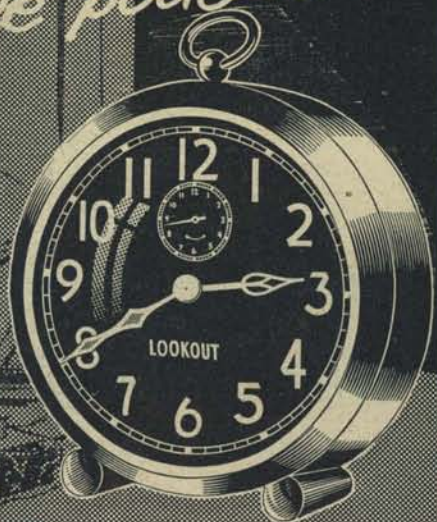
Ganhe prestígio...
mantendo a
PONTUALIDADE!



Despertador LOOKOUT

(LUCAUT)

*É o maior que
você pode ter*



MOSTRADOR

grande com algarismos
visíveis à distância.
Modelo especial
fosforescente para
ser visto no escuro.

TOQUE

suave e firme, de uma
só campainha, para seu
despertar agradável.

TENHA O MELHOR TENDO LOOKOUT

Nas boas
relojarias
da País

MÁQUINA

de grande robustez,
feita para resistir
aos choques e durar
muito mais tempo.

Para copa e cozinha
dormitórios coletivos
hotéis e pensões



Em côres modernas ou
niqueladas
IDEAL PARA SEU QUARTO

CHARLES GUTMANN IMPORTADORA S.A.

Rua João Bricola, 46 - 1.º andar - Fone: 35-3159
Cx. Postal: 391 - End. Telegr.: "CHARGUT" - São Paulo

Vendas exclusivamente no atacado

Culinária Bíblica é Oportuna

O ALIMENTO acompanha a fé no mencionar de muitos textos bíblicos, tanto do Antigo como do Novo Testamento. Lá se vêem a maçã do Paraíso, a refeição da Páscoa, o maná dos Céus, a multiplicação dos pães e a Última Ceia. O Cristo ressuscitado foi identificado como tal por ter partido o pão de Emmaús (Lucas: 30:35); por comer um naco de peixe assado em Jerusalém (Lucas 24:42); e por ter preparado o almôço de Pedro e dos amigos dele. (João 21:9, 12).

Inspirado por essas menções do livro sagrado, um escritor americano, especialista em culinária, publicou recentemente uma compilação de receitas («Livro de Culinária Bíblica») onde incluiu mais de 500 pratos, todos, de uma forma ou de outra, com base em alimentos referidos pelas Escrituras.

Entre essas receitas podem ser encontrados «O Ponche de Mateus», «O Bôlo de Pentecostes», «A Salada do Profeta», desta sendo ingredientes favas, lentilhas e ervilhas. E, pensando nas cerimônias religiosas, o autor dá a receita de um prato especial para as ceias coletivas das igrejas: é o «Bôlo das Escrituras», que deve ser confeccionado com os seguintes ingredientes:

4 xícaras e meia do Livro Primeiro de Reis 4:22 (farinha); uma xícara de Juízes 5:25, última frase (manteiga); 2 xícaras de Jeremias 6:20 (açúcar); 2 xícaras do Livro Primeiro de Samuel 30:12 (passas); 2 xícaras de Nahum 3:12 (figos); 2 xícaras de Números 17:8 (amêndoas); 2 colheres (sopa) do Livro Primeiro de Samuel 14:25 (mel); uma pitada de Levítico 2:13 (sal); 6 de Jeremias 17:11 (ovos); meia xícara de Juízes 4:19 (leite); e Segundas Crônicas 9:9 (temperos).

Siga as instruções de Salomão, aquelas que se referem à educação de um filho: Provérbio 23:14, isto é — «fustigue-o com uma vara».

Petróleo Pode Enriquecer Paris

APÓS demorados estudos, um grupo de geólogos franceses sugeriu a idéia de que existem lençóis petrolíferos nos mais profundos níveis do subsolo de Paris. Se confirmadas essas previsões, será iniciado o trabalho para a captação dos lençóis, sendo de notar que algumas perfurações terão por local o centro urbano da cidade. Ao contrário do que parece, essa exploração de petróleo «urbana» não oferecerá maiores dificuldades, uma vez que as sondas poderão ser instaladas em reduzida área de terreno.

Namôro Como Instrumento de Greve

DURANTE uma greve contra o emprêgo da Bomba de Hidrogênio, as alunas da Universidade de Oxford, Inglaterra, puseram em prática um curioso expediente, no propósito de obrigar os seus companheiros de escola a tomarem parte na parede. Assim é que tôdas as moças deram um ultimato (verbal) aos seus namorados e amiguinhos universitários, colocando-os em face de um tremendo dilema: se não aderissem à greve, cada uma das estudantes jamais voltaria a encontrar-se com o universitário com quem mantivesse relações de namôro.



*"Eu acertei
em cheio:
SINGER!"*

ELA SABIA:

- cento e cinquenta milhões de compradores em todo o mundo
- padrão de qualidade há mais de um século
- vários modelos à sua escolha (desde a simples máquina de pedal até a mais moderna máquina elétrica)
- à vista ou em prestações módicas

Procure a loja Singer mais próxima ou nosso
Agente Autorizado. E, para satisfação permanente,
adquira também você a sua SINGER.



SINGER SEWING MACHINE COMPANY
— O NOME GARANTE O PRODUTO

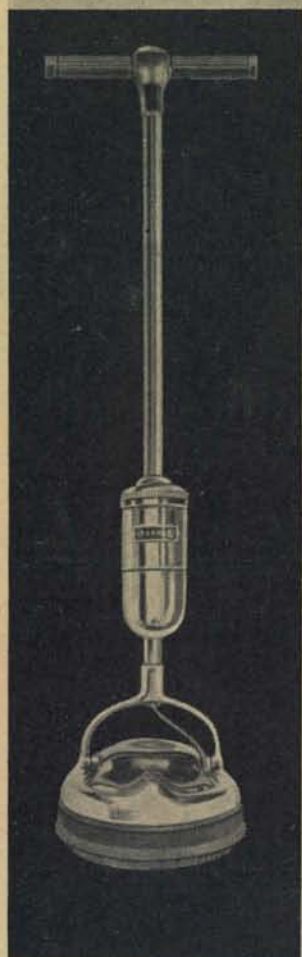


39.708

Ouçá, tôdas as 2^{as}. feiras, das 21:05 às 21:30, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, "Musical Singer", com Emilinha Borba.

Para uma
boa compra
sôme
as vantagens
que lhe
oferece a

ENCERADEIRA ELÉTRICA ARNO SUPER



ARNO
— A MARCA DIZ TUDO!



1 - Raspa



2 - Espalha Cêra



3 - Encera



4 - Lustra



5 - Dá brilho - tudo
isto com uma só
escôva!



6 - É a mais baixa
de tôdas - apenas
13,5 cm de altura -
penetra sob todos
os móveis e alcan-
ça mais perto dos
cantos - garanti-
da por 2 anos.

Um produto



Auto-Determinação nas Índias Ocidentais

INICIALMENTE em caráter formal — e dentro do espírito político da Comunidade Britânica — foi estabelecida, no dia 3 de janeiro de 1958, a Federação das Índias Ocidentais Britânicas, com direito a auto-determinação. A êsse ato preliminar seguiram-se, em 25 de março dêste ano, as primeiras eleições para a escolha dos deputados populares ao parlamento da Federação, que engloba as ilhas das Índias Ocidentais. A abertura dos trabalhos legislativos ocasionou uma série de atos oficiais e cerimoniais — no dia 22 de abril de 1958 — comparecendo a êles um representante de Sua Majestade Britânica.

Futebol com Ironia

SENDO considerados os mestres do futebol, os ingleses são responsáveis também por uma das notas mais curiosas já registradas na história daquele esporte. Durante um «match» disputado em Londres, o guardião de determinada equipe passou longos minutos sem necessidade de defender a sua meta, e, tomando-se de monotonia, acendeu um cigarro, pondo-se a fumar dentro do gol, enquanto o jogo prosseguia. Aconteceu, todavia, que o juiz da partida, fazendo prevalecer a sua autoridade, deu enérgicas ordens para que o irreverente jogador apagasse o cigarro. O «player» obedeceu, talvez com um sorriso de ironia, pois o quadro rival era tão inoperante que acabou derrotado por 19 a zero.

TV Está Crescendo em 2 Mundos

SEGUNDO dados do mês de maio de 1958, estão funcionando nos países do mundo ocidental 417 estações de televisão, havendo, por outro lado, 15 milhões e meio de aparelhos receptores distribuídos pelas regiões arroladas nessas estimativas, das quais — e isso é importante — foram excluídos o Canadá e os Estados Unidos. De acôrdo com as mesmas informações, a TV está experimentando grande surto de progresso também nos países dominados pelo comunismo, sabendo-se que as nações vermelhas contavam, em princípio de 1958, com 87 estações tele-transmissoras, enquanto concatenavam a instalação de mais 28 unidades, ainda para êste ano. Naquela mesma época (maio) as populações comunistas estavam usando quase 3 milhões de receptores de TV.

Com a Cabeça no Ar...

SEGUNDO informam as companhias de aviação, grande parte dos seus passageiros são indivíduos muito distraídos, que vivem esquecendo coisas a bordo dos aviões. Acrescentam que, entre as coisas mais estranhas encontradas, o que aparece mais frequentemente são as denturas.

O PROGRESSO CHEGA A MINAS...

RODANDO SÔBRE ENGRENAGENS!



Chaminés fumegantes surgem de repente. Um lugar antes esquecido e ignorado, como que por encanto cria personalidade e passa a figurar no mapa! É que ali surgiu uma indústria, e para ela começaram a convergir interesses de homens e de empresas. Trinta mil vezes essa mesma história pode ser contada. Trinta mil fábricas aí estão, atestando a pujança industrial de um estado que caminha decidido.

Números que empolgam

Minas conta atualmente com 30 mil indústrias tendo sua produção ultrapassado a casa dos 33 bilhões de cruzeiros. Quase um milhão de mineiros tem interesses ligados ao desenvolvimento do nosso parque industrial e só em 1956 foram pagos em salários 5 bilhões de cruzeiros, numa demonstração clara de que a elevação do nível de vida de nosso povo está estreitamente ligada ao incremento da indústria no Estado.

É preciso muito mais

Quinze bilhões de cruzeiros foram até agora aplicados em nosso parque industrial. Mas não basta. Para realizar-se economicamente, Minas Gerais precisa em sua indústria capitais da ordem de 75 bilhões de cruzeiros. O Governo e as classes produtoras estão atentos para o problema. Todavia, sua colaboração também se faz necessária e indispensável. Aplique pequenas economias na criação de nosso Parque Industrial. Em pouco tempo V. será amplamente recompensado.

PRECISAMOS DAR MAIS FÁBRICAS AO NOSSO ESTADO

— isto depende de V.!



CAMPANHA PROMOVIDA PELA

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS



"Chegou a hora da ação" — é o título de um livreto sobre a indústria em Minas Gerais, que lhe será remetido inteiramente grátis. Mande-nos o coupon abaixo.

NOME
PROFISSÃO
RUA
CIDADE EST.

Cuidado!

Estão querendo
lhe vender
"Gato por Lebre"...



estão querendo que você compre uma imitação da
legítima

Cama FaixaAzul



CAMA BÓLICA
MÓVEL 43



CHAISE-LONGUE
MÓVEL
HOLLYWOOD



MÓVEL
PROVENCAL
C/ ENTALHE



BERÇO MÓVEL
PROVENCAL



CAMA MÓVEL
DOMINO

Mas, naturalmente, Você
exigirá a Cama Faixa
Azul genuína, que tem no
estrado a "Faixa Azul"
das IND. "CAMA-PATENTE
L. LISCIÓ" S/A.

A única com mola de dupla ação.
Molas verticais e horizontais,
técnicamente distribuídas, que
asseguram sempre a posição
correta do corpo e
um saudável conforto.

Garantida por toda a vida sendo
qualquer defeito reparado
gratuitamente em qualquer época.

50 modelos diferentes,
desde o rolco go clássico,
moderno e funcional.

A cama Faixa Azul não é a mais
barata, mas é a melhor e por
isso a mais procurada.

Recuse o estrado de ripas e exija
o estrado elástico para o seu
colchão de molas. Isso além
de proporcionar mais conforto,
prolongará o vida de seu colchão.

Cama FaixaAzul

1.º NO BRASIL - 1.º EM QUALIDADE

A VENDA EM TÔDAS AS BOAS CASAS DO RAMO

IND. CAMA-PATENTE L. LISCIÓ S/A.

Matriz, Fábrica e Escritório: Rua Rodolfo Miranda, 97 - Caixa Postal, 7145 - São Paulo

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Iguaçu de Mello, 309
Luar. R. 7 de Setembro, 173

PORTO ALEGRE
Rua 7 de Setembro, 772
Rua Marechal Floriano, 283

BELO HORIZONTE
Rua Espírito Santo, 310
JUIZ DE FORA
Rua Halliday, 373
MACEIÓ
R. Paul Domingos Moura, 29147

RECIFE
Avenida Cruz Cabugá, 478
FORTALEZA
Rua Padre Valdeano, 920
SALVADOR
Av. Fernandes da Cunha, 99/109

CAMPO MOURÃO
Serra da Norte do Paraná
VILA ELVIO - PIEDADE
Fábrica de Cadeiras
"Faixa Azul" e Tenda
Agrícola Industrial

Fundação da Casa Popular

Conclusão da pag. 87

e ainda será devolvida à viúva a título de pecúlio, toda a importância até então paga.

Terminou a sua oração ressaltando que o comparecimento em massa dos trabalhadores àquela solenidade era o testemunho do reconhecimento da classe operária ao seu grande benfeitor, o presidente Juscelino Kubitschek, a quem, exclusivamente, se dirigia aquela espontânea manifestação pública de gratidão.

UM ÓRGÃO OPERANTE

No discurso com que se dirigiu aos trabalhadores, manifestou o presidente Juscelino Kubitschek o seu contentamento por reencontrar os seus amigos mais queridos em Belo Horizonte e justamente quando a classe operária festejava sua maior data.

Relembrou os compromissos que assumira com os trabalhadores de todo o Brasil, mais especialmente com os de Minas Gerais, e proclamou manter o seu governo no incessante propósito de cumprir suas promessas, através de realizações concretas, obras palpáveis e visíveis em benefício das classes obreiras.

Disse o Presidente: "Estamos inaugurando, aqui em Belo Horizonte, neste dia glorioso, mais de 1.000 casas da Fundação da Casa Popular. Isto representa uma tentativa de avançar um passo na luta para a estabilização de vossas vidas num padrão de justiça e dignidade. Não quero incorrer no pecado da propaganda, mas posso, sem vanglória, lembrar-vos que, em dois anos apenas do meu governo, foram erguidas 12.000 casas populares, soma esta que julgo bastante significativa, se tomarmos em conta que, em 12 anos de existência da instituição previdencial, o montante das construções atingira apenas 10.000 unidades".

O presidente Juscelino Kubitschek descerrou depois a placa comemorativa da inauguração, visitando em seguida uma das moradias do conjunto, onde assistiu à bênção simbólica do núcleo, oficiada pelo Reverendíssimo Vigário Geral da Arquidiocese de Belo Horizonte, Monsenhor José Augusto Dias Bicalho.

NA CIDADE INDUSTRIAL

Dirigindo-se à Cidade Industrial, a comitiva do presidente Juscelino Kubitschek percorreu as moradias do conjunto ali construído pela Fundação da Casa Popular, num total de 400 casas, reunindo-se depois na praça principal do núcleo, onde o Presidente da República descerrou a placa comemorativa da inauguração, tendo sido saudado, na oportunidade, pelo Prefeito de Contagem.

EM BRASÍLIA

Após as solenidades inaugurais dos núcleos de Belo Horizonte e da Cidade Industrial, o Superintendente da F. C. P. viajou para Brasília, a fim de inspecionar as obras de construção de 500 casas populares, a serem solenemente inauguradas no dia 31 do corrente. Trata-se da primeira etapa de um conjunto de 1.000 casas, projetadas por Oscar Niemeyer, que a F. C. P. está erguendo na futura capital.

Côres Significam Emoções

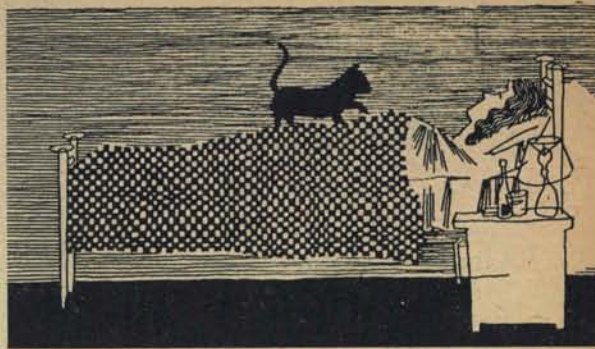
SUBMETENDO um grupo de pessoas a estudos experimentais, algumas universidades americanas puderam ter uma idéia da significação emocional que certas côres introduzem nas reações humanas. Tomando por base as respostas da maioria das pessoas colocadas à prova, viu-se que o azul e o verde inspiram sensações de ternura, segurança e tranquilidade. Por outro lado, a cor vermelha ocasiona reações de alegria, poder e não-conformismo. Quanto ao preto, naqueles estudos, fez lembrar sofrimentos, desespero, bem como uma certa sensação de rebeldia. Mas a cor parda demonstrou significar proteção, enquanto o púrpura dava idéia de dignidade, e o amarelo fazia nascer pensamentos de alegria. Os resultados das experiências levantaram grande surpresa no que diz respeito à cor laranja: esta exerceu pouquíssima influência emocional sobre as pessoas objetos dos estudos.

Os Primeiros no Cabo Horn

O CABO Horn, o ponto mais austral do Continente Americano, foi descoberto, em princípios do Século XVII, pelos pilotos holandeses Shouten e Lemaire.

Milagre

Inesperado



DEPOIS de sofrer uma crise cardíaca, eu tinha ido morar com Florrie, a minha filha. Na casa, além dela e do marido, havia Bugsy. Bugsy é um gato, mestiço com siamês, muito preto e atirado a cão de guarda. Quando cheguei ele me examinou com ar de indiferença, fez uma espécie de vistoria no quarto onde eu estava convalescendo, e deu o fora. Parece que não queria saber de muita intimidade comigo. Mas eu o via diariamente. Divisava a sua cauda encaracolada, quando Bugsy, como um relâmpago, cruzava o alçapão do fôrrô, encaminhando-se para o sótão onde dormia. Éramos virtualmente dois estranhos vivendo na mesma casa, ele passando com ligeireza, eu limitada a ver suas evoluções para o sótão.

Depois de alguns dias, veio aquela noite tão dolorosa para mim. Tive a impressão, de repente, que um peso insuportável ameaçava esmagar-me o peito. Minha respiração encurtou. Era, então, um quase nada. Fiquei paralisada de medo. Sobressaltada. Quis mover o braço. Não pude. Nenhum músculo me obedecia. E eu precisava movê-los, para ter a caixa de pílulas que es-

tava sobre o criado-mudo, a um passo de mim. Era o remédio de emergência para as crises como aquela. Três pílulas, de 5 em 5 minutos. Se, depois de assim medicada, eu ainda estivesse viva, tinha de recolher-me a uma tenda de oxigênio, no hospital.

Contorci-me, em desespero, tentando respirar. Parece que o pânico empurrou alguma força na minha garganta crispada. Gritei, a custo: «Florrie». Só então percebi a dolorosa verdade. De certa forma, eu estava isolada dentro da casa. Meu genro tinha saído. Restava Florrie, sim, mas o seu quarto era na outra ponta do corredor. Ela dormia como uma pedra, e, por mais, devia estar extenuada pelos trabalhos caseiros. Florrie jamais poderia ouvir-me. Nem que eu gritasse mais alto. O que era impossível.

Senti-me completamente ao desamparo. Logo perdi os sentidos, mas, voltando à consciência, reuni o que restava de minhas forças, e gritei: «Florrie! Florrie!». O meu apelo se perdeu no silêncio. As sombras da morte se avizinhavam. De repente vi uma sombra negra, com um caracol lá por trás. Era a cauda de Bugsy. Os meus gritos

deviam tê-lo acordado. Gostei de vê-lo, sentindo prazer por sua companhia, inútil porém.

Mas Bugsy saltou do fôrrô e deixou o quarto. Logo após ouvi um miado estridente, como uma espécie de lamento do outro mundo. Bugsy — como depois Florrie me contou — estava despertando-a. Pulando sobre ela, pusera-se de pé no seu peito. Fitava sua face, e miava gritando. Florrie acordou, e, apesar dos miados, percebeu os fracos apelos que eu lhe fazia. Ela correu para o quarto e me fez tomar as pílulas salvadoras. Fui para o hospital, na manhã seguinte, mas, até a hora da partida, Bugsy esteve sempre ao lado de minha cama. Quando me puseram na maca ele a seguiu, fazendo um barulho de tristeza, um murmurar de despedida.

Até hoje os meus conhecidos falam no caso. Uns dizendo-o coincidência, os mais sabidos chamando-o de reflexo condicionado. E eu imagino Bugsy, tão pretinho, fitando o rosto de minha filha, como se sofrendo comigo. Interpretem o caso do gato como quiserem, dêem-lhe a solução que acharem melhor, mas eu já a conheço. Há outro nome para milagre? — Anne Pinkerton.

ANO XX

ALTEROSA

Nº 284

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

TIRAGEM: 60.000 EXPLS.

CAPA

Barbara Lang, estrelinha que vai aparecer em filmes da Metro.

CONTOS E NOVELAS

Gervásio	22
Dias de Tormenta	42
A Primeira Traição	54

ARTIGOS E REPORTAGENS

O Misterioso Fim de Mr. Ross	12
A Estigmatizada de Konnersreuth	20
As «Vitórias» de 1957	26
A Ciência Define o Sono	34
Drama e Comédia Pelo Canal 4	38

Guerra ao Trabalho	104
--------------------------	-----

PARA A MULHER E O LAR

Bazar Feminino	66
Modas — A partir da	68
Para o Seu Lar	74
Arte Culinária	76

SEÇÕES PERMANENTES

Concurso de Contos	93
Panorama do Mundo	2
A Voz do Brasil	8
Foguetes	9
Cartas à Redação	10
Fotos e Legendas	14
Páginas Escolhidas	16

Quitandinha	18
Páginas da História	30
Nossas Crianças	45
Fuga	50
Teste	53
Tapête Mágico	59
O Crime não Compensa	62
Esparsos	78
Cantigas	81
Cinema — A partir da	82
Palavras Cruzadas	86
Bom Tom	89
Livros e Letras	90
Caixa de Segredos	92
Humor	95

Gente-miniatura

é grande no talento

Empinando a cabeça, o anão Freddy Hackl põe à mostra alta personalidade, ao fitar dois guardas estacionados junto do Palácio de Buckingham, em Londres, mas sem dizer que faz parte de aplaudido elenco de «baixinhos» ora dando exhibições nos palcos da Europa. Sendo um dos 2.000 anões existentes por todo o mundo, Hackl traz à cabeça um chapéu côco especialmente fabricado por uma companhia londrina, que os faz também para outras pessoas do porte dele. Freddy começou a ganhar a vida como jardineiro, mas acabou voltando-se para a arte, imitando, nisto, a maioria dos anões, pessoas de alto nível de inteligência e cultural, destacando-se como talentosos músicos e lingüistas de grande saber.



Em duplicata na mesma escola

Tudo estando na Comunidade Britânica, certa escola canadense não se sentiu diminuída quando o seu recorde — o de ter 7 pares de gêmeos entre os seus alunos — foi quebrado por uma congênere inglesa. A vantagem, por 12x7, pertence à Escola Primária Católica Romana de Santa Elizabete, em Coventry, na qual estuda uma dúzia de pares de gêmeos. Eles aparecem nesta foto, distribuídos

em 4 fileiras, podendo ser identificados a partir da de baixo, vindo os pares sempre na ordem da esquerda para a direita. 1ª fila: Joan e Teresa Chambers; e Helen e Emma Loughran. 2ª fila: Maureen e Kay Clifford; e Patrick e Angela Cassidy; e Rosemarie e James Haughey. 3ª fila: Anthony e William King; e seus irmãos (gêmeos entre si) Michael e June King; e Paul e Pauline Linden. 4ª fila: Patricia e Pamela Connor; Kevin e Sean O'Brien; Mary e Rosie Terrance; e John e Peter Fullarton.

Soraya perdeu um encontro com o destino



Na casa dos seus pais, em Colônia, Alemanha, a ex-imperatriz Soraya guarda uma boneca de pano a que deu o nome de «Kismet», em árabe O Destino. Esta imagem de criança lembra o grande motivo responsável pela mudança na sorte de Soraya, que, por causa de um casamento estéril, tornou-se simpática protagonista do chamado «maior drama amoroso dos últimos tempos». Sabese agora que a então Imperatriz lutou até os extremos da esperança humana, no propósito de conseguir o que um «Kismet» teimoso lhe tem negado, inclusive buscando socorro em forças menos palpáveis, ditas sobrenaturais. Aquela época, o espiritualista indonésio Pak Subuh estava sendo considerado como manipulador de poderes capazes de dar uma solução ao problema de Soraya. Através das práticas iogas, ele pudera curar o câncer da atriz Eva Bartok, facultando-lhe, também, o prazer da maternidade (inesperada), assim como proporcionara — por seu tratamento — à estrela Glynis Johns a alegria de ter um filho. Mas, no caso de Soraya, «Kismet» não quis, malogrando a vinda do herdeiro, desejado trunfo para evitar o divórcio entre ela e o Xá Rezah Pahlevi. Consumada a separação, o destino pôs a ex-imperatriz no papel de caça jornalística, cruelmente seguida, de cidade em cidade, pelos farejadores do noticiário internacional. Mas, ao que parece, ela está se colocando acima de quanta amargura pode ter ficado do seu desfeito matrimônio, inclusive os desencontrados mexericos sobre o seu destino. Desmentese, por exemplo, que Soraya pretenda fazer carreira no cinema, isso enquanto anunciam que ela teria firmado contrato para servir de modelo em anúncios de **baton**. Sem abafar-se com esses boatos, a ex-imperatriz fez recentemente uma viagem — em companhia de sua mãe e de seu irmão — de recreio, visitando, inclusive, o paradisíaco cenário das Ilhas Bermudas. E deixou-se fotografar — como visto no flagrante — entre flores, o céu e o mar, não querendo, todavia, desvelar os olhos, talvez por serem indiscretos, como silenciosas testemunhas de aborrecimentos que ainda não terminaram.

Ovelha amolece coração de açougueiro

Quando comprou uma ovelha chamada Mary, o comerciante Charles Hale, de Bridgtown, Inglaterra, pretendia transformá-la em suculentos pernis, para venda no seu açougue, onde há carnes de todos os tipos. Aconteceu, porém, que o açougueiro tomou-se de uma certa ternura pelo animal, e quanto mais via o seu manso focinho e sua lã aveludada, menos sentia coragem de matá-la. Como por magnetismo, essa piedade contagiou os empregados de Hale, tanto assim que ninguém do açougue, por mais que fizesse, jamais teve ânimo de abater a ovelha. Passaram-se mais de oito meses após a compra de Mary, e, até hoje, ela continua viva, já se dando ao luxo de passear (foto) em companhia do seu dono, de frente do açougue onde inspirou vários gestos de piedade.





«Filha» de Hitler quer Tesouro do «Pai»

Contando uma surpreendente história, Maria Loreto está, na Argentina, pretendendo reunir elementos para fazer prova de uma reclamada identidade, isto é, estabelecer que é filha de Adolf Hitler. Trazendo a público o seu caso, Maria tem a esperança de que possa surgir alguma prova concreta capaz de confirmar a sua reivindicação, abrindo-lhe — como diz ela — as perspectivas de entrar na posse de considerável fortuna. E' que, de acordo com as declarações da moça, Hitler pôs imensas riquezas sob custódia de alguns amigos argentinos, isso há cerca de 14 anos. Sendo ou não sendo herdeira do extinto chefe nazista, Maria Loreto tem feições (veja foto) marcadas por forte aparência germânica, mas o seu nome dá idéia de origem espanhola.



Protestos aplaudem «Miss» sorridente

Recentemente, quando June Cooper (17 anos) «abdicou» do seu título de «Miss Inglaterra de 1958», a muito simpática Wendy Peters (22 anos) foi escolhida, em nova eleição, para substituir a demissionária soberana da beleza. Aconteceu, porém, que, ao tomar posse do seu «reinado», Wendy (na foto, sorrindo, com o cetro e tudo o mais) foi objeto de muitos protestos da parte de alguns entusiásticos admiradores. Eles não opunham dúvidas quanto à legitimidade do título de Wendy, mas reclamavam porque a moça, ao receber a coroa da beleza, não estava usando maiô de duas peças.

«Miss» nórdica não pôde ser manequim

Com 20 anos, Lillian Madsen, «Miss Dinamarca» e detentora do título de segunda colocada no concurso de «Miss Mundo», deste ano, foi personagem de curioso paradoxo, isso após ter passado 6 meses de férias na Grã-Bretanha. A Organização Rank, inglesa, ofereceu um contrato cinematográfico à simpática «miss» nórdica, que, sem muito pensar, declinou do convite, enquanto solicitava permissão, a quem de direito, para exercer o ofício de manequim-vivo, na Inglaterra. Apesar da beleza de Lillian, sua pretensão foi indeferida, roubando-lhe a possibilidade de tornar mais interessantes os desfiles de modas britânicos.



Govêrno oficializa os santos homens

Notando que entre os 8 milhões e tanto de «sadhús» pelo menos 75 por cento são charlatães, o govêrno indiano acaba de intervir no caso, abrindo o primeiro campo de treinamento para a formação de verdadeiros «santos homens», colocando-o em Rishikesh, lugar sagrado às margens do Rio Ganges. Datando de muitos séculos, os «sadhús» — o nome vem da palavra sânscrita «reto» — levam, em sua forma mais pura, uma vida ascética e virtuosa, tanto assim que, noutros tempos, eram vivos testemunhos da santidade indiana. Andavam completamente nus ou com vestidos da cor de açafrão, sujavam o corpo com cinzas ou vermelho, e peregrinavam pelo mundo, pedindo esmolas, ensinando a boa palavra, dando exemplos de retidão e aperfeiçoamento espiritual. Ora, os espertalhões infiltrados entre eles, de uns tempos para cá, começaram a abalar o seu prestígio de santidade, isso porque viajam de aldeia para aldeia, encerrando falsas mágicas, aplicando inócuas panacéias e fraudando os camponeses.

Atento a essa situação, o govêrno da Índia formulou um plano de alcance religioso e social, com vistas a dois principais objetivos: a) Fornecer cartões de identidade a todos os «sadhús», de sorte a colocar fora da lei os falsos profetas que estão pondo a perder a dignidade dos santos homens; b) mobilizar a renúncia e o desprendimento «sadhú» como um dos meios de promover o bem-estar social da Índia.

O campo de treinamento acolheu inicialmente 50 «sadhús», que estão aprendendo filosofia política, serviço social e higiene, assim como os princípios do Hinduísmo. Há, por outro lado, lições práticas da Ioga, mas lecionadas para promover o vigor físico dos «sadhús», e não como meio de buscar a perfeição espiritual. Os alunos, futuros «sadhús» de fato e por direito oficial, estudam das 4 horas da manhã até às 9 da noite, passando o dia entre orações, treinamento físico (veja foto) e entoando cânticos místicos, entre os quais aquele assim intitulado: «No caminho para a Bondade é Preciso Ser Bom, Fazer o Bem e Morrer».



Fiagrantes

• **QUERENDO CANDIDATAR-SE AO SENADO**, nas eleições italianas de maio passado, o cidadão Romolo Bocchi, de Ferrara, Itália, apresentou uma petição onde grande número de pessoas propunha a sua candidatura. Ainda assim, não obteve registro como candidato, porque a petição continha um vício: 60 das mulheres signatárias tinham feito falsas declarações quanto à sua própria idade.

• **EMBORA SENDO NEGOCIANTE** de carros usados O. B. Davey, de San Diego, Estados Unidos fez bom negócio, ao vender para a mocinha Stephanie Friedman um cavalo dito "de exposição", embolsando cerca de 200 contos. Mas, apesar de jovem, a compradora (14 anos) conseguiu reaver o dinheiro e anular a transação ao apontar num tribunal, os defeitos do cavalo: este, além de ser manco tinha um olho de matéria plástica.

• **COM VIVAS PALAVRAS CONGRATULATÓRIAS**, o Juiz Alexander Manson, de Vancouver, Canadá, cumprimentou uma certa Alice O'Keefe, realçando que ela era a primeira mulher a chefiar um corpo de jurados na Colúmbia Britânica. Logo após, o magistrado deixava o dito pelo não dito, ao ficar sabendo que Alice não passava de uma criminosa reincidente, com várias passagens pela polícia.

• **EM MANILLA, FILIPINAS**, os membros da Junta Municipal negaram ao Conselheiro Hermenegildo Gonzaga uma dotação de verbas para viagem, mas, nem assim, deixaram de oferecer-lhe alguma coisa. Disseram que ao invés do dinheiro, prometiam orar por ele, durante 1 minuto, augurando-lhe uma feliz viagem.

• **DESTACADO PARA DETER** batedores de carteiros nos trens-subúrbio de Tóquio o "shertock" japonês Toshio Asanuma deu uma nota de curioso paradoxo: foi preso no instante em que batia a carteira de alguém, num trem superlotado.

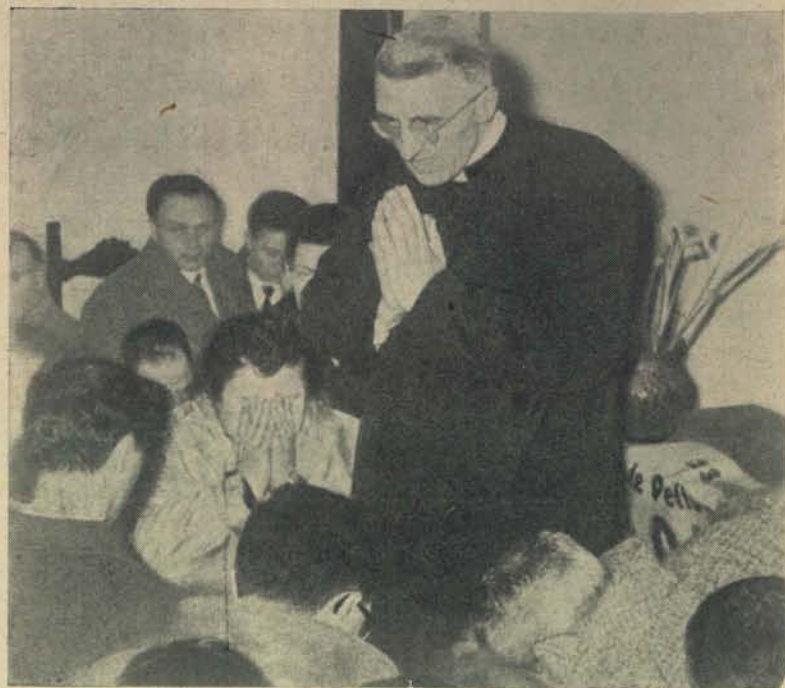
• **NA PONTA DOS PÉS E ASTUCIOSAMENTE**, alguns ladrões escalaram as muralhas (mais de 7 metros e meio de altura) da Prisão de Walton, na Inglaterra, após o que arrombaram uma janela e deitaram abaixo duas portas (7 cm de espessura), abrindo caminho para o gabinete do diretor da cadeia. Neste, violaram um cofre-forte, retirando-se, sem que os 200 carcereiros ou os 900 presos da cadeia (esses dormiam) percebessem que havia estranhos entre eles.

• **EM PERUGIA, ITALIA**, Luigi Durante, estando preso por crime de furto, tentou suicidar-se, improvisando uma fôrca, laçada em torno de uma viga do teto de sua cela. Quando fez fôrça, a corda desprendeu-se da viga, e Luigi, não morrendo, teve agravada a sua pena: a justiça acrescentou mais 4 meses à sua condenação por furto, alegando que o quase-suicida "tinha danificado material pertencente ao Estado".

• **E DEPOIS DE ATEAR FOGO** à casa da mulher (de 42 anos) que muito amava, o cidadão James Scales (60 anos), de Detroit, Estados Unidos, deu a seguinte explicação para o seu ato de violência: "Eu procurei conquistá-la (a mulher) com música, mas a ingrata teve a coragem de quebrar o meu violão na minha cabeça".

Bispo de Prato põe a Itália em discussão

Parece longe de cessar na Itália, e no mundo, a repercussão do caso de Monsenhor Fiordelli, Bispo de Prato, (ALTEROSA 281), condenado pela justiça peninsular, após denunciar como pecadores públicos dois fiéis que se casaram apenas pelo direito civil. A questão suscitou especulações políticas na Itália, onde o aguerrido partido comunista local encontra o seu maior adversário nas forças de inspiração católica, sabendo-se, por outro lado, que a condenação impressionou a gente peninsular mais sob o ponto de vista moral e emocional do que propriamente político. De acordo com certos observadores, a sentença, à parte de ser um exem-



plo dos possíveis choques entre a Igreja e o Estado, teve o mérito de levar grandes contingentes do povo italiano a despertar de uma certa indiferença pela ação do governo. Emprestando solidariedade ao Bispo Fiordelli, centenas e centenas de pessoas o visitaram no Palácio Arquiepiscopal, onde

aparece o prelado (clichê), fazendo orações com alguns dos visitantes, confirmando as palavras que disse a propósito de sua condenação: «Orai e perdoai. Tudo o que acontece na face da terra é consequência da vontade divina, e os desígnios do Senhor são infinitos».

Ratos brigam para tranquilidade

Recebendo choques elétricos, transmitidos pela grade metálica onde se equilibram, os dois ratos acima chegam ao estado de loucura, empenhando-se, simultaneamente, em furiosos combates. De acordo com a Federação das Sociedades Americanas de Biologia Experimental, isso é verificável em testes científicos, durante os quais os ratos têm contribuído para que a ciência obtenha novos dados sobre a ação dos agentes químicos tranquilizadores. As experiências se fazem de duas maneiras: numa, os ratos, recebendo os choques elétricos, botam-se de pé e começam a lutar; na outra, sofrendo a ação de corrente elétrica, mas também de medicamentos tranquilizadores, os animais dão um salto, mas não procuram brigar. Comparativamente, esses resultados parecem demonstrar que os tranquilizadores reduzem as atividades do sistema nervoso central.



As
"estrêlas"
do cinema
sabem
por que
usam
Lever

*Pier
Angeli*

"estrêla" da
METRO
GOLDWYN MAYER

...e Você?

Até onde a escolha de um sabonete é importante para Você? As "estrêlas" sabem que o sabonete que lhes acaricia a pele diariamente é um dos pontos mais importantes para a sua beleza. Por isso, 9 entre 10 "estrêlas" já têm uma preferência definida: LEVER — o sabonete que elas preferem porque nele encontram a pureza dos ingredientes, a suavidade da espuma e o mais delicado perfume. Na verdade, LEVER representa um cuidado a mais para mantê-las lindas e atraentes. E Você? Já pensou nesse cuidado a mais para a sua beleza?

Use LEVER e ouça do "alguém" que Você ama uma frase que a tornará muito feliz...

...*"Para mim,
Você é
tão linda
quanto
Pier Angeli!"*

Usado por 9 entre 10 "estrêlas" do cinema!



TALCO
LEVER

Com o mesmo
perfume do
Sabonete das
"Estrêlas"!

7 entre 10 famílias usam alumínio **Panex**



Prefira, você também, alumínio PANEX e saberá as razões dessa enorme preferência em todo o Brasil. PANEX — a mais variada linha de utensílios para cozinha — práticos... modernos... indeformáveis!

Panex

o 1º nome em alumínio

• S. Paulo - R. João Adolfo, 118 • Rio - R. Visc. Inhaúma, 134
P. Alegre - R. Vig. José Inácio, 391 • B. Horizonte - Av. Amazonas, 281 - L.º

A VOZ
DO BRASIL

Compilação de GASPAR DE ALENCAR

• O problema da fé não se resolve com demonstrações algébricas, que rendem a razão com a sua evidência. No que toca ao sobrenatural, «onde a razão acaba, a fé principia». Se a razão humana fôsse capaz de penetrar os mistérios, seríamos deuses.

Cotta Rocha

A VOZ DA SERRA — NOVA FRIBURGO — RJ

• O mundo seria melhor, muitíssimo melhor, se os homens descobrissem o vazio e a esterilidade do orgulho. Ou, pelo menos, se o vício de cada um de nós, tão pertinaz, tão difícil de abalar, não encontrasse apoio, e até alimento, num estatuto cultural que oficializa a vaidade e que ensina que é ela que estimula as obras humanas.

Gustavo Corção

O ESTADO — FORTALEZA — CE

• E' diante do exemplo que nos vem da França que devem meditar os parlamentaristas brasileiros. O que seria do Brasil amanhã, se, em vez do governo sair quinçenalmente das urnas, passasse a ser um produto hebdomadário das confabulações parlamentares? No capítulo de escolha, temos sérias dúvidas de que a maioria dos nossos parlamentares mostrasse mais critério e independência na formação dum governo do que tem mostrado o povo na escolha do presidente.

O ESTADO DE SÃO PAULO — SP

• Em serviço de uma causa e, principalmente, em defesa de sua carreira política, o Sr. Alkmim é capaz de negar qualquer evidência. Diante do céu plúmbeo, percorrido por tufões, põe-se a afirmar que o tempo está esplêndido, o mar espelhado, a brisa amena, a viração sutil, o azul reinando por toda parte, no céu e no mar.

O GLOBO — RIO

• Só haverá democracia na medida em que, no campo econômico e social, sairmos da fase atual da ditadura do dinheiro e da subordinação do homem ao lucro. A melhoria das condições de vida do povo, a ascensão dos trabalhadores, das cidades e dos campos, à plenitude de seus direitos e responsabilidades é um imperativo de justiça, da solidariedade humana e de sobrevivência democrática.

Vereador Leopoldo Garcia Brandão
O DIÁRIO — BELO HORIZONTE

Magro, faminto, na "pinda",
Vive o pobre funcionário,
E o povo com a pecha o brinda:
"Mama nas tetas do erário".

Milton Amado

CITADO NO ESTADO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• Deputado é como imagem de santo. Não se compra. Troca-se.

Dep. Último de Carvalho

CITADO PELO CORREIO DA MANHÃ — RIO

• As conquistas femininas são amplas. Suponho, mesmo, que a mulher, hoje em dia, tanto no Brasil como no resto do mundo, tem conseguido uma soma de poderes tão grande que chega a ameaçar as bases da sociedade.

Frei Pinto

O REBATE — MACAÉ — RJ

REPERCUTIU MUITO BEM a notícia de que as eleições realizadas nos sindicatos patronais asseguraram a reeleição da atual diretoria da Federação das Indústrias de Minas Gerais. Sob a esclarecida e dinâmica presidência do Sr. Teódulo Pereira, essa diretoria vem realizando obra altamente proveitosa aos legítimos interesses da nossa indústria, levando a cabo empreendimentos notáveis em benefício do progresso mineiro, como ocorre agora com a Conferência Internacional de Investimentos, a se realizar este mês, nos dias 23 a 27, em Belo Horizonte.

SEMPRE QUE OUVESSE TOQUE A FINADOS, um cachorro de S. João da Boa Vista (SP) deixa o seu canil, e acompanha qualquer entêrrão até o cemitério. O animal adquiriu esse hábito após ter seguido os funerais do seu próprio dono, e quando morrer, será eternizado pela população da cidade: o povo vai enterrá-lo em cova especial, encimada por uma lápide.

REVELANDO FÓLEGO DE SETE GATOS, o combatido projeto do Senado mineiro está voltando agora ao cartaz. O monstro não respeita nem a penúria do erário estadual, nem o pronunciamento (unânime e contrário) da opinião esclarecida de Minas.

COM BASE EM IRRESPONDÍVEL DOCUMENTAÇÃO, o Deputado Colombo de Souza (PSP — Ceará) revelou na Câmara Federal, que o Governo paga uma diária de 40 cruzeiros aos nordestinos recrutados para as obras contra as secas, ao passo que despende 69 cruzeiros em cada ração fornecida diariamente aos cavalos do Exército.

A CHAPA OSTENSIVAMENTE PRESTIGIADA pelo General Teixeira Lott ganhou as eleições do Clube Militar, mas nada menos de 43 por cento dos votos apurados foram para a chapa da Cruzada Militar, encabeçada pelo General Castelo Branco.

COMENTANDO O CASO DOS PARLAMENTARES mineiros acusados de terem encaminhado subvenções a entidades assistenciais — ditas inexistentes — de Além Paraíba, o prof. Alberto Deodato explica que um político pode ser ilaqueado em sua boa-fé, em casos idênticos, porque nem sempre tem meios de verificar rigorosamente a lisura de conduta dos que pleiteiam ajuda.

O SR. JUSCELINO KUBITSCHKEK está subestimando o nível mental do povo brasileiro, como se vê pelo decreto proibindo as nomeações até outubro, mas publicado somente depois de feitas as nomeações que atendessem aos interesses de certos políticos situacionistas.

O SENADOR APOLÔNIO SALES acha que uma lei de fidelidade é sempre «uma faca de dois gumes», o segundo suscitando dúvidas quanto à definição do regime democrático que vai aplicá-la. Mas — adverte — os comunistas não estão dormindo...

ENQUANTO MINAS GERAIS contava com 2.366.606 eleitores em 1954 e Belo Horizonte com 164.845 em 1955, os dados do T. R. E. de 30 de abril último, acusam apenas 977.957 eleitores inscritos em todo o Estado, pelo novo alistamento, aparecendo o eleitorado belorizontino com apenas 144.599.

APÓS A FILMAGEM DE «Terras do Sem Fim» e anunciada a de «Mar Morto», outro romance de Jorge Amado está sendo cotado para a tela: uma empresa cinematográfica paulista pretende filmar «Capitães de Areia».

A BARRAGEM DE TRÊS MARIAS deverá ficar concluída dentro do prazo previsto, em 1961, ainda mais que em sua construção está funcionando o maior equipamento já empregado no Brasil em um só canteiro de obras. A barragem terá 2.700 metros na crista e uma altura máxima equivalente a um edifício de 25 andares.

PTB DO GETÚLIO é a curiosa denominação da dissidência petebista de Araguari (MG), da qual participam algumas pessoas com títulos de doutor e professor.

OPINANDO SOBRE A APLICAÇÃO da pena de morte no Brasil, o Padre Emílio Silva, professor da Pontifícia Universidade do Brasil, declarou que a ignorância do povo não é obstáculo à implantação da sentença capital.

MESMO ANTES DA PUBLICAÇÃO do balanço do Banco da Lavoura de Minas Gerais, em maio último, já se admitia que aquele estabelecimento de crédito havia atingido o montante de 10 bilhões de cruzeiros em depósitos.

CHAMARAM APENAS DE OSVALDO o maquinista que, perto de Bom Sucesso (MG), atirou-se debaixo de um trem em movimento, para salvar um garoto apanhado pela composição. Antes, a mãe do menino morrera esmagada quando tentava puxar o filho de sob o trem; Osvaldo salvou a criança mas recebeu graves ferimentos.

A MINEIRA, DE MARIA DA FÉ, Drª Chana Malogovkin conseguiu aplausos internacionais, após 2 anos de estudos em universidades americanas, onde realizou importantes pesquisas sobre a genética das mósas de frutas. Convidada a permanecer no estrangeiro, a Drª Chana preferiu continuar suas pesquisas no Brasil.

EM PORTO ALEGRE, a Cia. de Energia Elétrica, subsidiária do mesmo grupo internacional a que está filiada a «Fôrça e Luz» de Belo Horizonte, (Bond and Share), está sendo acusada de ter lesado o Fisco nacional em mais de 780 milhões, além de outras gravíssimas irregularidades que teriam produzido incalculáveis prejuízos à economia nacional. O Governo gaúcho está promovendo a encampação daquele ramo do mais detestado «trust» que opera no Brasil.



RUGÓL

2 cremes em 1

Limpa e embeleza a
cútlis. Dá maravilhosa
brancura e esplendor de
juventude.



**CREME
Rugól**

MANTEM EM SEGREDO SUA IDADE!

Extrações para Julho

FEDERAL		
Dia	Prêmio Maior	Prego Inteiro
2	4.000.000,00	520,00
5	5.000.000,00	620,00
9	4.000.000,00	520,00
12	5.000.000,00	620,00
16	4.000.000,00	520,00
19	5.000.000,00	620,00
23	4.000.000,00	520,00
26	4.000.000,00	520,00
30	4.000.000,00	520,00
MINEIRA		
Dia	Prêmio Maior	Prego Inteiro
4	2.000.000,00	400,00
7	2.000.000,00	500,00
18	2.000.000,00	400,00
25	2.000.000,00	600,00

Pronta remessa pelo correio, mediante cheque ou vale postal — Não mande dinheiro em registrado simples. De onde quer que você resida, peça o seu bilhete premiado

AO

**CAMPEÃO DA
AVENIDA**

**CAMPEÃO DAS SORTES
GRANDES**

Av. Afonso Pena, 770 — Caixa
Postal 225 — End. Teleg.
"Campeão"

CARTAS À REDAÇÃO

Assíntota e Outras Coisas

LEITORA assidua dessa revista, gostaria que me respondessem quais os significados das seguintes palavras: assíntota, ar-

mintá, polietileno, pampano. Além disso, pergunto qual o nome completo de Goethe e qual o padroeiro de Uberaba.

JASMELIA WATEU LUCIAMIL — ARCADAS — SP

• ASSINTOTA é uma linha reta que se aproxima indefinidamente de uma curva que se afasta para o infinito, sem jamais encontrá-la; o mesmo nome é dado aos ramos de uma curva que não podem encontrar-se, por mais que se aproximem; figuradamente, assíntota designa o caminho que se aproxima de um fim sem jamais o alcançar. ARAMINTA não existe: existem ARAMINA (planta malvacea conhecida por carrapicho) e ARAMITA (índio de uma tribo do litoral da Bahia). POLIETILENO é um composto orgânico derivado dos óleos minerais. PAMPANO é um pequeno peixe fluvial, também chamado pampo; também é nome das hastes da videira cobertas de folhas. O nome completo de GOETHE era Johann Wolfgang Goethe. UBERABA foi fundada sob a invocação de Santo Antônio.

Florbela Espanca

GRANDE admiradora da notável poetisa Florbela Espanca, desejaria obter sobre ela alguns dados: sua nacionalidade, a épo-

ca em que viveu, quais as suas obras e, sobretudo, onde poderia encontrá-las.

MARIA FERREIRA — ITAÚNA — MG

• Florbela Espanca, poetisa portuguesa, nasceu em fins do século passado, vivendo até o início deste. Escreveu "As Máscaras do Destino" (contos), "Cartas", "Versos", "O Domínio Negro" (lançado em Évora), e "Sonetos Completos". Este último, subdividido em vários livros, foi editado pela Livraria Gonçalves de Coimbra, cuja depositária no Rio é a Livraria H. Antunes (Av. Marechal Floriano, 39).

A Opinião do Leitor

SUGIRO a publicação, em cada número, de reportagens focalizando as cidades mineiras, mostrando aos montanhese, ao Brasil e ao mundo, o que possui a terra das «alterosas». Em cada burgo existe algo que deve ser

mostrado aos mineiros e, como em Minas, a única revista nossa que tem penetração é ALTEROSA, seria deveras interessante, dentro das normas da boa ética jornalística, mostrar a todos as belezas de Minas Gerais.

GERALDO MENDES — SANTOS DUMONT — MG

POR QUE não publica a maioria dos jornais e revistas do Brasil, inclusive ALTEROSA, fatos relacionados com a pobreza? Não poderiam colocar, entre várias outras, reportagens sobre os pobres que dormem nas calçadas, por não terem lares? Sobre os estudantes impossibilitados de fazer certos progressos? Não res-

ta dúvida que todo periódico deve ter sua parte social. Mas nunca esquecendo as notícias comuns, que agradam a qualquer leitor.

Aproveito para juntar à minha opinião, dois pedidos: por que não publicam na capa uma fotografia de Brigitte Bardot? E não poderiam fornecer-me o endereço da mesma?

LINDENOR ALVES DA SILVA — BELO HORIZONTE

• Inicialmente, os nossos agradecimentos. Depois, o endereço de Brigitte: 77, Avenue des Champs-Élysées, Paris, VIII^e. — França — Aos cuidados de "Unifrance Film". É necessário escrever em francês.

Isto é que é

PREÇO

do tempo do onça...



100 MIL CRUZEIROS de economia em cada inserção de uma página!

ESTA é uma mensagem preparada especialmente para o anunciante que usa a propaganda direta, distribuída pelo Correio. Mas interessa, também, a todos os demais anunciantes pelo que encerra de expressivo e documentário da única coisa que tem podido resistir, no Brasil, aos efeitos arrasadores da inflação: o anúncio em revistas.

Contra fatos não há argumentos e assim apresentamos os resultados de um confronto entre o custo de uma página em ALTEROSA e o preço que o anunciante brasileiro deve pagar para remeter a sua mensagem, pelo Correio, considerando-se a hipótese de que já tenha reunido um fichário com 60.000 endereços selecionados.

Custo de 60.000 volantes do tamanho de uma página de ALTEROSA, impressos de um só lado, em papel acetinado nacional de segunda (inferior ao da revista) de acordo com a tabela do Sindicato das Indústrias Gráficas de Belo Horizonte ..

Cr\$ 25.500,00

Custo de 60.000 envelopes tipo "Comercial" branco

16.000,00

Taxa postal para a remessa

57.000,00

Despesa, com salário mínimo, para endereçar e expedir

19.500,00

CUSTO DA PROPAGANDA DIRETA

Cr\$ 118.000,00

PROPAGANDA EM REVISTA — Custo de uma página contendo a mesma mensagem, com idêntica tiragem, aos leitores de ALTEROSA

Cr\$ 18.000,00

LUCRO DO ANUNCIANTE EM CADA INSERÇÃO

Cr\$ 100.000,00

Além da substancial economia acima demonstrada, terá ainda o anunciante outras vantagens apreciáveis: economia de tempo e de trabalho, maior duração da mensagem e a certeza de que esta atingirá, em sua totalidade, leitores selecionados.

Anuncie por muito menos e com mais eficiência, utilizando

Alterosa

A revista da família brasileira

ADMINISTRAÇÃO — Av. Afonso Pena, 941 - 4º andar - C. Postal 279 - B. Horizonte
Publicidade no Rio — Ulisses de Castro Filho — Fone 26-1881
Publicidade em São Paulo — Newton Feitoza — Fone 33-1432



Falta de apetite é falta de saúde!

Reaja contra a fraqueza e o desânimo produzidos pelo pouco apetite

Tome às refeições um cálice de

ÁGUA INGLÊSA

FONTOURA

Tônico-Aperitivo
tradicional



Fórmula
revigorante
indicada
para todos os
casos de
debilidade
causados
pela falta
de apetite,
na gravidez
e nas
convalescenças.

O misterioso fim de Mr. Ross

Ele a amava demais para acreditar que ela fôsse uma espiã — Inútilmente Eugênio Dollmann previne Mr. Ross contra a condessa Superina — Um dramático episódio da espionagem soviética de após-guerra.

— Nesta estação — disse Dollmann — tôdas as folhas estão vermelhas.

Cada vez que Eugênio Dollmann, o Dr. Eugênio, como ele gostava que o chamassem, pronunciava uma frase, poder-se-ia perguntar se aquelas palavras escondiam um outro sentido, alegórico. As folhas, na verdade, formavam um tapete úmido e mole de colorido uniforme, naquela grande alamêda do parque de Klessheim.

Do lugar onde estavam não podíamos ver o castelo. Mas ele deveria distar dez minutos apenas, se tanto, da estrada; apesar da minha insistência em visitá-lo Eugênio se excusava, e dizia que a hora não era própria, e que, além disso, devido às condições a que estava reduzida aquela construção, não valeria a pena que nos preocupássemos com isso.

O ARROZ DE MUSSOLINI

Klessheim, nos últimos anos que precederam a guerra, poderia ser considerado como espécie de «Villa Madama» do Terceiro Reich. Em abril de 1943, na época do encontro de Salsburgo, fôra destinada para residência de Mussolini e entre aquelas paredes desenvolvera-se um importante convênio secreto entre o «duce» do fascismo e Himmler, durante o qual o chefe das SS advertira Mussolini do golpe que estava sendo preparado na Itália.

Mas, se esse convênio fôra estéril em resultados para a História, isto não tirava a sua importância aos olhos do que fôra um dos seus organizadores, isto é, aos olhos de Eugênio Dollmann, ex-coronel das SS, ex-adido da embaixada alemã em Roma, ex-intérprete de Hitler, ex-conselheiro secreto de Himmler na Itália.

— Quanto «ex», disse Dollmann secamente, assentando-se sobre um banquinho de pedra cinza, gasto pelo tempo.

— Por essas alamêdas — prosseguiu Eugênio com o mesmo tom

de voz — passeava a amiga do monsenhor arcebispo de Salsburgo, que mandou construir o castelo precisamente no início do século XVIII, para defender sua dama dos olhos indiscretos. Aquela, continuou ele, estendendo o braço, é a torre da «favorita», onde se achavam seus aposentos particulares, que dois séculos depois foram ocupados pelo «duce» fascista.

Então, Mussolini só comia arroz. Pratos de arroz ao meio-dia e à tarde, tanto que os camareiros chamavam-no, por brincadeira, de «duce do arroz» do mesmo modo que «duce do fascismo».

Dollmann se erguera e como se tivesse esquecido que se recusara a acompanhar-me ao castelo, encaminhou-se lentamente para o centro do parque.

— Aqui estamos, disse ele pouco depois.

O castelo, com efeito, erguia-se diante de nós como se tivesse emergido, inesperadamente, das árvores. Um pequeno espaço arenoso nos separava da ampla escadaria central de puro estilo barroco.

Foi quando um cão-lôbo, saído não se sabe de onde, precipitou-se sobre nós e pude notar então, maravilhado, como, a um simples assobio de Dollmann, o cão parou de repente e aproximou-se abanando a cauda e lambendo a mão do meu companheiro.

— Os verdadeiros cães, disse Dollmann, são os homens.

Naquele momento, um homem, que devia ser o guarda, veio até nós para explicar que a luz elétrica do castelo não funcionava e que deveríamos nos contentar com a claridade de uma vela.

Dollmann continuou:

— Os cães tiveram muita importância na minha vida. Eu não desaprovo os americanos de me terem feito prisioneiro de guerra. Apesar de me deverem, se bem que em parte, o armistício, estavam no seu direito. Mas o meu cão não tinha culpa disso. Só porque fui aprisionado, em

Irving Ross, agente do serviço secreto americano em Viena, foi assassinado, misteriosamente, em fins de outubro de 1948. Seu cadáver foi encontrado, bárbaramente mutilado por trinta golpes de baioneta, no setor russo da cidade, próximo à estação rodoviária do sul. Ele fora visto, pela última vez, em seu automóvel, em companhia de sua intérprete e secretária, a condessa Dana Superina, refugiada da Iugoslávia e ex-dama de companhia da esposa do príncipe Paulo da Iugoslávia.

Os resultados dos inquéritos efetuados naquele tempo pela polícia ocidental não mais foram levados em conta. No verão de 1951, Eugênio Dollmann, que conhecera Ross alguns meses antes de sua morte, propõe-se a conduzir pessoalmente um inquérito na Áustria, para tentar resolver esse mistério. O relato desse inquérito irá constituir o livro intitulado "Um herói vil", que Dollmann está ultimando.

Dollmann foi companheiro de viagem de Enrico Roda, enviado pelo semanário "Oggi" à Alemanha, e, devido a isto, pretende relatar aos seus leitores tudo o que pôde descobrir a respeito do mais romântico caso de espionagem do pós-guerra.

maio de 1945, juntamente com o general Wolff, na cidade de Bolzano, supus que pudesse assistir ao golpe de misericórdia sobre a cabeça de meu pobre Freddy; mas um sargento americano, além de não ouvir o meu pedido, afastou-o com um pontapé. E a última recordação que tenho de meu amigo é o seu ganir lamentoso, enquanto se afastava coxeando e desaparecia para sempre de minha vista.

— Os americanos não gostam de cães, não é, Peter? — prosseguiu Dollmann virando-se para o homem que nós seguíamos e que tentava iluminar com uma vela aqueles esplendores abandonados.

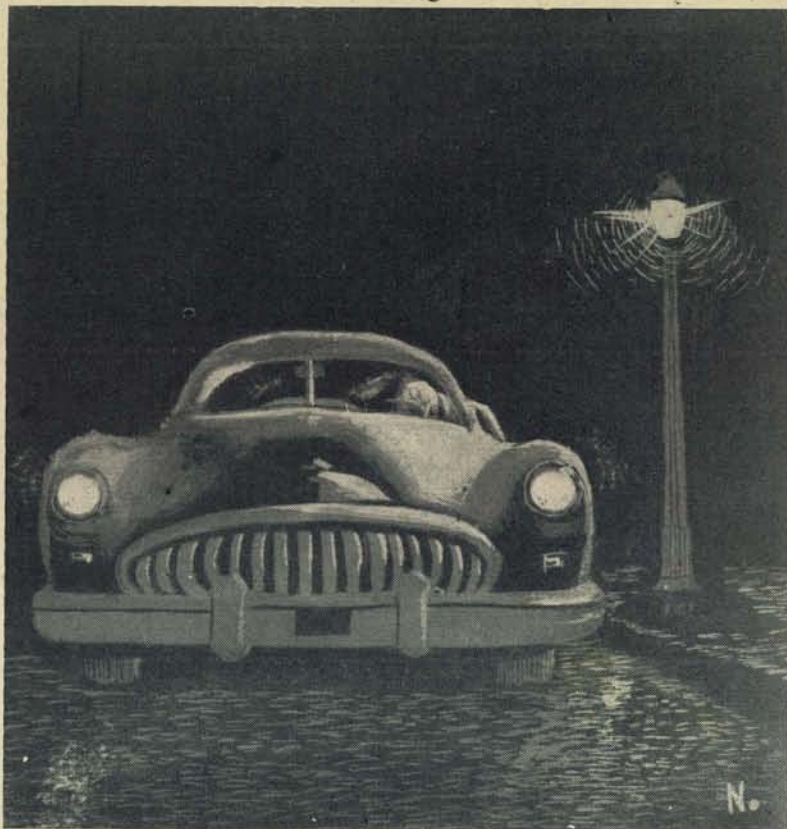
— «Jawohl, herr doktor», replicou Peter a rir. Os americanos não gostam mesmo de cães. E o pontapé de um «MP» custou aos americanos mais de uma batalha perdida.

Dollmann não respondeu logo. Procurou em torno um divã sobre o qual pudesse sentar-se, depois de despedir Peter com um gesto seco que revelava o hábito de mandar. Fiquei, portanto, só com ele na obscuridade do grande salão.

A CONDESSA SUPERINA

— Esta história, que só mesmo eu poderia lhe contar, ocupará algumas

(Continua na pag. 59)



Diario

de

Minas

O

MAIS COMPLETO
MATUTINO DE
MINAS GERAIS

AMPLO serviço informativo do país e do exterior, colaboração especial dos mais renomados comentaristas do mundo, reportagens nacionais e estrangeiras, esportes, cinema, rádio, sociedade, etc. O melhor suplemento dominical, com seções femininas.

ASSINATURAS:

Ano Cr\$ 300,00

Semestre Cr\$ 175,00

ADMINISTRAÇÃO

RUA CARIJÓS, 150 - 3.º
BELO HORIZONTE

Bodas de Prata e casamento em S. João Nepomuceno

O casal Nilo Rocha e D. Nice Toledo Rocha comemorou, em abril passado, em São João Nepomuceno, as suas bodas de prata, ocasião ainda mais realçada pelo casamento de sua filha Mabel Toledo Rocha com o Sr. Horácio Pereira da Cruz. O Sr. Nilo Rocha, operoso líder da imprensa, chefe de contabilidade da Prefeitura de São João Nepomuceno e sócio-proprietário da "Voz de Nepomuceno", conta com vasto círculo de relações, tanto assim que viu comparecer aos seus festejos de significação familiar inúmeras pessoas de destaque, inclusive o Dep. Carlos Luz, o Prefeito de Ubá e prestigiosas figuras daquela cidade. Ao comemorarem o novo casamento é o de 25 anos, o nosso confrade e sua esposa receberam mais de 300 telegramas congratulatórios, notando-se entre eles os que traziam a assinatura do Presidente da República e de D. Sarah Kubitschek. O flagrante mostra o casal Nilo Rocha-D. Nice Toledo Rocha num momento da missa de ação de graças pelas suas bodas de prata.

Lucila fêz 15 anos



Os 15 anos da Srt^a Lucila de Moraes foram a razão de concorrida festa em que a aniversariante dançou pelo braço do pai, o médico e industrial Dr. Mário de Moraes, figura de grande realce na sociedade mineira e membro da diretoria da Federação das Indústrias de Minas Gerais. Ao ensejo do aniversário, a residência do Dr. Mário de Moraes recebeu destacadas personalidades do mundo social montanhês, bem como expressivas figuras do comércio e da indústria belorizontina, notando-se, entre outras pessoas, a presença do Sr. Theódulo Pereira, Presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais; Dr. Lídio Lunardi, Presidente da Confederação Nacional da Indústria e Dr. Marcelo Coimbra Tavares, chefe do Serviço de Divulgação do SESI. O flagrante dá uma idéia da satisfação do Dr. Mário de Moraes e sua filha, vendo-se que Lucila traz consigo uma flor, símbolo, diremos, da bonita idade em que ela ingressou.

«Nailotex» pôs elegância na passarela

Ganhou aspecto de importante acontecimento social o desfile de modas promovido pela indústria paulista "Nailotex", ocasião em que os simpáticos manequins bandeirantes Susy e Anick desfilaram na passarela do "Ambassy Hotel", vestindo modelos "Nailotex", confeccionados em tecidos daquela indústria. Estiveram presentes destacadas figuras do comércio e do mundo social de Belo Horizonte, representantes da imprensa, do rádio e da TV, os quais, unanimemente, expressaram viva admiração pela elegância dos 20 modelos apresentados. O clichê acima dá uma idéia tanto da perfeição dos modelos como da graça dos manequins que os exibiram no desfile da "Nailotex", indústria que, graças a um inteligente programa de melhoria da sua produção, está se colocando à altura das maiores organizações mundiais especializadas na fabricação de tecidos de "Nylon".





«As Mamães de 1958»

D. ANA ROSA NAVES, eleita "Mãe Brasileira do Ano" pelos nossos confrades de "O Globo" (Rio) e do "Diário de Minas", é mineira de Araguari. Ela padeceu durante largo tempo, no físico e na alma, por causa do erro judiciário que condenou os seus filhos Sebastião Naves e Joaquim Naves por um crime que não cometeram. Mas, por 15 anos, D. Ana Naves manteve inabalável a sua confiança em Deus, sobrevivendo a todas as amarguras, até ver reabilitados os nomes dos seus filhos. Há uma significação de dignidade e da predominância do bem na sua escolha para a "Mãe Brasileira de 1958", e, por isso, as homenagens que lhe foram prestadas tanto no Rio como em Belo Horizonte traduzem, no sentido do povo, toda a majestade da justiça. O clichê é um flagrante de D. Ana Rosa Naves recebendo, no Palácio das Laranjeiras, Rio, o collar e o diploma de "Mãe Brasileira do Ano", conferidos por D. Sarah Kubitschek.

D. HELENA INÁCIO ROSA, a "Mãe Mineira de 1958" conta apenas 40 anos de idade. Mora numa casa modesta da legendaria Santa Luzia do Rio das Velhas, dizendo-se muito feliz com os seus 16 filhos, embora tenha saudades dos 4 que a morte levou. Sua eleição para a "Mãe Mineira de 1958" se fez em concurso promovido pelo "Estado de Minas", proporcionando o encontro das tradições da família montanhesa com uma das suas mais dignas representantes. Houve uma porção de coisas bonitas nas solenidades em que foi proclamada a "Mãe Mineira de 1958", assim como foram de uma beleza simples, mas eterna, aquelas palavras ditas por D. Helena Inácio Rosa, referindo-se ao papel das mães: "Sofrer é a coisa mais natural deste mundo. Milhares como eu, por esse mundo, a fora, devem ter tido inúmeros maus pedaços de vida, mas isso não nos outorga o direito de nos considerarmos mártires".

Desenhistas (bons) fizeram cartaz de investimentos

Sagrando-se vencedores do Concurso de Cartazes alusivos à I Conferência Internacional de Investimentos e Financiamentos, os desenhistas Adão Pinho Tavares, Hélio Faria, Hécio Noguchi e Rafael Siqueira foram o motivo de uma cerimônia realizada no salão da presidência da Federação das Indústrias, em Belo Horizonte, onde receberam os prêmios por seu trabalho. A ocasião foi marcada pela presença do Sr. Theódulo Pereira, Presidente daquela federação, e dos industriais Fábio Campos Mota e José Cavalini, sendo que este, dirigindo-se aos desenhistas, pôs em destaque o mérito de sua colaboração artística — bem como da imprensa — para o estímulo da Conferência, a se realizar neste mês. Além das palavras do jornalista Hélio Adami de Carvalho, em nome dos confrades presentes, houve um rápido discurso do Sr. Hélio Faria, que, falando pelos desenhistas, agradeceu aos promotores do certame os prêmios oferecidos. No clichê aparecem (ao centro) os Srs. Theódulo Pereira e José Cavalini, ladeados pelos desenhistas Adão Pinho Tavares e Hélio Faria (à esquerda); e Hécio Noguchi e Rafael Siqueira, (à direita).



Empréstimos do IAPC exigem desconforto

A Previdência Social deu, mais uma vez, a sua nota humilhante, quando, na Capital mineira, dezenas de comerciantes formaram extensa fila à porta da delegacia do IAPC, a fim de se inscreverem — no dia 24 de abril — como candidatos aos empréstimos daquela autarquia. Principiando no dia 21, a fila ganhou corpo rapidamente, à proporção que chegavam novos candidatos buscando os magros empréstimos, ditos assim porque concediam, no máximo, a quantia de 30 mil cruzeiros. Em sua maioria, os pleiteantes eram associados às voltas com problemas de habitação, ou sob as garras de agiotas, mas todos esperavam remediar a penúria financeira com empréstimos que não fazem justiça aos ininterruptos recolhimentos compulsórios aos cofres dos institutos. Varando noites e dias, em longa espera, os candidatos revelaram a paciência de Jó, usando jogos de baralho, sovadas conversas e lapsos de sono para matarem o tempo, até quando viesse a burocrática hora das inscrições. No flagrante acima, aparece a cabeça da fila, vendo-se o contribuinte (de óculos) que a iniciou, exatamente às 7,10 h do dia 21 de abril.



DINAH SILVEIRA
DE QUEIROZ

(Extraída do "Diário
de Notícias")

expedita

NA viagem a São Paulo, de onde estamos chegando, ficamos conhecendo uma flor humana, batizada por Expedita. Expedita — que pelo nome não se perca — era o ser que subia, descia escadas, levando à cronista doente recados do telefone que soava sem cessar. Durante esses dias de febre e de sossêgo Expedita revelou-nos sua personalidade. Deixem-me dizer como é essa menina de onze anos: uma caboclinha loura de olhos claros, cabelos lisos. Pela cor dos olhos, de um verde água, na coloração da pele, e naquele tom dourado da cabeleira, espia o emigrante europeu. Mas o fundo racial é mesmo o do índio: o rosto largo, chato, o nariz, o corte dos olhos. Não digam que a mistura fez de Expedita uma menina feia. Ao contrário. Ela tem qualquer coisa de anjo que outras meninas de sua idade já não possuem — candura. Expedita é a última pessoa no mundo que tem saudades da enxada e manifesta à cronista a sua admiração:

— «Aquilo que é vida boa, Dona! Tudo solto, todo mundo de peito aberto. Se a senhora visse quando a gente vinha da roça. Que folia!»

Mostra-nos a mão pequenina e calejada:

— «Eu tenho mão santa prá plantar. O pai sempre dizia. Tudo o que eu planto — não tem perigo! — cresce que é uma beleza!»

Expedita tem oito irmãos, todos pequeninos. Uma desgraça carregou seus pais até a Santa Casa de São Paulo. A mãe morreu. O pai está gravemente doente, condenado a poucos meses de vida. E Expedita — olhos cheios de luz e de lágrimas — conta como morreu sua mãezinha:

— «Ela chamou nós tudo. Abraçava a gente, e chorava e dizia: — «Meus filhinhos, vocês não se larguem. Fiquem sempre uns com os outros, que é prá força do meu amor não se perder em vocês. Façam tudo prá ficar sempre juntos!»

Expedita soluça baixinho:

— «Quando a Mãe morreu, lá na Santa Casa, o Pai pôs nela a fita do Sagrado Coração...»

E termina inocente:

— «A Mãe, então, ficou tão alegre!...»

Como poderia ser mantido esse desejo de união dos filhos que a pobre mãe, antes de morrer, manifestara com tanta firmeza?

Logo que ela fechou os olhos, começou a dispersão da família. O pai, internado no hospital, não poderia tomar conta dos filhos. E eles foram dados a uns e a outros pela boa freira que escolhia as casas para as crianças. No domingo, Expedita vai visitar o pai e lá se encontra com os irmãozinhos, também levados em visita. Volta desesperada. E porque não tem altura para alcançar as injustiças da vida, chora longamente, dizendo:

— «Eu quero ir para casa! Eu quero meus irmãozinhos. A mãe disse prá gente não se separar NUNCA!»

Com muito custo procuramos acalmar a menina:

— «Enquanto vocês forem amigos — você e seus irmãos — será como se vivessem juntos».

Mas nós sabemos que isso é uma torpe mentira. Que em breve essas nove crianças tomarão rumos diferentes, crescendo como estranhos. Era essa a Morte que a mãe de Expedita receava, não a que a levou: a morte da memória de seu amor, o bem do carinho materno, como atmosfera comum, perdido para sempre. Por isso, quando a menina entrava e saía do quarto, nós a seguíamos com olhar triste.

O apêlo da moribunda ainda habitava nela, PRA' FÔRÇA DO MEU AMOR NÃO SE PERDER. Mais tarde já a voz seria esquecida. E Expedita seria um ser avulso, solitário, dentro da vida — o elo perdido de um pobre lar de que ninguém mais se lembra, de que ninguém mais fala.



amanhã ele se alegrará...



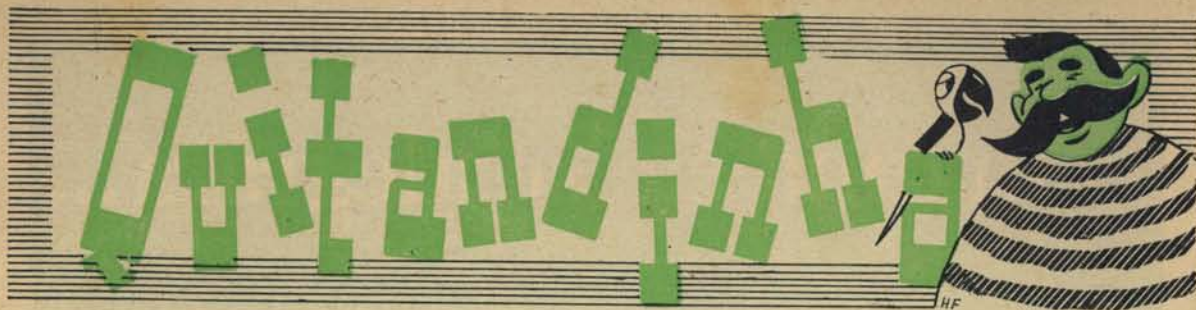
*...sim, amanhã ele se alegrará
por ter começado hoje a usar Kolynos!*

Graças à Proteção Extra da espuma
anti-enzimática de KOLYNOS, ele terá
dentes mais fortes, brancos e sadios. E somente
KOLYNOS deixa na boca uma
Sensação Extra de frescor.



Um minuto diário com KOLYNOS...
proteção a vida inteira
para toda a família!

economize adquirindo o Tamanho FAMÍLIA



E ASSIM COMEÇAM...

Voltando do primeiro baile de sua vida, o brotinho de 15 anos, foi submetido a verdadeiro interrogatório por suas irmãs mais velhas. Perguntaram-lhe, antes de tudo, se o baile correria bem, e se ela havia dançado constantemente.

— Foi ótimo — respondeu a mocinha — mas ainda teria sido melhor se dois rapazes não houvessem brigado para dançar comigo.

— Disputada, hein? — comentou uma das irmãs. — Conte-nos como foi isso!

— A briga começou quando um dos rapazes deu um sóco no outro, dizendo «é você quem vai

dançar com ela, ouviu?», mas, logo, o atacado respondeu com um sopapo ainda mais forte, e gritou: «Não, é você quem vai dançar com esta coisa, e tá acabado».

E quando um rapazinho dos seus 14 anos começou a ficar decididamente corcunda, o seu pai observou-lhe:

— Acho que de tanto estudar debruçado sobre os livros você está ficando arqueado como um camelo.

— Não é por estudar — explicou o rapaz, com honestidade, — mas, sim, porque eu ando bei-

jando umas mocinhas muito baixas.

Com deslumbamento, alguns convidados estão admirando as riquíssimas tapeçarias com que um de seus amigos acabara de decorar a sua sala-de-visitas. De repente, o caçula da família entra na sala, trazendo consigo um pedaço de carvão, e, sem nada dizer, desenha um enorme elefante sobre os aplaudidos tapetes.

Um convidado indiscreto não se contém:

— Mas é incrível o que este menino acaba de fazer!

— Nada — retruca o pai do pequeno vândalo — imagina você que este menino até hoje viu apenas um elefante de circo...

Querendo ir além do seu dever, certo regente de disciplina de uma escola deu início a uma campanha de moral entre os alunos e alunas da instituição onde trabalhava. Um dia, deparando, na hora do recreio, com certa mocinha em ardentes termos amo-

rosos com um colega de aula, principiou a censurá-la:

— O que está fazendo, filha do Diabo?

E a mocinha, com toda calma, respondeu, ferina:

— Por que pergunta, meu pai?

QUESTÃO DE TRATO



PALAVRAS A GRANEL

O homem foi ter com o rapazinho, num bairro distante, e começou a falar assim :

— Por fa-fa-vo-quer me di-di-zer on-de-de fi-fi-ca o qua-quar-quar-tel do cor-cor-po de bom-bom-bei-bei-ros ?

O rapazinho fita o homem por um longo instante. Morde os lábios. E pensa, no que não se sabe. Finalmente, responde, mas acenando a cabeça num gesto de quem não sabe de nada.

— En-en-tão vo-vo-cê não sa-sa-be mes-mesmo ?

O rapazinho continua calado. Limita-se a fazer novo gesto ne-

gativo, ainda com a cabeça.

— Pa-pa-ci-ência — concorda o homem — e, mu-mu-mui-to o-o-bri-bri-ga-do.

Vai-se o homem, e alguém que tinha observado tôda a cena, aproxima-se do rapazinho, e o repreende pelo silêncio :

— Por que não disse onde é o quartel dos bombeiros ? Isto é uma coisa que você sabe muito bem, pois conhece este bairro como ninguém...

— E' — responde o rapazinho cautelosamente — mas o sen-sen-hor que-que-ria que que eu le-va-va-sse um bo-bo-fe-fe-tão ?

Entrevistando os candidatos ao emprego de guarda-livros, o gerente de uma firma muito importante procurava a maneira mais diplomática de dizer não a um rapaz tímido e gago.

— Você tem ótimas referências — dizia o gerente — mas, pelo que verifiquei nesta entrevista, você gagueja demais. Isto foi só agora, ou é permanente ?

— Nã-nã-não sin-sin-hor — tornou o candidato, fazendo bravos esforços — é-é sô-sô-sô-men-men-te quan-quan-do fa-fa-lo, mas quan-quan-do es-cre-cre-vo, nã-nã-não.

O RISO É LEGAL

Dizendo-se vítima de furto de galinhas, certo indivíduo apresentou queixa, na policia, contra o seu vizinho, alegando que vira no galinheiro do outro várias aves idênticas às desaparecidas.

— Quer dizer — observa o delegado — que você está acusando diretamente o seu vizinho, como autor do furto ?

— Isso mesmo.

— Ora, mas você não acha que o indício é muito discutível ? — pergunta o delegado, acrescen-

tando, em seguida : — Eu mesmo possuo várias galinhas parecidas com as que lhe furtaram.

— Taí, eis a prova — exclama o queixoso. — Pois não é a primeira vez que carregam com as minhas galinhas...

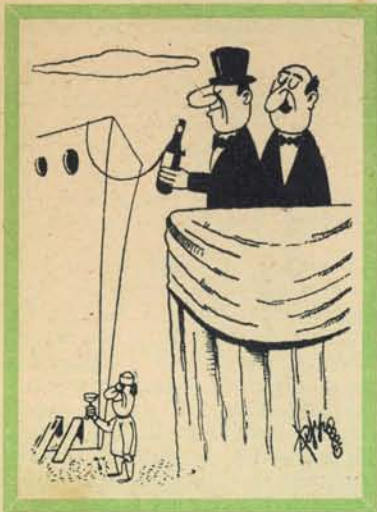
Fazendo o sumário de um pequeno processo, aquele juiz dizia ao acusado :

— O x da questão está aqui : você insultou o seu vizinho, chamando-o de «porco».

— Não vejo por quê — replica o acusado. — Eu o chamei por aquele nome sem intenção, o senhor sabe, assim como diria qualquer outra coisa.

— E' possível, é possível — diz o juiz conciliadoramente — mas, de qualquer forma, é um insulto.

— E' nada — explicou o homem. — Eu o chamei de «porco» involuntariamente, assim como diria aquele mesmo nome ao senhor...





A estigmatizada de Konnersreuth

É MANHÃ de sexta-feira, e por caminhos e estradas já principiou a romaria semanal a Konnersreuth. Ao meio-dia, já se contam aos milhares os que foram ter ao vilarejo bávaro (Alemanha), tão pequeno que está ausente da maioria dos mapas. Todos vieram para ver estranhas coisas: milagrosas na opinião de muitos; simples consequências de causas naturais, no entender de outros.

O estranho vai acontecer num simples quarto bem-pósto no segundo andar de um sobradinho cor-de-rosa, erigido na praça da aldeia. Na porta há um letreiro conciso: «Ferdinand Neumann, Alfaiate».

Sem demora, uma fileira de gente começa a atravessar a principal sala da casa, um aposento que faz as vezes de alfaiataria, sala de visitas, e de jantar. Onde termina a escada para o segundo andar, encontra-se o Reverendo Naber, com 86 anos, o pároco da aldeia. Ele vai cumprimentando osromeiros, e lhes dá acesso a um pequeno dormitório.

Lá dentro, há uma cômoda, duas ou três cadeiras, uma gaiola e um aquário. Há também uma estreita cama, onde se encontra a filha do alfaiate, com um pano branco envolvendo-lhe a cabeça: é Teresa, a moça que, como se diz, vive sem comer nem beber. Toda sexta-feira, ela sofre a agonia da paixão de Cristo, e, repetindo S. Francisco de Assis, o seu corpo mostra os estigmas das chagas do Nazareno. Essas coisas acontecem quando Teresa revive todos os lances da Crucificação que ocorreu há quase dois mil anos.

O que a maioria dos romeiros observa, em primeiro lugar, são os olhos de Teresa Neumann. Vêm filetes de sangue preto e pisado brotando deles, e descendo, em forma de pequenas contas, por suas faces abaixo.

Os visitantes rodeiam a cama. Os estigmas das mãos, feridas úmidas, negras e escamosas, assim do tamanho de uma moedinha, começam a sangrar muito de leve. O mesmo vai acontecendo nos

pés, onde as manchas, idênticas às das mãos, têm a cobri-las uma espécie de casca leve como uma película.

De repente, o corpo de Teresa, erguido sobre travesseiros, principia a se contorcer. A agonia esgota toda a cor do seu rosto, ao passo que 8 manchas escarlates brotam no pano branco que ela traz à cabeça. E, pausadamente, o Reverendo Naber explica que Teresa, transportada numa visão, está sentindo a coroa de espinhos apertada sobre a cabeça de Cristo.

Com nada a prenunciá-lo, Teresa, agora, é tomada de violentas convulsões, tão fortes a ponto de quase atirá-la fora da cama. E' que, em sua visão, neste momento, os soldados romanos estão açoitando a Cristo. Teresa recebe cada açoitada com um contorcer do corpo e gemidos surdos e abafados. Uma vez. Duas vezes. Mais duas. E vai continuando. Terminado o açoitamento, a sua respiração fica pesada e difícil.

Temos, depois, um novo passo. O cortejo marcha penosamente para o Gólgota. Grossa mancha de sangue pinta de vermelho o ombro direito de Teresa. E volta-se para um garotinho, encontrado na via dolorosa, e diz: «Corra até sua casa, e avise à sua mãe que Ele voltará para casa». Assim dizendo, Teresa está falando o aramaico, a língua daqueles tempos.

E, iniciando os verdugos a tarefa de pregar Cristo na cruz, Teresa sente toda martelada que eles desferem. O sangue preto volta a brotar de seus olhos. A cada pancada do martelo, o seu corpo se contrai, fica retesado. A sua cabeça volta-se-lhe para um lado e outro, a princípio jogada com violência, depois, mais devagar, de minuto para minuto.

A manga esquerda de sua camisola, bem como o fôrrô acolchoado, se empapam de sangue. Teresa acaba de receber a pontada da lança romana bem no seu flanco. De todas as feridas, esta é a mais pro-

funda, e, por suposto, deve ferir até no coração. Ela se contorce quando sacam a lança, de golpe; a sua face é toda de cinza; os maxilares se chocam e se enrijecem, em tormento.

Segue-se a mais profunda exaustão. Ela tomba sobre os travesseiros. O que diz é apenas um cochicho: «Tudo está consumado».

O estertor da morte pode ser ouvido dentro de sua garganta. Se respira ninguém sabe, nem pode sentir. Passam-se alguns minutos, e dos lençóis empapados de sangue sobe demorado suspiro. Termina o êxtase.

Depois de rápido descanso, Teresa passa a um estado cópia do sonambulismo, durante o qual ela seria capaz de prodígios. Dizem que, nestes instantes, Teresa tem o poder de relatar coisas que se passam a muitas léguas de distância; e, da mesma forma, poderia anunciar o conteúdo de cartas lacradas, e de dizer, entre reliquias religiosas, quais são genuínas e quais falsas.

Além do mais, Teresa descreve os acontecimentos bíblicos com riqueza de pormenores, e, frequentemente, em discrepância com as versões aceitas como definitivas. Diz, por exemplo, que viu pessoas excomungadas postas dentro do céu, contradizendo nisto a doutrina de sua própria igreja. De acôrdo com o que muitos afirmam, Teresa fala e entende grande número de línguas, das quais, normalmente, não tem o menor conhecimento. Quando desperta do seu transe, restam-lhe apenas muito vagas lembranças do que aconteceu.



Teresa Neumann faz questão de repetir que nada comeu de alimento, como nada ingeriu de água, a partir de 1927. O que ela diz é causa de acesas discussões, porque os especialistas em medicina o contraditam, dizendo que o ser humano não pode viver, sem água ou alimento, por mais de 14 dias.

Querendo provar o contrário, no caso de Teresa, o Arcebispo de Regensburg mandou que o Dr. Seidl, médico da família Neumann, e mais 4 enfermeiras, mantivessem a moça sob inabalável vigilância durante 14 dias, e em todas as 24 horas diárias. Registraram-se, no decorrer da experiência, todos os dados sobre a temperatura, pulsação, peso, urina, e pressão sanguínea de Teresa. Sua forma de tomar banho limitava-se, então, a uma toalha úmida passada no corpo. Proibiram-lhe de alimentar os seus animais domésticos, e a acompanharam em todas as idas e vindas pela casa.

As conclusões da prova conduzida pelo Dr. Seidl foram publicadas na **Gazeta Semanal Médica de Munich** e no órgão oficial da Diocese de Regensburg. Esclareceram que, em momento algum da vigilância mantida sobre Teresa, esta procedera à ingestão de alimento, ou sequer fizera a menor tentativa de ingeri-lo. Não se consumara, por outro lado, qualquer importante alteração no peso da observada, por se levar em conta que algumas libras perdidas na sexta-feira eram prontamente recuperadas no dia de sábado. Por fim, o relatório mencionava que Teresa se mantivera alegre e bem disposta durante toda a prova, sem demonstrar nenhuma alteração em seu modo ativo e normal de viver. De sua parte, a estigmatizada dá sobre o assunto uma explicação das mais simples: «Alimentar-se é bom, mas a comida dá náuseas no meu estômago. Não tenho apetite, e não preciso de alimento».

Posta agora no centro de debates internacionais, a vida de Teresa Neumann foi muito terra a terra e discreta nos seus primeiros tempos. A moça não deixava entrever nada de fora do comum, e nem dava sinais de conter em si tendências neuróticas.

(Continua na pag. 52)




Itap. 43V1

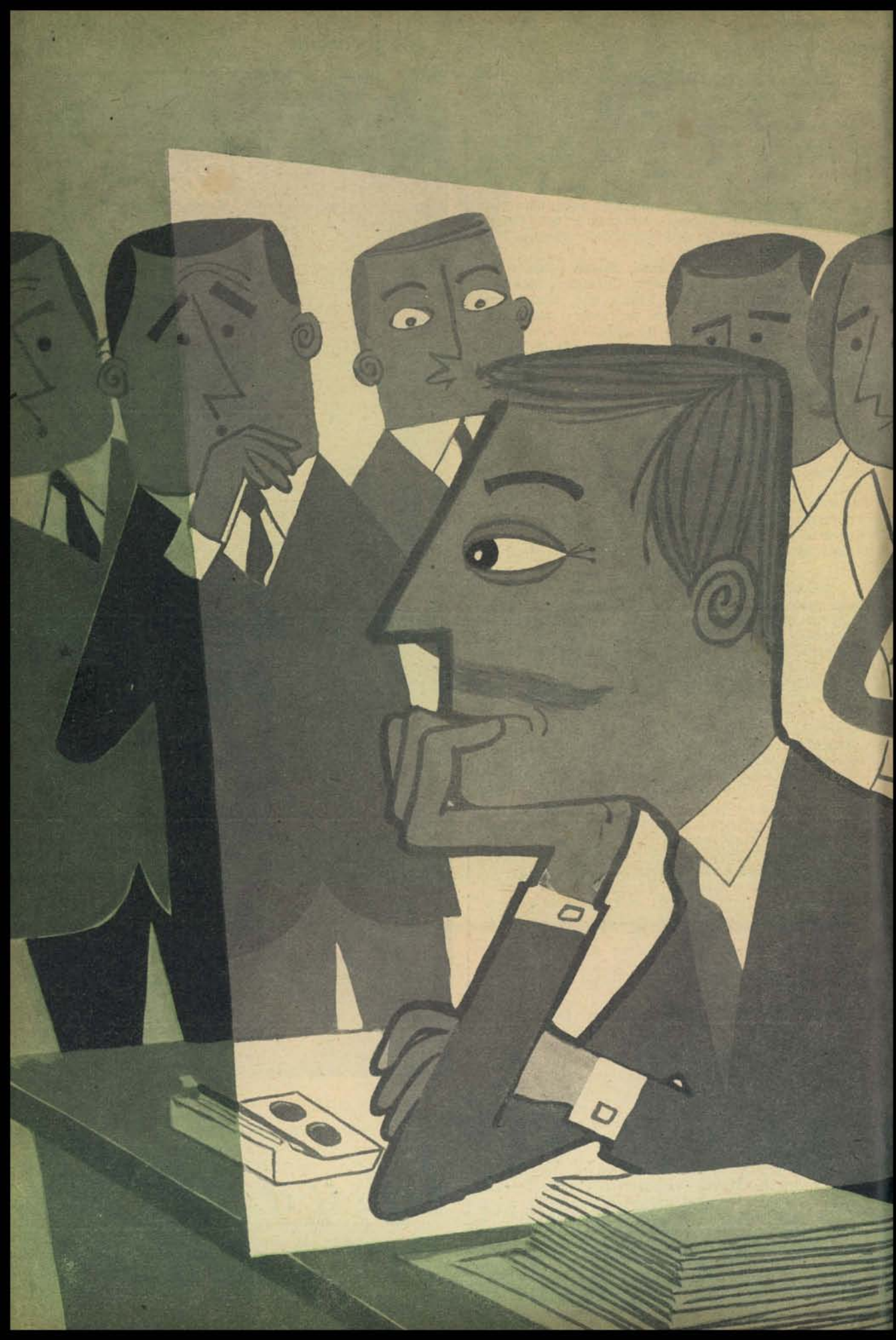
traçada
especialmente para a sua silhueta

Valisère
contato que é uma carícia

Conheça nas boas lojas esta nova coleção — em jersey de rayon ou nylon e várias cores.

E exija sempre esta marca 
— garantia de qualidade dos produtos Valisère.

OS NOSSOS ARTIGOS DE NYLON SÃO CONFECCIONADOS COM O LEGÍTIMO FIO RHODIANTYL




gervásio

Premiado no Concurso da
Cia. de Seguros «Minas-Brasil»

DARCY ALBERNAZ

Ilustrado por PINHO



GERVÁSIO, desde seu primeiro dia de trabalho na repartição, revelou-se um ótimo funcionário. Desmentia mesmo a fama depreciativa que pesa sobre a classe dos funcionários públicos. Enquanto os outros discutiam sobre aumento de ordenados, sobre as próximas férias ou sobre licenças especiais, o dedicado Gervásio, indiferente à conversa geral, curvava-se sobre a mesa de trabalho no afã de concluir as relações e os relatórios pedidos pelos seus superiores. Dir-se-ia que o rapaz não se importava com essas caganifâncias. Tinha, certamente, nos miolos, pensamentos mais sublimes que os rastejantes assuntos de seus colegas. Por ocasião dos acordos sobre os novos vencimentos, enquanto o Poder Legislativo elaborava o respectivo decreto, aquela repartição atingiu o auge da desorganização. Falavam durante tôdas as horas do dia sobre aquele maldito assunto. E enquanto isso, as mesas cresciam em altura com os montes de processos e

O rapaz continuava
com os olhos distantes
e o rosto apalermado.

papéis. Ninguém cuidava de nada. A primeira conversa do dia era:

— Viu em que pé ficou o aumento? Escutou a Voz do Brasil? A Câmara vai se reunir extraordinariamente para estudar o assunto...

E por aí iam. Conversa vai, conversa vem. O Contínuo abria as portas para o público e ninguém se lembrava de que havia um público para ser atendido. Inúmeras vezes Gervásio levantava-se de sua cadeira para fazer o serviço do funcionário encarregado do atendimento ao público, uma vez que as pessoas davam visíveis mostras de revolta diante de tanto desleixo.

Nos quinze minutos de descanso, Gervásio conversava com todos. Metamorfoseava-se por completo. Era um grande brincalhão. Contava piadas, principalmente anedotas de português, de cuja raça descendia o Contínuo da repartição. As funcionárias rodeavam-no e só saíam de perto quando ele anunciava:

— Lá vai uma forte...

Tornava-se necessário o afastamento das delicadas mocinhas, pois a piada em perspectiva era mesmo imprópria para menores e mulheres. Entretanto, a conversa preferida de Gervásio era sobre ciência. Para ele, a ciência estava em primeiro lugar. Explicava tudo cientificamente. Para desespêro do Contínuo, excessivamente religioso, Gervásio passou um dia a explicar o pecado em termos científicos. Para ele o pecado não constituía uma falta no sentido em que entendia o velho português. Era, sim, um desrespeito ao conjunto de leis que regem o universo.

— Esse conjunto de leis é Deus — explicava Gervásio — e um desrespeito a essas leis é um pecado. Por exemplo, sabemos que pelas leis da física o nosso organismo não pode resistir ao levantamento de um pêso de 500 qui-

los. Se um indivíduo levantar êsse pêso, estrangular-se-á. Por quê? Cometeu um pecado e, conseqüentemente, sofreu o castigo.

Quando os russos colocaram na órbita os Sputniks, Gervásio delirou de entusiasmo. Nem por sombra êsse entusiasmo prejudicou o seu sistema eficiente de trabalho. Não! Mas, nos quinze minutos de descanso, não falava outra coisa. Um dia apareceu com uma história que ninguém entendeu. Era sobre, dizia êle, a teoria de relatividade. E explicava que, se o homem fôsse fazer uma viagem interplanetária, conforme a velocidade de sua nave, êsse viajante poderia viver um



dia, enquanto, aqui na terra, nós viveríamos um ano. Dizia também que o tempo variava sempre com a velocidade da nave e se essa velocidade fôsse a da luz, quem estivesse dentro da astronave ficaria imortal. E explicava os motivos, as possibilidades, o que era apenas teoria e o que poderia realizar-se. Todos ouviam, mas ninguém entendia nada. Dir-se-ia que Gervásio tinha uma mentalidade superior ao nível mental dos colegas. Pelo menos, falava uma linguagem diferente...

Certa vez, enquanto todos discutiam os banalíssimos assuntos de sempre, Gervásio bateu nas costas do Contínuo:

— Vamos para Marte, como?

O português riu gostosamente. Gervásio também riu e continuou:

— Se quiser, levá-lo-ei num Disco Voador. E' só você dizer «Vou» e pronto. No primeiro feriado o Disco aterrissará próximo à sua casa e você não precisa nem ter o trabalho de subir no disco. Basta colocar-se debaixo dele — pois êle pára sempre a uma altura de três metros acima do solo — e uma força puxará você para o seu interior. Em pouco tempo estaremos em Marte. Sim, porque vocês não sabem, mas eu sou marçiano... Vim aqui para a Terra há dez anos junto com milhares de outros, com a finalidade de observar a vida de vocês e levar alguns terrenos para o nosso planeta. Tudo com fins pacíficos e visando um estreitamento de amizade...

Gervásio falava com um sorriso nos lábios e o português ria também, enquanto dizia:

— Vou aprontar uma camisa de força, pois logo terei que levá-lo amarrado ao Juqueri.

O rapaz soltou uma gargalhada. E o caso de Marte passou a ser conversa de todo momento, a título de chateação. Gervásio sempre respondia às perguntas, baseando-se na lógica, mas não totalmente sério, o que levava os colegas a brincar mais ainda. Assim passaram-se meses. O Contínuo era freqüentemente convidado a visitar o planêta vizinho e as virtudes do Disco Voador eram comentadas com grande eloquência. Tudo porém terminava em risadas.

Entretanto, Gervásio parecia cada vez mais distraído, como se estivesse prêso a uma idéia longínqua. Certa vez, achava-se assim tão absorto que, por duas ou três vezes perguntaram-lhe algo. Quando tomou assunto, parecia ter despertado de um sonho. Isso passou a preocupar sèriamen-

te os colegas que, na verdade, estimavam o rapaz. O próprio chefe da seção sentiu-se atraído a observar mais de perto aquele funcionário. A parte feminina mostrou-se preocupadíssima, procurando, a todo custo fazê-lo voltar à antiga. Na verdade, porém, Gervásio não mudara muito. Era o mesmo brincalhão e contador de piadas, nas horas vagas.

Num acôrdio tácito, passaram a evitar aqueles assuntos científicos tão ao gosto de Gervásio. Com tato e perícia levavam sempre a conversa para temas corriqueiros, como o último baile, o jogo de futebol, as chuvas ou o calor.

— Ah, por falar em calor, vocês sabem que há possibilidades de o sol «devorar» a Terra, não sabem?

Olhavam uns para outros, murmuravam alguma coisa e procuravam dissipar-se.

O trabalho de Gervásio continuava impecável. Era dono de uma segurança extraordinária, reduzindo a zero o aparecimento de erros em seu serviço. Tudo indicava normalidade absoluta, mas aquela sua conversa e aqueles ares distraídos... era o diabo!

A situação atingiu o auge numa tarde. Achava-se curvado sobre a sua mesa, na posição de escrever, porém, tinha o lápis suspenso e o olhar distante como se estivesse coordenando idéias. O chefe aproximou-se a fim de consultá-lo sobre assuntos da repartição, mas ficou surpreso ao verificar que Gervásio parecia não escutar o seu chamado. O rapaz continuava com os olhos distantes e o rosto apalermado. Atraídos pelo incidente todos os funcionários aproximaram-se. Uns opina-

vam para que se tocasse no rapaz que bem poderia achar-se prês de algum ataque. O Contínuo correu com o litro de álcool, aconselhando que lhe desse a cheirar. As mocinhas tremiam e recorriam aos Santos prediletos. Rodearam a mesa, cochichando seus palpites, mas ninguém ousava tomar nenhuma atitude.

O relógio grande da repartição andou uns dez minutos e a situação angustiante parecia não mudar. Mas, eis que, serenamente, Gervásio voltou ao seu trabalho, tão distraído que não percebeu o aglomerado em torno de sua mesa. Foi só quando o chefe dirigiu-lhe a palavra que ele olhou e disse:

— Que é isso? que é que há?

— Há dez minutos estamos aqui esperando ser atendidos

por você... — declarou o chefe — Que é que houve?

Gervásio riu gostosamente.

— Desculpe, meu chefe, mas eu explico. Quando eu vim

de Marte, há dez anos atrás, colocaram em minha cabeça, aqui no lado direito, um aparelhinho de rádio. É um minúsculo aparelho eletrônico. De quando em quando ouço um chamado de lá e sou obrigado a atender. Agora mesmo estava conversando com meus amigos de lá... Mas agora já estou desocupado e às ordens.

O Chefe da seção tremia, sem saber o que pensar. Estaria o funcionário exemplar divertindo-se à custa dele e de todos? Ou estaria com as faculdades mentais abaladas? O Contínuo afastou-se abanando a cabeça, desoladamente. As funcionárias enxugavam lágrimas furtivas e os moços murmuravam palavras de pesar. Jandira, a morena que olhava

(Conclui na pag. 33)

êste
“segrêdo”
não falha...



ODO-RO-NO

todo dia



Você sentirá mesmo, o dia inteiro, a agradável sensação de após o banho. E o supereficaz ODO-RO-NO lhe estará oferecendo a melhor proteção contra a transpiração e os seus efeitos. É simples e rápido. É inofensivo. ODO-RO-NO nunca irrita a pele, não estraga a roupa. Adquirá hoje mesmo ODO-RO-NO, Creme ou Atomizador.

Faça de

ODO-RO-NO

o seu melhor hábito diário

No cinema francês, o "Oscar" se inspira na Grécia

As "Vitórias" de 1957

Fotos da Unifrance Film

Se o «Oscar» anualmente distribuído pela Academia de Cinema de Hollywood é o mais assinalado dos troféus cinematográficos do mundo, não é menos certo que os prêmios conferidos em outras nações representam os mesmos anseios de valorização do talento artístico. Na Itália, o «Leão de Ouro» já fez justiça

(Conclui na pag. 28)



Beleza moça, Brigitte Bardot sorri com a "Vitória", beleza clássica. Ainda na foto, à esquerda, vê-se o Ministro da Indústria e Comércio da França.



Com taças de champanha, comemorando a recepção do maior prêmio cinematográfico da França. Da esquerda para a direita : François Perier, Brigitte, Danielle Darrieux.

As "Vitórias" de 1957

(Conclusão)

a valores artísticos do quilate de um Fellini e de uma Giulietta Masina, ao passo que a França premia as melhores figuras do seu «écran» com a «Vitória», estatueta calçada em famosa escultura grega, e, de certo, muito expressiva ao simbolizar com o mo-

Entre Brigitte Bardot e Michèle Morgan, a "Vitória" está em boas mãos. Michèle ganhou-a em 1956, mas 1957 foi o ano de Brigitte.



Os melhores do cinema francês em 1957. Da esquerda para a direita : Danielle Darrieux, Brigitte, Bourvil, Claude Autant-Lara e François Perier.

dêlo helênico os padrões estéticos por que se orienta o cinema francês.

Em número de 5, as «Vitórias» relativas a 1957 laurearam o veterano diretor Claude Autant-Lara, a consagrada Danielle Darrieux, o ator François Perier, o comico

Bourvil e a predominante Brigitte Bardot. A entrega das cobichadas estatuetas — em tudo idênticas à Vitória original — se fez por intermédio de Monsieur Paul Ribeyre, Ministro da Indústria e do Comércio da França, estando presente a muito aplaudida Michèle Mor-

gan, a quem, no ano de 56, coubera um dos troféus. Além de sua significação artística, a cerimônia pontificou como acontecimento social, onde, em taças de champanha, os laureados levantaram brindes à sua vitória.



O encouraçado «Bismarck» entrou na história da guerra e da construção naval. Era dotado de alto poder de fogo, e quando fez a viagem que lhe seria fatal, sob escolta do cruzador «Prinz Eugen», transportava além da tripulação 500 aspirantes da marinha alemã e centenas de extra-numerários, totalizando cerca de 2.400 homens. Atacado inicialmente pelas belonaves inglesas «Prince of Wales» e «Hood», pôs a pique este último e danificou o primeiro. Teve, depois, de defrontar-se com o «Rodney» e o «George V», numa batalha memorável, que terminou com a vitória inglesa. Os detalhes deste combate já foram muitas vezes contados, mas o drama de espionagem que selou a sorte do «Bismarck» só recentemente veio a público. É a palpitante história contada neste artigo.

PÁGINAS
DA HISTÓRIA

A MENSAGEM DENTRO DA MEIA

SOFIE Rörvig, uma mocinha da cidade norueguesa de Flekkefjord entrou na história simplesmente por acaso. E tudo aconteceu por obra de Odd Starheim, jovem marinheiro que, nos dias tormentosos de 1940, fugiu da Noruega ocupada para a Inglaterra, viajando num bote de pesca. Depois de expor as suas idéias sobre espionagem, Starheim recebeu treinamento especializado durante 6 meses, e, em janeiro de 1941, foi conduzido por um submarino britânico até as praias da Noruega meridional. Toda a sua bagagem constava de uma mala com um rádio-transmissor portátil.

Aos 24 anos, Starheim era um rapaz engenhoso, e acima de tudo, intemerato. Em sua pátria, fez amizade com Gerhard Tomstad, moço mais ou menos de sua idade e proprietário de uma granjinha chamada Helle, posta na cabeceira de um vale, a cerca de 3 quilômetros de Flekkefjord. Era um lugar bonito e tranqüilo, e foi lá que, realmente, começou a batalha do «Bismarck».

O ganha-pão de Tomstad eram algumas árvores frutíferas e 5 vacas leiteiras, mas ainda assim, tinha habilidade inata para lidar com mecanismos de precisão. Era, por sinal, rádio-técnico amador, relojoeiro nas horas vagas e fotógrafo. Vendo o seu compatrio-

ta com um rádio-transmissor, ele se tomou de entusiasmos, e deu a Starheim um lugar de ajudante em sua granja — mas só para constar. Combinando os seus esforços, os dois instalaram a rádio-estação-transmissora, e se puseram em contato com Londres.

Pôsto o rádio a funcionar — bem escondido em Helle — Starheim começou a montar uma rede para coletar informações de ordem estratégica. Era um trabalho muito perigoso porque, na ocasião, a Noruega meridional tinha alemães em cada volta do caminho. Não obstante, dentro de 3 meses, a rede já contava com todas as malhas necessárias, formadas por homens vigilantes em cada porto e aldeia existentes nas costas meridional e do sudoeste. Starheim os chamava «espias do porto».

Cada um, a seu modo, fornecia-lhe as informações julgadas importantes, fazendo-o com tanta regularidade que, em março de 1941, a granjinha de Helle fervilhava de notícias as quais eram prontamente retransmitidas para Londres, duas vezes por dia. Eram dados sobre movimentos de tropas, fortificações, bases aéreas, e, principalmente, sobre os transportes por via marítima.

Na zona referida o mais ativo porto é o de Kristiansand. Nêle Starheim contava com ótimo

agente, chamado Axelsen, que, na época, era o principal fornecedor de provisões para os navios que faziam escala na cidade. A natureza de suas funções dava-lhe o irrecusável direito de visitar todos os navios fundeados no porto, tomar um trago com cada capitão, e, naturalmente, descobrir — de modo insuspeito — qual o destino e a carga do barco. Com rara esperteza, Axelsen conseguiu também manobrar o intendente alemão do porto, isso pelo recurso de fornecer-lhe, secretamente, alimentos enlatados que o oficial remetia para a sua família, na Alemanha.

Agindo assim, o fornecedor estabeleceu ininterrupto canal de informações para o rádio-transmissor de Helle. E o fazia por um processo simples, passando bilhetes escritos a um chofer de caminhão que, três vezes por semana, viajava regularmente até Flekkefjord. O motorista escondia os bilhetes em alguma parte do motor do veículo e, chegando a Flekkefjord, entregava-os a um elemento de ligação do grupo secreto.

Sofie Rörvig completava o itinerário da mensagem, lucrando da sua posição de empregada da leiteria que comprava o leite das vacas de Tomstad. Havia entre ela e o granjeiro uma espécie de namoro à distância, tanto assim



que, de vez em quando, a moça dava um pulo até Helle, a fim de arrumar a casa do solteirão Tomstad. Recebendo os bilhetes de Axelsen, através do motorista, Sofie tomava o trabalho de levá-los à granja situada na cabeceira do vale.

O grupo de patriotas trabalhava sem maiores tropeços, embora sabendo que o inimigo, usando aparelhos de localização direcional, acabaria, mais cedo ou mais tarde, descobrindo o transmissor clandestino. Pretendendo anular esta ameaça, Tomstad teve a idéia de inscrever-se no Partido Nazista Norueguês, como espontâneo colaborador dos ale-

mães. Sua «adesão» lhe proporcionava múltiplas vantagens: punha-o acima de quaisquer suspeitas da parte dos germânicos; e o fazia objeto da repulsa dos seus amigos locais — menos daqueles que sabiam dos seus verdadeiros planos — poupando-lhe o suplício de responder a uma série de perguntas embaraçosas. Além do mais, abria-lhe o caminho para novas fontes de informações.

Tornado «nazista», Tomstad procedeu maquiavêlicamente, ganhando promoções nas fileiras partidárias locais. Dêste jeito, se fez ao par da profunda decepção sobrevinda entre os ocupantes ale-

mães que — ao contrário do que anteriormente supunham — eram tratados com implacável ódio e desprezo pelos noruegueses. A hostilidade acrescentada à nostalgia fez os soldados tedescos suspirarem por uma casa hospitaleira onde sempre pudessem contar com uma palavra de boas-vindas. Encontraram-na na granja de Helle, e, cedo, passaram a cultivar o hábito de visitá-la — para conversarem à-toa, beber um copo de leite fresco, e aprenderem um tantinho de norueguês. Entre os visitantes avultava a figura do chefe distrital da Gestapo, o «Untersturmführer» Lipicki.

DR. JOSÉ CHIABI

Clínica e cirurgia de
Ouvindo, Nariz e Garganta



Edif. Banco Crédito Real —
13º pav. — Sala 1302 — Rua
Espírito Santo, 495 — Telefo-
ne: 4-4040



Poupe seu coração

Descanse com
conforto na ...
"LEGÍTIMA"



cadeira do papai



Nome e Linhas Pat. — Reg. N.º 149799

RECUSE IMITAÇÕES
NAS BOAS CASAS DO RAMO

indústria de móveis "itá" lida.

Supervisão de Vendas: PROBRASIL INDUSTRIAL E MERC. S.A.
C.P. 4873 - Fone: 23-4109 - Rio - C.P. 2811 - Fone: 37-6788 - S. Paulo

DR. GLAUCO FERNANDES LEÃO

CLÍNICA DE CRIANÇAS —
NUTRIÇÃO

Consultório: Rua São Paulo, 893
Ed. Borges da Costa — 13º andar
Reserva de Consultas: fone 2-0295
Belo Horizonte

DR. J. MANSO PEREIRA

Docente da Faculdade de Medicina
da Universidade do Brasil.

Úlceras do estômago — Obesidade
e magreza — Crianças fisicamente
retardadas — Diabete — Alergia
clínica.

Consultório: Rua Ouvidor, 169
8º andar - Sala 809 - Fone: 23-6230
RIO DE JANEIRO

CLÍNICA HOMEOPÁTICA

Dr. J. Schembri

Adultos e Crianças

Av. Afonso Pena, 526 — Edifício
Mariana, 8º andar — Das 15 às 18
horas — Fone 4-1791 — Residência:
4-5965



LEVE SEU RÁDIO

e espere consertá-lo.

RADIO TÉCNICA SANTA CRUZ

Avenida Brasil, 73 — Tel. 2-2983
Santa Efigênia — Belo Horizonte

Mas, como manter o transmis-
sor escondido dos visitantes ini-
migos? Starheim e Tomstad ite-
rativamente o ocultaram dentro
da casa e dos estábulos, e algu-
mas vezes — em ocasiões de gran-
des riscos — transportaram-no
para o ar livre, enterrando-o no
meio da floresta. Houve momen-
tos tragi-cômicos dentro da sala
de visitas da granja, quando os
alemães tomavam folgadoamente
os seus copos de leite, mal sa-
bendo que, debaixo deles, encon-
trava-se um transmissor de rádio,
enterrado às pressas.

*

Neste ambiente arriscado foi
uma verdadeira proeza o funcio-
namento do aparelho transmis-
sor-receptor. Tomstad saiu da en-
rascada voltando a trabalhar co-
mo fotógrafo, e instalando uma
câmara escura a pretexto de ne-
la revelar os seus instantâneos.
Contudo, a sua verdadeira finali-
dade era servir
de local para as
transmissões de
rádio, mesmo
quando houvesse
alemães na sa-
la de visitas, li-
gada à câmara
por uma por-
ta.

Após detecta-
rem um trans-
missor clandestino no distrito, os
alemães instalaram uma rádio-lo-
calizadora-direcional numa colina
situada a quilômetro e meio de
Helle. Tomstad soube da provi-
dência através do seu «amigo»
Lipicki, e reduziu as transmissões
ao mínimo essencial. Depois, au-
xiliado por Starheim, levou o
transmissor para a floresta, e co-
meçou a emitir sinais simulados
partidos dos mais diversos pontos.
Sem embargo, a rede de inves-
tigações dos ocupantes ia progres-
sivamente apertando as suas ma-
lhas em torno do Vale de Helle.
Sentinelas postadas em lugares
estratégicos submetiam a inter-
rogatórios todos quantos entra-
vam no vale ou dele saíam. Certa
vez, Lipicki, estando a poucos
passos do transmissor clandesti-
no, deu uma ordem a Tomstad:
«Fique de olho aberto, e me avise
se notar qualquer gesto suspeito
entre os seus vizinhos».

Em uma tarde de maio o an-
ti-clímax se anunciou. Um rádio-
caminhão germânico atravessou
os terrenos da granja de Tom-
stad, e seus ocupantes instalaram
uma antena direcional a poucos
metros da casa. Vendo-se em
palpos de aranha Tomstad e Star-
heim agiram na calada da noite,
retirando o transmissor da gran-

ja, e enterrando-o, mais uma vez,
no seio da floresta.

Ao passo que essas coisas acon-
teciam, Axelsen estava ficando de-
cepcionado em Kristiansand. Sen-
tia-se aborrecido por enviar inú-
meras mensagens que, ao parecer,
não redundavam em efeitos pal-
páveis. Toda vez que noticiava os
movimentos de um navio impor-
tante o ardente Axelsen supun-
ha que era dever das forças aé-
reas inglesas procederem a uma
incursão para afundar a nave
inimiga.

De forma especial, sentia-se ir-
ritado com um volumoso petrolei-
ro chamado «Orion». Este cum-
pria regularmente a sua rota en-
tre Kristiansand e Hamburgo,
sempre caindo sob a observação
de Axelsen, que não poupava tem-
po em noticiar as suas idas e
vindas. Para desespero do espiã,
passada uma quinzena, lá estava
o «Orion» de vol-
ta, são e salvo,
sem um arranhão
de granada. E
que Axelsen não
podia imaginar o
quanto eram pre-
cários os recur-
sos ingleses na
quela fase da
guerra.

Mas o norue-
guês então entregava os pontos.
A 20 de maio de 1941, fez-se,
nos estaleiros de Kristiansand, o
lançamento ao mar de um navio
mandado construir por Axelsen, e,
após as festas, ele e alguns amigos
atravessaram a cidade, a fim de
almoçarem no Kristiansand Club.
O dia estava claro e bonito, e, em
certo ponto, o grupo fez uma pa-
rada com o propósito de apreciar
a paisagem do mar e das ilhas
à distância.

Os olhos de cada um distingui-
ram vários navios colocados na
linha do horizonte. Tomando um
binóculo emprestado — salvo, não
se sabe como, do confisco alemão
— Axelsen enfiou-os no mar,
mal reprimindo o seu entusiasmo
em face do que as lentes lhe mos-
traram: duas poderosas belona-
ves rumavam em direção do Oes-
te, sob uma escolta de quatro des-
tróieres. Providenciando um pre-
texto qualquer, Axelsen desligou-
se do grupo, e saiu em busca do
chofer de caminhão que trabalha-
va com os espias. O caminhão já
havia deixado a cidade mas —
por simples questão de sorte —
o motorista recebera ordem de
conduzir um ônibus naquele dia.
O coletivo ainda se encontrava em
Kristiansand. Axelsen garatujou
um bilhete, passando-o às mãos
do chofer. Quando já era noite o

A pior derrota do mundo
é a do homem que perdeu
o entusiasmo. — H. W. Ar-
nold.

ônibus e o recado chegavam a "lekkefjord".

A essa hora, tôdas as vias de acesso a Helle estavam guardadas. Além dos postos de escuta espalhados pelo vale, havia também ameaçadoras patrulhas detendo e interrogando tôdas as pessoas que se encaminhavam para êle. Presumia-se que somente uma pessoa poderia romper o cerco armado naquela noite: era Sofie Rörvig, a amiguinha do «colaboracionista» Tomstad, com quem tinha um namôro já sabido até pelos alemães. Tomando a mensagem, ela a escondeu dentro de sua meia, e, com ar despreocupado, pôs-se a caminho para varar o cinturão tedesco que isolava o bucólico Helle.

*

Todo bom espião sabe que, um dia, pode topor com a informação decisiva, mais valiosa do que a sua própria vida. Ao que parece, Tomstad e Starheim passaram por esta prova quando Sofie entrou na granja e pôs-lhes nas mãos um certo e amarfanhado pedaço de papel. Seguiu-se uma cena de drama em «suspense». Se naquela altura dos acontecimentos os três procedessem a uma transmissão de rádio, estariam fazendo um convite à morte nas mãos do inimigo. Durou pouco a indecisão: os três desenterraram o transmissor, recolocando-o dentro de casa.

As nove horas da noite, o Vale de Helle pôs no ar a sua última mensagem clandestina. Ouvida, o Comando Costeiro da Inglaterra fêz entrar em ação todo o imenso poderio da armada de Sua Majestade. De Scapa Flow à Terra Nova, da Islândia a Gibraltar, sucederam-se as manobras de diferentes tipos de embarcações, tô-

das convergindo para um mesmo fim. O resultado foi a histórica batalha na qual foram a pique o Hood (inglês) e o Bismarck, o encouraçado-fortaleza. Três mil vidas se perderam.

A comoção da batalha naval teve pequena contrapartida no Vale de Helle. Sabendo da última transmissão, as forças germânicas passaram um pente fino pelo vale, vasculhando-o de ponta a ponta, em busca da rádio clandestina. Sem tempo para retorná-la à floresta, Tomstad atirou-a no meio de alguns cacarecos jogados no sótão de sua casa. A manha deu certo, porque os alemães, mesmo varejando metro por metro do vale, não acharam preciso dar uma busca na granja do seu fiel «colaborador» Tomstad.

Êste passou todo o dia seguinte pintando as janelas de sua casa. Do alto de uma escada observava todos os movimentos das tropas alemãs dentro da floresta. Alguns meses depois, Tomstad foi obrigado a fugir para a Inglaterra pois estava na iminência de ser aprisionado pelos alemães. Terminada a guerra, voltou à pátria, e se casou com Sofie — a da mensagem dentro da meia.

Starheim foi morto depois de completar três anos de atividades como espião. Quanto ao sôfrego Axelsen, foi bem melhor a sua sorte: estava bebendo no Kristiansand Club, quando tomou conhecimento da destruição do Bismarck. Encaminhou-se para o salão de jantar, levantou a sua taça, e disse pausadamente: «Cavalheiros, à saúde de 36 mil toneladas».

Os seus consócios puseram-se de pé, e fizeram o mesmo. — David Howarth e Elliv Odde Hauge.

☆☆☆

Gervásio

Conclusão da pag. 25

sempre para Gervásio com certas pretensões, recolheu-se ao gabinete sanitário a fim de dar vasão às suas lágrimas.

No dia seguinte Gervásio não compareceu.

Um garotinho da Pensão, logo que o Contínuo abriu a porta, trouxe uma carta dirigida ao chefe. Dizia simplesmente:

«Volto para Marte de onde parti há dez anos. Não me acostumo com essa vida insípida que vocês levam. Não

sou dessa espécie de trabalho. Em Marte vivemos uma vida mais livre e mais sadia. Vocês, funcionários públicos, são flores de estufas, gordos e pálidos, não raro, doentes. Quero viver cientificamente em Marte».

Em seguida vinha a assinatura clara e normal de Gervásio.

No fim da página havia uma nota:

«Marte é o nome da fazenda de meu pai».

Em qualquer
estação do ano
tome o

gostoso

VIC
MALTEMA

— a mais perfeita
combinação de poderosos
elementos nutritivos!



Peça-o
ao seu
fornecedor

APÓLICES

(federais e estaduais)

AÇÕES

COUPONS

compra e venda

LOURIVAL DRUMOND

R. Carijós, 244 — s/ 1309

Telefones: 4-8430 e 2-3424

BELO HORIZONTE — MG

* Se você tem algumas horas vagas, por que não as aproveitar, para reforçar sua renda mensal, num serviço útil, meritório e bem rendoso? Aproveite o seu tempo, ganhando boas comissões, colocando assinaturas de ALTEROSA — a revista da família brasileira. Envie o seu nome completo, profissão, residência, telefone, idade, estado civil, grau de instrução e fontes idôneas de referências — que não tenham com você relações de parentesco — para a Soc. Editora ALTEROSA Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte (MG).

"Dormir talvez sonhar..."

A CIÊNCIA DEFINE



Este aparelho eletrônico recolhe dados preciosos sobre o sono, enquanto a moça dorme.

O SONO

O modo de dormir e os problemas do sono variam de pessoa para pessoa, e assim, cada um deve procurar sua maneira particular de fechar os olhos.

VIRGINIA BIDDLE

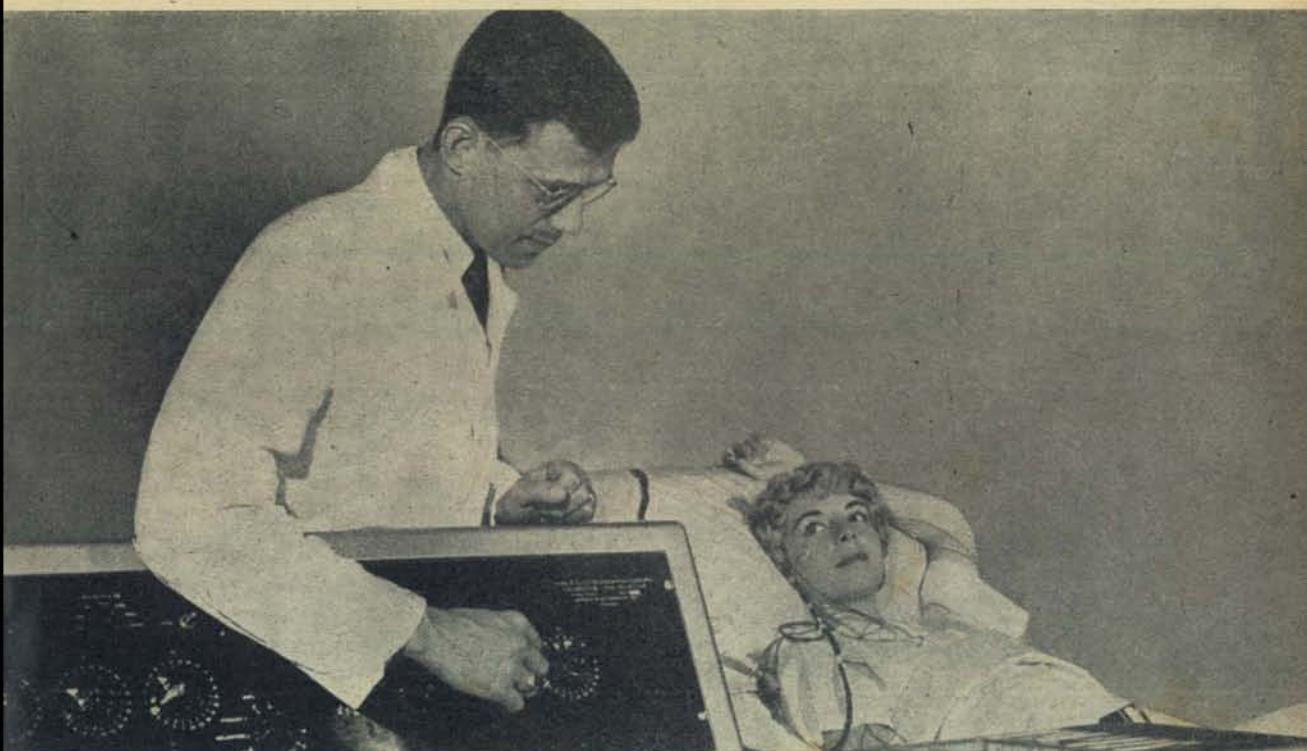
HOJE em dia, a possibilidade de dormir é um prêmio. Para grande parte da população do mundo — até 50 por cento, em certos países — o sono virou coisa rara, virou uma comodidade preciosa, neste nosso planeta cada vez mais sujeito às tensões elevadas. E o leitor não tem de ser um insone desvairado, que só consegue dormir — ou deixar que os outros durmam — quando instalado num quarto à prova de som, num asilo de maníacos, não tem de ser nada disso, para poder apreciar o que os especialistas acabam de descobrir, a respeito do sono. Para compreender o que essa atividade — ou inatividade, pois não — que con-

some aproximadamente uma terça parte da vida de cada um, significa para nós e qual a sua atuação sobre o nosso organismo.

Compreender o que é (ou o que não é) o sono, e o que ocorre quando se está dormindo — eis o primeiro passo para se reaprender a arte de repousar e de recuperar as forças entre a hora de deitar e a de levantar. Em verdade, segundo o psicólogo Alfred Adler, «dormir é outra maneira de se estar acordado». Assim, a primeira coisa a ser feita é abandonar a idéia, perfeitamente errada, de que o sono é um estado de total e bem-aventurada inconsciência.

Dormir é, com efeito, nada mais

do que uma «interrupção parcial do contato do organismo com as coisas que o rodeiam, uma redução de suas atividades». Assim, o modo pelo qual se dorme é uma coisa toda particular, que diz respeito exclusivamente aos hábitos pessoais de cada um. Existe uma «unidade de vida, entre o modo de dormir e o de se estar acordado», e o sono reflete todos os hábitos, atitudes e posturas que se verificam fora dele, variando segundo as variações da personalidade de cada um, segundo seus problemas, etc. Não é, por isso mesmo, necessário que se obedeça a um padrão rígido ou convencional, para se dormir bem. Quanto mais depressa se compre-



Ela ganha de 600 a 1.000 cruzeiros por noite, para dormir, apenas dormir.

A CIÊNCIA DEFINE...

Continuação

ender que a duração do sono e a maneira de dormir diferem de pessoa para pessoa — variando também, conforme variam os hábitos individuais — tanto mais facilmente se enfrentará o problema de dormir. Daí, mais fácil também se tornará cair no sono.

Além disso, é conveniente declarar que os psicólogos têm muito mais recursos do que os psiquiatras, com seus divãs ultra-confortáveis, para dizer o que somos e o que nos incomoda, em estado de consciência parcial. Os nossos sonhos (ou a falta deles) e as posições que tomamos, quando estamos dormindo, sempre indicam a maneira pela qual enfrentamos os nossos objetivos, na vida, porque, de fato, vivemos num mundo de sonhos, tanto faz que estejamos acordados, como que nos encontremos com Morfeu. Dessa forma, antes de procurar descobrir o que acontece com o nosso corpo, é melhor que estudemos as ocorrências de natureza psicológica verificadas enquanto estamos em íntimo contato com os travesseiros. O que se passa em nossa mente é que pode indicar a solução de todos os problemas relativos ao sono.

Os nossos sonhos — manifestações do nosso subconsciente — «traduzem freqüentemente

problemas vitais», afirmam Lichtenberg e Freud, acrescentando que «estão dinamicamente relacionados com o futuro, mais do que com o passado». As pessoas corajosas raramente sonham. Pertencem ao grupo reduzido de pessoas capazes de estudar seus problemas durante o dia, enquanto acordadas, reservando as horas de repouso a uma forma qualquer de sono sereno, sem distúrbios. Por outro lado, a ausência de sonhos pode significar que os problemas não resolvidos são de tal forma incômodos que ficam esquecidos, revelando sua presença, todavia, nos indivíduos que se levantam sempre mal-humorados.

Além dessas novelas baratas cujos enredos a gente esboça, enquanto dorme, as posturas do corpo e as atitudes assumidas durante o sono também são indicadores seguros do que se está planejando fazer na vida. Observações feitas sobre milhares de pacientes de hospitais onde se tratavam de males relacionados com o sono (pacientes cujas histórias eram verificadas e registradas cuidadosamente, durante o dia), demonstraram que a posição tomada nada mais é do que uma tradução física de problemas psicológicos. A maneira de se ajeitar

o corpo entre as cobertas também é altamente significativa. Além disso, qualquer modificação na maneira habitual de dormir representa uma alteração qualquer no estado mental.

Se você, leitor, der consigo mesmo (ou com sua esposa) a virar cambalhotas durante o sono, a acordar com a cabeça junto dos pés (da cama), tome cuidado! As coisas, do ponto de vista emocional, não estão andando bem, e o cambalhoto certamente está num estado de forte oposição contra o mundo, agindo como o sujeito que responde «não», mesmo antes de compreender a pergunta que se lhe faz. Naturalmente que os distúrbios orgânicos também podem causar modificações nas posições adotadas durante o sono, mas, em geral, quando uma pessoa costuma dormir deitada de costas, como um soldado em alerta, revela nisso o seu desejo de ser (ou parecer) tão heróica quanto fôr possível. Em contraste, o dorminhoco que se enrola todo, cobrindo a cabeça com o lençol, demonstra certa covardia, ao passo que o indivíduo que passa a noite a fazer ginástica, movendo constantemente as cobertas, demonstra claramente sua insatisfação quanto à vida. E' o sujeito frustrado que acalenta algum desejo secreto, ou que quer «ser vigiado por alguém» — sua mãe, por exemplo.

Em outra categoria, bem diferente, enquadra-se a pessoa que, modestamente (e de maneira particularmente reveladora) confessa que dorme em decúbito ventral. Não se impressione o leitor com aquela modéstia, pois a psicologia revela que, no caso, trata-se de pessoa obstinada e de tendências negativistas. E con-



O dorminhoco que se enrola todo e cobre a cabeça com o lençol é um covarde de certo ponto de vista.



O indivíduo que dorme deste jeito procura, mesmo sem o saber, um meio de fugir às responsabilidades.

vêm tomar bastante cuidado, por outro lado, com o sujeito que faz meia volta, na cama, deixando a cabeça pendente para o lado, pois tal indivíduo, no subconsciente, está desejando adquirir uma boa dor de cabeça, que lhe permita «escapar das tarefas e responsabilidades do dia seguinte».

O dorminhoco pacífico, que se mexe com vagar e poucas vezes, pertence ao grupo dos que têm suas atitudes mais perfeitamente enquadradas dentro de seu modo de viver. Bem organizado, durante o dia, ele goza, naturalmente, de um sono mais tranquilo. Mas, no outro extremo do gráfico de personalidades, vêm as vítimas de um quebra-sono que os psicólogos apontam como o principal causador de quase todos os tormentos humanos. E' o caso dos insones que vivem a lutar contra o velho demônio chamado Complexo de Inferioridade. Embora sejam poucos os psicólogos que se disponham a tirar conclusões desta ordem, com base na verificação das atitudes básicas, é certo que quem sofre de uma insônia contínua sofre também de um profundo sentimento de inferioridade.

Como o complexo de inferioridade sempre provoca, no neurótico potencial, um sentimento de isolamento, o seu sono, no subconsciente, passa a figurar como uma espécie de ameaça, uma vez que, enquanto dorme, o isolamento parece crescer.

O sono pode ser tomado como um processo de reabilitação da mente, tanto como do corpo, desde que, honestamente, a pessoa se disponha a buscar a verdade, fazendo um inventário mental de suas atitudes, antes de dormir. E, visto que uns minutos toma-



O sujeito que faz cabriolas e acorda com a cabeça voltada para os pés da cama é portador de distúrbios emocionais.

dos, à noite, para a auto-análise, ficam muito mais baratos do que um tratamento em clínicas especializadas — ou do que o hábito de tomar comprimidos para dormir — o mais conveniente é fazer-se um «ajuste das contas» emocionais, antes de se entregar aos braços de Morfeu. O sono é uma função ativa, não passiva. E' um trabalho de reparo físico de nosso cérebro e do corpo, naturalmente, e, como tal, mantém as máquinas em funcionamento, ainda que com menor consumo de energias.

A questão «sono versus fadiga» está sendo, agora, estudada pelo Dr. Dean Foster, nos Estados Unidos. Ele, com 20 assistentes, colheu dados sobre a maneira de dormir de vários pacientes, totalizando 20 mil horas de sono.

Suas cobaias são dorminhocos dos mais dedicados. Durante um período de seis a doze semanas, recebem de 600 a 1.000 cruzeiros por noite, para se deixarem conectar com os fios de um equipamento eletrônico, além de serem levados de um quarto para outro, a fim de experimentar várias qualidades de camas.

Os pesquisadores encarregam-se de medir a atividade do cérebro e de controlar a temperatura do corpo, com o objetivo de verificar quando é que estamos prontos para acordar, quando estamos semi-adormecidos, quando o nosso sono é leve ou pesado, e assim por diante. Interessante é a constatação que se fez, a esse respeito: ninguém passa de um para outro estado gradualmente,

(Conclui na pag. 53)



O que vive brigando com as cobertas, demonstra sua insatisfação para com o mundo, de um modo geral.



O dorminhoco sorridente, que dorme de costas, manifesta seu desejo de parecer um herói de verdade.



Drama e

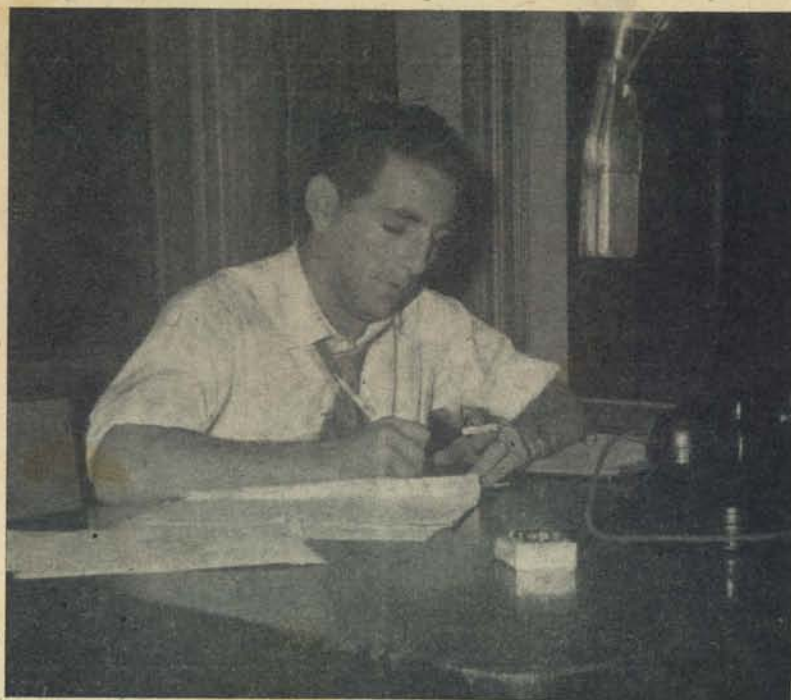
AS atividades da TV-Itacolomi trouxeram ao ambiente artístico de Minas Gerais valiosas contribuições, principalmente no que se refere à descoberta de promissoras vocações para o teatro. Os programas deste gênero, teletransmitidos pelo Canal 4, têm revelado alguns novatos — inclusive estudantes — com indiscutível jeito para a cena, até então escondidos pela falta de oportunidades. Essas vocações ganha-

Amilton Fernandes é natural de Pelotas, Rio Grande do Sul. Iniciou-se no teatro como amador, e, depois passou a locutor da Rádio Pelotense. Em 1951, ingressou na Farroupilha, voltando ao teatro dois anos depois. Em 1954, reingressou naquela emissora, como chefe dos locutores. Nesta época, fez de tudo: programas, rádio-teatro, narração de filmes. Em 57, veio para a Itacolomi, onde granjeou grande cartaz no Tele-Teatro. Recentemente, mudou-se novamente — desta vez, para S. Paulo.

Desde menino, Elvécio Guimarães tinha um sonho: fazer teatro. Depois de excelente teste na Rádio Inconfidência, foi incluído no elenco teatral daquela emissora. Como tele-ator, Elvécio explica que o papel de que mais gostou foi o de Romeu, na peça "Romeu e Julieta", encenada pela TV-Itacolomi. Aliás, todos os papéis shakespearianos agradam muitíssimo ao sóbrio ator do Canal 4.



Ana Lúcia começou sua vida artística no dia 23 de outubro de 1953, na Rádio Inconfidência. Como rádio-atriz tem preferência pelos papéis trágicos e dramáticos, e, em matéria de música, aprecia tanto o gênero clássico (às vezes) como o popular. Seus autores preferidos são Victor Hugo e José de Alencar. Gosta de roupas claras, e tem predileção pelas cores azul e coral.



Antonio Naddeo é locutor, ator e diretor de estúdios na TV Itacolomi. É um dos mais eficientes atores do Tele-Teatro. Por brincadeira, diz que gostaria de uma semana com apenas três dias: um, com 28 horas; os outros, domingos...

Em Minas, a TV revela vocações para o teatro

Comédia pelo Canal 4

ram tarimba na sequência de programas inicialmente orientados por Vampré, formando com atores já afeitos ao «métier» um elenco harmonioso, que se tem destacado nas peças e «sketches» produzidos pela Itacolomi.

REVELAÇÃO POR ACASO —

Uma das mais expressivas revelações do Tele-Teatro da Itacolomi é o Comandante Ary Fontenelle. Jamais lhe passara pela cabeça a idéia de ser artista —

e muito menos em teatro de TV. E' claro que, como muitos de nós, já fizera pequenos papéis nos sempre lembrados teatrinhos de escola. Um dia, em visita aos estúdios da Itacolomi, Fontenelle assistiu a um ensaio, e, ao mesmo tempo, ficou sabendo que a TV precisava de tele-atores para o seu elenco. O visitante fez uma pontinha — por simples brincadeira — e, três dias depois, surpreendia os seus familiares com ótima interpretação pelo Canal 4.

Moleza (Carlito Cerezo) personifica com muita fidelidade (foto) o Barnabé de vida monótona e pagamento atrasado. Isto acontecia no programa "É Proibido Sonhar" um dos grandes "hits" do Canal 4. Como palhaço, Moleza tem um cariz inabalável entre os pequenos (e grandes) tele-espectadores de Minas. Começou a carreira teatral em Nova Lima (como amador), passando a profissional em 1941, conseguindo grande sucesso com os seus recursos de expressão humorística. Há cerca de 2 anos é ator do Tele-Teatro Itacolomi.



Adora a família e admira as pessoas inteligentes. Não aprecia: jiló, falta de sinceridade e coisas mal feitas. E' solteira. Sua maior ambição: vencer na arte. E', aliás, uma ambição já meio realizada, porque o talento de Ana Lúcia que se revela a cada dia, vem dando provas de que a consagração definitiva está muito próxima.



REVELAÇÕES DO TELE-TEATRO DO CANAL 4 —
À esquerda: a tele-atriz Marli Cardoso, cujas interpretações demonstram uma boa vocação para o teatro. Ao centro: a expressiva Nelly Lopes, que o público da TV-Itacolomi já identifica como a personagem da "Tianinha" do programa "Noites Mineiras". À direita: Clausi Soares, muito jovem e simpática — com inegáveis recursos para se tornar uma excelente tele-atriz.



Rosely Mendes é a chamada "Miss Simpatia da TV". Com razão, aliás. Como tele-atriz, realiza uma precoce vocação. Desde menina, interessou-se pelo teatro — mas foi trabalhar no comércio. Depois, fez um curso de teatro em S. Paulo, e um teste com o famoso Ziembinsky. Teve grau dez, e estreou na comédia sofisticada "Não Sou Eu". Do palco passou para o Tele-Teatro da Itacolomi.



Drama e Comédia pelo... (Cont.)

INICIANTES E INICIADOS — Outros membros do «cast» teatral da Itacolomi já possuíam experiência de cena, mas foi pelo vídeo do Canal 4 que ganharam projeção. Entre esses, estão a tele-atriz Rosely Mendes, que já estudara no Conservatório Dramático-Musical de S. Paulo; e Amilton Fernandes (que, depois, se transferiu para S. Paulo) que, vindo de experiências teatrais no Rio Grande do Sul, ganhou grande cartaz com as suas interpretações pelo Canal 4. Além desses, e de outros que mencionaremos, as novas e promissoras tele-atrizes Marli, Cardoso, Nelly Lopes, Santinha Amaral e Clausi Soares têm se apresentado convincentemente na programação

teatral da Itacolomi. Assinalamos também as atuações da garôta-propaganda Alemene Araújo, que tem participado (e bem) de várias peças tele-transmitidas.

A EXPERIÊNCIA TEM O SEU LUGAR — Em seu «cast», o Tele-Teatro do Canal 4 conta com dois atores destacados pelas suas experiências teatrais. Elvécio Guimarães foi considerado (em «enquete» de uma revista belo-rizontina) o melhor rádio-ator e tele-ator de 1956. Suas experiências datam dos seus 16 anos, quando fez um teste para o rádio-teatro da emissora oficial de Minas, merecendo imediata aprova-

(Conclui na pag. 86)



"Já passei da idade de andar com retratos em revistas" — disse certa vez o diretor Otávio Cardoso, do Tele-Teatro da Itacolomi; mas esta foto está provando o contrário. Como ator, o maior sucesso (de palco) de Otávio Cardoso foi na peça "O Morro dos Ventos Uivantes". Na TV-Itacolomi, revelou-se excelente diretor com a encenação da peça "Sinhá Moça".



Na TV-Itacolomi, o Comandante Ary Fontenelle é considerado um "grande praça", sempre alegre, e com uma boa anedota para contar. Como ator revelou-se através de uma conversa com Grimberg, também do Canal 4. Entrou diretamente nos espetáculos do Tele-Teatro da TV-Itacolomi, e já fez, inclusive, experiência no palco, na peça "Deus lhe Pague". Na foto, o comandante-revelação, considerado o melhor tele-ator de 1957, aparece (de frente) numa cena de "O Dote".

Rogério Falabella é de Mar de Espanha, único mar que Minas possui. Com 22 anos, já carrega respeitável bagagem teatral. A experiência começou no Grupo Teatral da U. P. C., continuando no Teatro de Comédia, sob a direção de Carlos Xavier. As suas principais interpretações no Tele-Teatro do Canal 4 foram nas peças: "Romeu e Julieta", "Um Judeu", "A Heroína da Inconfidência" e "Do Mundo Nada se Leva". Seu próximo objetivo: trabalhar no cinema. Isso poderá acontecer em futuro próximo, quando houver a chance que permita a Rogério demonstrar, no cinema, o talento revelado no teatro.



Alemene Araújo é pernambucana, do Recife. Muito simpática e eficiente como garôta-propaganda, e talentosa nos espetáculos do Tele-Teatro do Canal 4. Foi apontada como a melhor revelação de tele-atriz, em 1957.



Costura tudo...

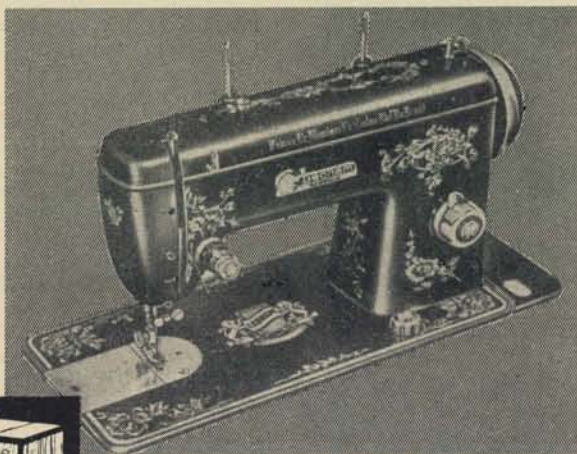
e o móvel
é o mais
bonito
aqui de casa!

a MODERNA
LEONAM

junta o útil ao agradável!



— Quem tem família grande não pode escolher serviço... Com a minha moderna **LEONAM**, ora costuro lona para fazer sacola de feira, ora costuro organdi para a minha filha mais velha, que já está trabalhando e tem que andar bem arrumada. A moderna **LEONAM** faz tudo com a mesma perfeição e ainda enfeita minha sala de visita, pela beleza do móvel que tem!



Adapta-se à grossura exata dos tecidos!

Costura sêda, lona, plástico ou malha, com a mesma perfeição e rapidez. Seu dispositivo especial a ajusta à grossura de qualquer tecido!



Remata sua própria costura! Você não perde tempo com remates: todos os pontos da moderna **LEONAM** estão automaticamente rematados! Sua costura fica mais segura!



Para bordar... vire o botão! Nenhuma complicação... uma simples virada no botão e a sua moderna **LEONAM** está pronta para bordar!



Maf transforma toda a matéria prima necessária em máquina acabada!

Maf é a 3.ª fábrica de máquinas de costura do mundo! A 1.ª das Américas do Sul e Central!

Maf fabrica 1 **LEONAM** em cada 45 segundos!



MANOEL AMBROSIO FILHO S.A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Matriz: Rua 25 de Março, 270/280 — Fone: 37-9534 — São Paulo

Filial no Rio de Janeiro: Av. Pres. Antônio Carlos, 641-C — Fone: 32-4976

Dias de

FLORENCE PORTER

Ilustração de Wilma Martins

ESTOU com medo — susurrei, reclinando a cabeça sobre os ombros de Howard, no instante em que nos detivemos defronte da casa dos seus pais.

— Medo? Por quê? — respondeu-me ele procurando me animar. — Não se preocupe. Você já é minha esposa, e será inútil qualquer protesto. Se nos casamos sem o consentimento deles, isso não foi culpa nem minha nem de você.

Howard fez breve silêncio, antes de observar:

— Tenho certeza que se você for corajosa diante deles, em breve os fará mudar de opinião. Bem cedo verá que pode transformá-los em bons amigos.

— Deixe-me ver como estou — interrompi — procurando retardar ao máximo o momento que me parecia mais difícil. Tirei o

espelho da bolsa, e me fitei por um longo instante. Quanto não daria para ter aparência de mais velha, e poder afastar o medo que se retratava nos meus olhos. Howard e eu éramos muito moços, ele ainda mais do que eu, nas circunstâncias em que se encontrava. De fato, um rapaz pode se considerar homem para se casar, se aos 25 anos ainda não terminou os estudos, e tem de trabalhar para custeá-los? Eu estava com dezoito anos, mas, já havia bem tempo, considerava-me uma senhorita. Mas, teriam os outros a mesma opinião?

Sentia receios, acima de tudo da Sr^a Blade, a mãe de Howard, a qual, não sei bem como, tinha me inspirado um certo temor, uma indescritível timidez. E ainda mais depois do que havia acontecido com o meu pai...

E' que, não fazia muito tempo,

os negócios de papai tinham entrado numa fase negra. Adoecendo, minado por preocupações, estas aumentaram quando, durante a enfermidade, ele se vira obrigado a reduzir os contatos com o seu escritório. E, finalmente, quando esperava uma reviravolta para melhor, os bancos e os seus credores se reuniram, e, alarmados pela redução dos negócios da firma, decidiram suspender-lhe todos os créditos. Veio, então, a falência e, com ela, a dispensa dos empregados, o noticiário nos jornais, e as conversas malévolas sobre o acontecido. No fim, todos os membros da nossa família estavam envolvidos no escândalo.

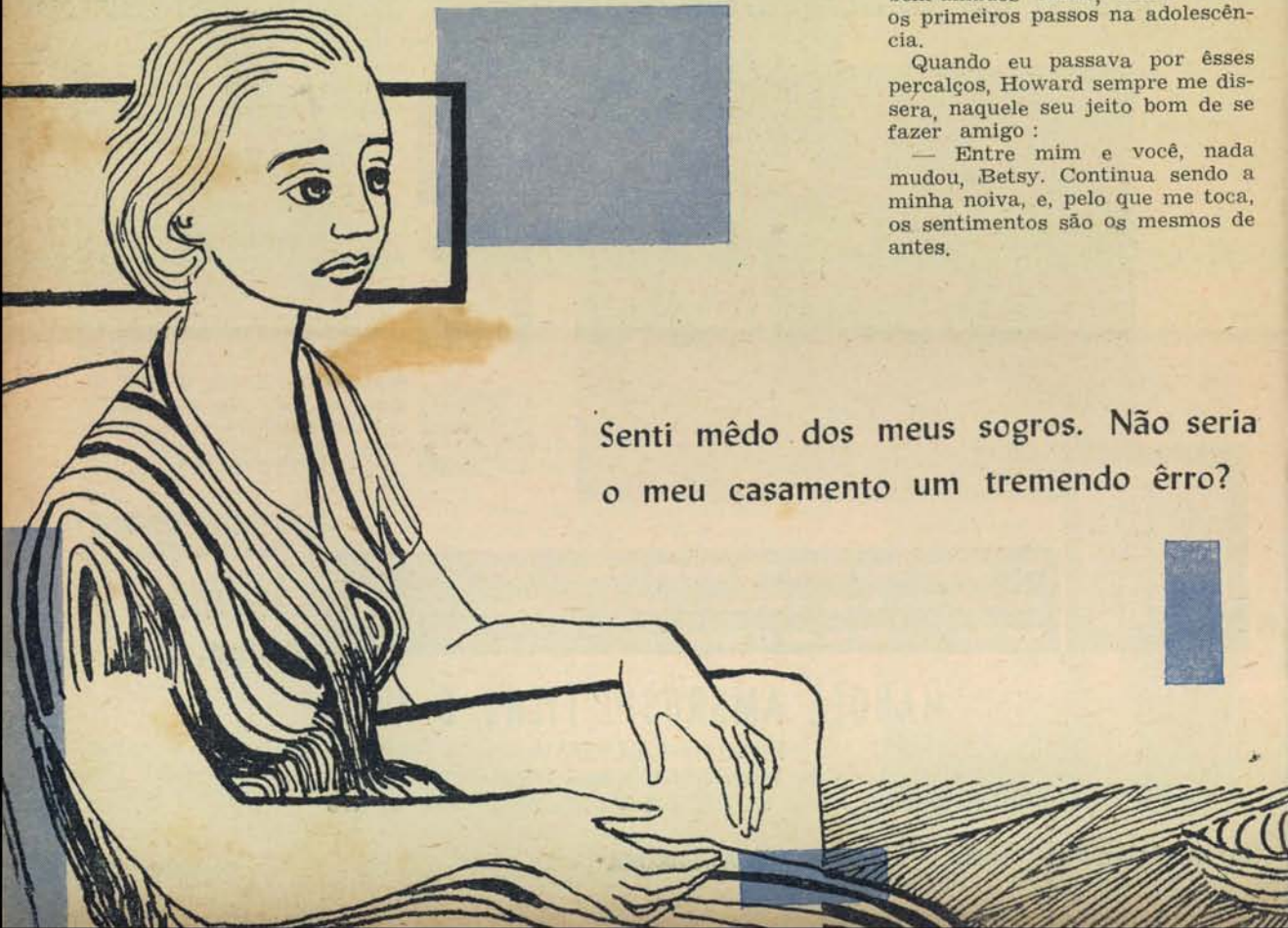
— Oh! feliz foi a sua mãe — dizia-me papai, — pois não viveu o bastante para se ver, também, neste fracasso.

Dizendo assim, ele se referia à morte de mamãe, que, moça ainda, deixara na orfandade os seus bem-amados filhos, todos dando os primeiros passos na adolescência.

Quando eu passava por esses percalços, Howard sempre me dissera, naquele seu jeito bom de se fazer amigo:

— Entre mim e você, nada mudou, Betsy. Continua sendo a minha noiva, e, pelo que me toca, os sentimentos são os mesmos de antes.

Senti medo dos meus sogros. Não seria o meu casamento um tremendo êrro?



Tormenta

Capítulo I

Depois disto, o meu amor por Howard mudou-se em adoração, tornada mais ardente quando ele me contou que os seus pais faziam oposição ao que havia entre nós. Mas, na verdade, só fiquei sabendo destas coisas no dia em que resolvemos nos casar.

Quando fui em visita aos Blade percebi que o pai de Howard tratava-me com indiferença, enquanto sua mãe, por mais que fizesse, não conseguia ocultar a sua hostilidade para comigo. Após faltar-me dos pés às cabeça, disse com voz de mando:

— Vocês ainda não têm idade para pensar no casamento

— Voltou-se para o filho e acrescentou — como lhe veio à cabeça tamanho absurdo, numa época em que tem de trabalhar para atender às despesas com os estudos? Não percebe que, antes de pôr tanta responsabilidade sobre os ombros, é preciso arranjar o seu futuro?

Suspeitei que todas essas palavras traziam o pretexto de afastar Howard de mim. O motivo real era apenas a tão comentada falência do meu pai. Tive a confirmação quando a Sr^a Blade fez algumas perguntas ao filho.

Por aquele primeiro contato com os Blade tive a impressão de que perdera Howard para sempre, ainda mais por que, nas semanas seguintes, os nossos contatos se limitaram a olhares trocados à distância. E, se já estava apreensiva, piores ficaram as coisas quando papai seguiu o destino de mamãe. Morreu de síncope — disseram os médicos — mas bem sei que o seu coração se despedaçou por causa da falência tão discutida.

Não sei como teria sobrevivido se, nos dias feios após a morte de papai, Howard não estivesse a meu lado, com a sua companhia tão humana e cheia de compreensão. Passados os primeiros



meses de luto, êle me propôs casamento :

— Devemos nos casar o quanto antes, porque agora, mais do que nunca, eu preciso cuidar de você.

Após o casamento, vieram-me certas dúvidas quanto ao que poderia me acontecer no futuro. Seríamos felizes ? De minha parte, estava disposta a fazer até o impossível, a fim de viver em harmonia com os meus sogros. Se pensava assim, por que não podia acreditar na felicidade ?



Passei as mãos pelos cabelos e apaguei o baton dos lábios, a fim de ficar com uma aparência mais discreta. Tudo isso fazia porque considerava de decisiva importância que os meus sogros me recebessem com boa vontade. Mas, vendo-me diante dêles, senti-me tocada pelo medo, e me perguntei se o casamento contra a sua vontade não fôra um erro tremendo.

Quando lhes contamos o que acontecera, o pai de Howard fitou-nos em demorado silêncio, talvez muito perplexo para dar uma opinião, ao passo que a Sr^a Blade ficava de queixo caído, no infinito das surpresas.

— Ora, não é possível ! — exclamou. — E a sua promessa de esperar durante algum tempo ? — disse, fitando o filho com mais insistência — Não percebe que, desta forma, todos os seus planos vão por água a baixo ?

— Pelo contrário. Betsy vai me ajudar, animando-me a progredir — refutou Howard — Além disso, mamãe, a Sr^a deve ficar satisfeita, pois ganhou, assim, a nora que tanto desejava.

— E você — disse-me ela, ignorando as palavras do filho — acha que já tem o juízo necessário para ser uma boa esposa ?

— Gosto muito de Howard, e nada do que fizer poderá decepcioná-lo — retruquei com veemência.

— Veja bem — explodiu a Sr^a Howard, espumando — casar é fácil, o difícil é formar um lar, e saber mantê-lo e conservá-lo...

Três dias somente durou a nossa lua de mel, passada num tranqüillo vilarejo, bem distante da cidade. Tínhamos de regressar na segunda-feira, a fim de voltarmos aos nossos empregos : Howard ao Laboratório, onde fôra admitido, havia pouco tempo; e eu à companhia telefônica. Fizéramos o plano de residir no casamento dos meus pais, mas só até quando achássemos uma oportunidade de vendê-lo a preço justo. Depois disto, a gente ia alugar

um apartamento, e arranjá-lo conforme o nosso gosto.

Quando voltei para casa, na tardinha daquela primeira segunda-feira de casada, o telefone tocou. Fiquei surpreendida ao ouvir a voz do meu marido :

— Betsy, vou demorar-me um pouco — anunciou-me Howard — Ainda tenho algumas coisas que acertar por aqui.

Quando voltou, havia certa alteração no tom com que me disse :

— O exército acaba de me convocar.

— Mas não, isso é o cúmulo — reclamei. — Ninguém pode separar-nos assim... — e solucei um gemido.

— Um mês ainda nos pertence — acrescentou Howard, sempre querendo me dar coragem — e há a esperança da revisão médica...

Abraçei-o, o que mais poderia fazer ? Comentei com desespero :

— O que será de mim quando você partir ?

— Não se amofine tanto — disse-me êle, fazendo-me uma carícia. — E' certo que poderemos nos encontrar no lugar para onde eu fôr. E podemos continuar a nossa lua de mel.

Não sabia se Howard dissera aquilo com boas razões, ou se apenas com o intuito de me consolar. De uma maneira ou de outra, a perspectiva da nossa próxima separação passou a dominar todos os meus pensamentos. E tive a impressão de ouvir estas palavras, que a mãe de Howard não pronunciara, mas que ainda poderia dizer :



— Não lhes disse que vocês eram duas crianças ? Pode alguém se casar antes de servir ao exército ?

O exame médico deu Howard como inteiramente apto. Só restava, então, que o exército designasse o lugar onde êle ia servir. Durante as semanas que vieram, fiz-me escrava das palavras de Howard, dos seus menores gestos, como se pudesse, dêste jeito, viver todo o tempo em que íamos ficar um longe do outro.

Poucos dias antes de partir, Howard fêz-me uma sugestão :

— Betsy, não me agrade a idéia de deixá-la sôzinha neste casamento. Acho melhor você ficar com os meus pais. Se não o fizer, não terei um só instante de tranqüilidade, e, além disso, mamãe também já me deu esta idéia.

— Por certo, sua mãe quis dar uma demonstração de cortesia for, mal — respondi um tanto agastada. — Você bem sabe que ela não gosta de mim.

— Como não gosta ? Pois se ela nem bem a conhece — replicou Howard. — Esta é mais uma razão para ficar com ela. Convivendo, mamãe aprenderá a admirá-la...

Não pude afastar o argumento de Howard. Realmente — pensei — a convivência pode ser a maneira de criar um clima de entendimento entre mim e minha sogra.

Até hoje não gosto de recordar o momento em que me despedi do meu espôso. Consumada a partida, voltei da estação em companhia de minha sogra, tomando de lá o rumo da nova casa onde ia morar. Quem já passou pelo mesmo transe pode calcular o estado de espírito meu e de mamãe Nelly, nome pelo qual minha sogra gostava que eu lhe chamasse. Houve até um momento, rápido é verdade, em que a angústia pareceu nos reunir pelos mesmos sentimentos. Mas, quando mamãe Nelly introduziu-me no quarto de Howard, que dali em diante seria o meu, percebi nela forte estremecimento, mais nítido quando me viu arrumando a roupa dentro do armário do seu filho. Estranhava o que eu fazia, ou não se continha, por temer que eu estivesse usurpando o lugar de Howard ?

Transcorreram como uma eternidade as semanas passadas após a partida do meu espôso. Achei minha sogra demasiadamente severa, tanto assim que, em contato com ela, não me sentia à vontade, e punha-me a tremer ante a possibilidade de causar-lhe qualquer desgosto. Assim vivendo, passavam os dias sem que surdissem as ocasiões de se apro-

fundar a convivência entre nós. Toda a minha vida passou a depender das cartas de Howard. Se atrasavam, isso era o quanto bastava para me pôr mal-humorada, dia e noite. Depois de lidas, eu fazia questão de as reler, uma por uma, até decorá-las tintimpor-tintim.

Após dois meses desta vida, senti que ia ser mãe. Como natural, pensei em Howard, e meu primeiro impulso foi o de comunicar-lhe o que estava acontecendo. Entrei no bar da esquina, onde havia telefone, e, enquanto esperava a ligação interurbana, sentei-me, e pedi um refresco. Quando a campainha tocou, anunciando a ligação, vi minha sogra transpondo a porta do bar.

Minha primeira idéia foi a de que mamãe Nelly tinha me seguido. Tentei afastar esse pensamento, mas bem sabia que o nosso encontro no bar poderia causar um mal-entendido. Quando saíra, havia dito que tencionava dar uma caminhada a fim de ativar as pernas, mas, procedendo assim, o meu desejo era comunicar a Howard, antes de a qualquer outra pessoa, a boa-nova que tinha para dar. Ela fitou-me com desconfiança, ao ver-me correndo para a cabine telefônica, mas achei que o momento não era próprio para dar-lhe explicações.

Ouvindo o que eu lhe dizia, Howard revelou na voz profundo contentamento, mas, ainda assim, não deixou de perguntar:

— Tem certeza do que está dizendo, Betsy?

Respondi que sim, e passamos a pressurosa troca de palavras, dizendo do quanto estávamos sentindo a separação. Terminada a conversa, senti-me presa de dolorosa solidão, por compreender que era quase impossível viajar ao encontro de Howard. Havia entre nós uma distância que nos condenava ao vazio de uma prolongada ausência.

Sai abatida da cabine telefônica. Minha sogra, com olhar de inquisidora, deu um passo e foi ter comigo. Compreendi que tinha de dar-lhe uma satisfação, antes que suas idéias se voltassem para o pior...

— Acabo de falar com Howard — principiei timidamente — porque... vou ser mãe em abril...

— Terei um netinho! — exclamou mamãe Nelly, com a mesma alegria de Howard — E vai ser tão lindo!

Dizendo assim, minha sogra enfiou o seu braço no meu, e saímos andando no rumo de casa. Depois, ela ficou muito séria, e foi assim que me avisou:

NOSSAS CRIANÇAS

Quando a insegurança traz problemas

QUANDO tinha apenas 6 anos, uma garôta (hoje com 13) perdeu o pai num desastre de aviação. Tinha, por essa época, dois irmãos menores, um de 2 anos, outro de 2 meses. Sua mãe, tendo vivido algum tempo na viuvez, casou-se de novo, e nasceu desse casamento uma criança que tem, hoje, 3 anos. Os três filhos menores dessa senhora vivem muito bem, mas a filha mais velha tornou-se um problema para a família, porque seu padrasto, dando maior atenção aos pequenos, não procura influir em nada sobre a mocinha.

Ela quase não respeita sua mãe e seu padrasto, mas este nada faz para discipliná-la. E seu descaso é tamanho que, durante uma viagem de recreio feita pela família, o mau procedimento da enteada chegou a dar na vista. E', aliás, o que acontece todas as vezes que a mãe arranja as coisas de modo a reunir os seus num verdadeiro ambiente de família.

Entre outras coisas, a pequena adquiriu o hábito de mentir, e mente mesmo quando não haja a menor razão para fazer isso. Até há pouco tempo, as suas notas escolares eram excelentes, mas agora, ela sempre fracassa em uma ou duas matérias. Por causa disso, sua mãe lhe cortou todos os privilégios sociais, impedindo-a de receber ou de sair com seus amiguinhos de ambos os sexos. Durante algumas semanas, ela sofrerá esse castigo, a menos que melhore as notas. E os castigos não se limitam aos de ordem moral: às vezes, a mãe submete a filha a castigos físicos, embora saiba que não é essa a melhor maneira de corrigir os seus maus modos.

Paradoxalmente, a mocinha tem uma personalidade bem interessante, é agradável e de ótimo trato, mas só mostra isso muito raramente. O mais comum é ela exibir, deliberadamente, maneiras desagradáveis.

Seus irmãos, pelo contrário, praticamente não oferecem nenhuma dificuldade aos pais, e a mãe, julgando estar no bom caminho, evita fazer comparações entre essa filha desajustada e os filhos mais novos.

Conto-lhes essa história porque sei que muitas e muitas famílias passam pelas mesmas dificuldades. Agora, eis o que eu aconselharia, num caso assim: estou perfeitamente convencido de que a menina se julga prejudicada, acreditando que não recebe da família as mesmas atenções dadas a cada um dos seus outros membros, e que estes, quando se reúnem, só pretendem agir contra ela. Noutras palavras, ela se sente «demais» entre os seus. No lugar dela, eu ou qualquer um dos meus leitores faria o mesmo, mentindo, ainda que a propósito de nada, procedendo mal deliberadamente e até desprezando as atividades escolares, a ponto de perder médias.

O fato é que mãe e padrasto, de tão satisfeitos que estão com o procedimento das três crianças menores, tratam a mocinha com muita severidade, chegando a dar-lhe castigos corporais, acentuando, assim, uma comparação entre ela e eles, comparação que não chegam a fazer diretamente.

Não posso compreender por que teimam em castigar fisicamente essa menina de treze anos, nem, menos ainda, qual o resultado que esperam da punição que lhe foi imposta — evidentemente, muito mais cruel do que uma surra de chineladas — por causa das suas más notas na escola.

(Conclui na pag. 46)



Seu Problema é GANHAR MAIS?



VOCÊ pode «capitalizar» as suas amizades — e seus amigos ficarão satisfeitos — oferecendo-lhes cultura a preços populares. Basta inscrever-se em nosso Departamento de Assinaturas, tornando-se representante de ALTEROSA.

Colocando assinaturas de ALTEROSA, você realizará um trabalho útil e meritório, além de GANHAR MAIS, sem fazer muito esforço — e o que é melhor — sem prejuízo das suas ocupações habituais. Experimente e veja como é fácil.

É muito fácil GANHAR MAIS, colocando assinaturas de

ALTEROSA

a revista que todos desejam.

Inscreva-se hoje mesmo, dirigindo-se à Soc. Editora ALTEROSA Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte (MG), e indicando seu nome, profissão, residência, estado civil, grau de instrução e fontes de referências idôneas — as quais não tenham com você relações de parentesco.

— E' preciso muito cuidado. De hoje em diante você deve pensar apenas no seu filho. E vamos correr, menina, pois ameaça chuva, e isto pode resfriá-la.

Houve nova confusão nas minhas idéias. Era sincero o interesse de minha sogra? Estaria fingindo? Repeti-me a pergunta sem obter resposta, e com o passar do tempo, conservava-me sempre em vigilância, com medo de proporcionar a mamãe Nelly qualquer motivo de queixa ou reprovação. Acabei, por isso, recolhendo-me a um mundo de silêncio, que parecia fora do normal. Os pais de Howard bem cedo perceberam o quanto eu me isolava, mas foi o meu sogro que tomou a decisão de me interpelar. Isto aconteceu certa noite, e na presença de mamãe Nelly, mas, sentindo-me constrangida, nada respondi que pudesse esclarecer o meu comportamento. Percebi, por outro lado, como os meus sogros ficaram desapontados por não terem recebido uma explicação.

Por muitos aborrecimentos não teria passado, se tivesse deixado para trás a minha hostilidade, se tivesse aberto o caminho para conquistar a simpatia e a estima de minha sogra. Não sentia apreensões por causa do meu sogro, pois este era um homem pacífico, preocupado apenas em refestelar-se numa poltrona e em ler documentos dos seus negócios. Por sinal, ele não voltou ao assunto, após a sua fracassada tentativa de integrar-me na intimidade da família.

No dia em que minha filhinha nasceu, mamãe Nelly não me deixou por um só instante. O seu rosto foi o primeiro que vi quando recobrei os sentidos. E ouvi suas palavras — as primeiras também — em louvor de sua neta:

— E' um amor — confiou-me ao ouvido — e muito parecida com Howard. Oh! Betsy, quanta felicidade você me traz.

Senti vontade de estender-lhe a mão, e dizer tudo o que havia dentro do meu coração. Se o fizesse, cairiam as barreiras interpostas entre nós, e as alegrias e preocupações nos seriam comuns. No entanto, lá de dentro de mim, uma vozinha intrometida torceu-me a vontade, pois assim dizia: **Ela está contente apenas porque se tornou avó, está é orgulhosa por ter uma neta; mas não gosta de você, considerando-a uma intrusa que lhe roubou o filho.**

Voltada aos cuidados para com minha filha, não esbocei qualquer gesto para ganhar a confiança da mãe de Howard. E, por sua vez, Nancy, o meu bebê, deu-me muito trabalho nos seus primeiros meses. Recebi, nesta fase, dedicada ajuda de minha sogra que, noite e dia, fazia as vezes de outra mãe de minha filha.

Por fim, cessaram as imperitências da pequena Nancy, mas, então eu me sentia muito cansada e sem entusiasmo. Ainda assim, envolvia-me com ela, de tal maneira que não me sobrava tempo para visitar Eleonor, minha irmã, então residindo num bairro muito distante de nossa casa. Mas, se perdia o contato com ela, renovava constantemente a minha correspondência com Howard, remetendo-lhe fotos de Nancy e dando-lhe conta do seu rápido crescimento.

Quando minha filha estava com 6 meses, resolvi deixá-la com mamãe Nelly, a fim de ir ao centro da cidade, e, de passagem, fazer uma visita a Eleonor. Para mal dos meus pecados, minha sogra teve a idéia de sugerir-me algo com que eu não contava:

— Se já faz tanto tempo que você não visita Eleonor, por que não passa com ela pelo menos até amanhã? Pode ir despreocupada, porque me encarregarei de Nancy...

(Conclui no próximo número)

Quando a insegurança traz...

Conclusão da pag. 45

Essa punição — assim como qualquer outra provocada pela queda de nível escolar — não dá o menor resultado, especialmente quando aplicada numa mocinha que vive em condições tão infelizes, no seio da família. Em vez de castigo, os pais fariam muito melhor se a ajudassem, na medida do possível, a melhorar as notas, inclusive contratando os serviços de uma professora particular.

Desde que os pais façam alguma coisa no sentido de mostrar a ela que realmente tem algum valor, dentro do lar, será fácil reduzir o seu ciúme e, afinal, corrigir os seus maus modos.

De vez em quando, é claro, terão de lhe ser negados, por curtos períodos, alguns privilégios, mas, para isso, não serão necessários sermões moralizantes. Para mim, essa mocinha é um diamante de fino quilate. Só lhe falta ser lapidado. — Dr. Garry C. Myers.

Os Homens Estão na Frente

LOGO depois da segunda guerra mundial, calculava-se em dois milhões o número de mulheres que estavam «sobrando» no mundo. Agora, porém, a coisa se inverteu, e há mais homens do que mulheres.

As estatísticas são oficiais, e, por isso, merecem crédito, ainda mais diante desta previsão: a idade casadoura para a maioria dos jovens é de 25 a 39 anos, para os homens, e de 20 a 34, para as mulheres. Nesse grupo de idade, os sexos estão hoje mais ou menos em equivalência, mas, até 1983, o número de homens em idade para casar aumentará de ano para ano, ao passo que, depois de 1983, o número de mulheres começará a decrescer.

Isso é o que afirmam os estatísticos. Como chegam a esses resultados, não é fácil dizer. Mas que convém aceitá-los, lá isso convém.

«New-look»... de Papel

DENTRO em breve, para satisfação de muitos maridos, as mulheres poderão jogar fora todas as suas roupas, velhas ou não, sem ocasionar grandes transtornos no orçamento do lar. E' que, segundo pesquisadores ingleses, já se pode contar com a próxima fabricação, em larga escala, de roupas de papel, que custarão muito pouco. Já estão sendo experimentadas, com relativo sucesso, camisas, saias, meias, casacos e uniformes de papel. E a coisa vai mais longe: quem pensa que tais roupas serão inconvenientes, por exemplo, num dia de chuva forte, deve mudar logo de idéia, ao imaginar que já se fabricam até roupas de banho de papel.

Estatística e Relatividade

UM homem que caminha diariamente um total correspondente a uns cinco mil metros terá percorrido, ao chegar aos 65 anos, nada menos de 118.625 quilômetros (naturalmente, para esse resultado, o fator distância por dia é um número médio, uma vez que, na infância, ninguém anda tanto), o que equivale a quase três vezes a volta ao mundo. Já um maquinista de trem, que percorre, em 24 horas, a distância de 400 quilômetros, terá, aos 65 anos, coberto a respeitável extensão de 9.940.000 quilômetros, que é mais de nove vezes a distância de ida e volta à lua.

Moral da história: Einstein tinha razão — tudo é relativo.

Pelos Frutos se Conhece a Boa Árvore



Quer a fortuna vos tenha vindo de vossa família, quer a tenhais ganho com o vosso trabalho, há uma coisa que não deveis esquecer nunca: é que tudo promana de Deus. Nada vos pertence na terra, nem sequer o vosso próprio corpo; a morte vos despoja d'Ele, como de todos os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos iludais. Deus vos empresta, tendes que Lhe restituir; e Ele empresta sob a condição de que o supérfluo, pelo menos, caiba aos que carecem do necessário! — LACORDAIRE.

NÃO basta dizer-se cristão. Não basta que se faça ato de presença nas cerimônias rituais e que se grite e gesticule nas rodas de amigos, proclamando-se seguidor de Cristo.

O verdadeiro cristão é o que se faz conhecer pelos seus atos, pelos seus exemplos. Jesus já nos advertia contra as enganosas aparências, quando afirmava que os Seus verdadeiros seguidores seriam conhecidos por muito se amarem, e que a boa árvore poderia ser identificada pelos seus bons frutos.

O Abrigo Jesus, essa benemérita instituição criada pelo amor cristão, devotada ao amparo e educação de uma centena de meninas órfãs ou desvalidas, espera da sua caridade um donativo que o auxilie na sua nobre tarefa social e humana. Muitos são os problemas com que defronta, e todos reclamam recursos, muitas vezes amplos e urgentes.

Pratique um ato de verdadeira caridade, auxiliando o

ABRIGO JESUS o lar cristão de 102 criancinhas

Caixa Postal 734 — Belo Horizonte

DONATIVO AO «ABRIGO JESUS»

Junto a este a importância de Cr\$, em cheque bancário

como donativo ao ABRIGO JESUS

vale postal

NOME

ENDEREÇO

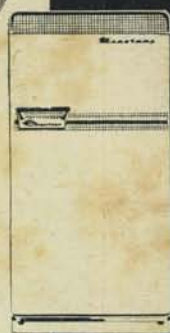
CIDADE

ESTADO

NB — A correspondência e os valores para o ABRIGO JESUS podem ser enviados para a Caixa Postal 734, Belo Horizonte, Minas Gerais.

ALT. — 1

a preferência é a prov



eis a famosa linha Brastemp,
consagrada em todo o Brasil:

Príncipe	-	6,5 pés (180 litros)
Conquistador	-	8,5 pés (240 litros)
Imperador	-	10,5 pés (300 litros)

potam - casa de amigos

DOCINHOS DE REFRIGERADOR

Brastemp

OFERECE

3 RECEITAS

PARA O SEU

ÁLBUM

1 xícara (chá) de manteiga
1 xícara (chá) de gordura
1 xícara (chá) de açúcar mascavo
1/3 de xícara de açúcar branco
1 xícara (chá) de nozes picadas
4 xícaras (chá) de farinha de trigo

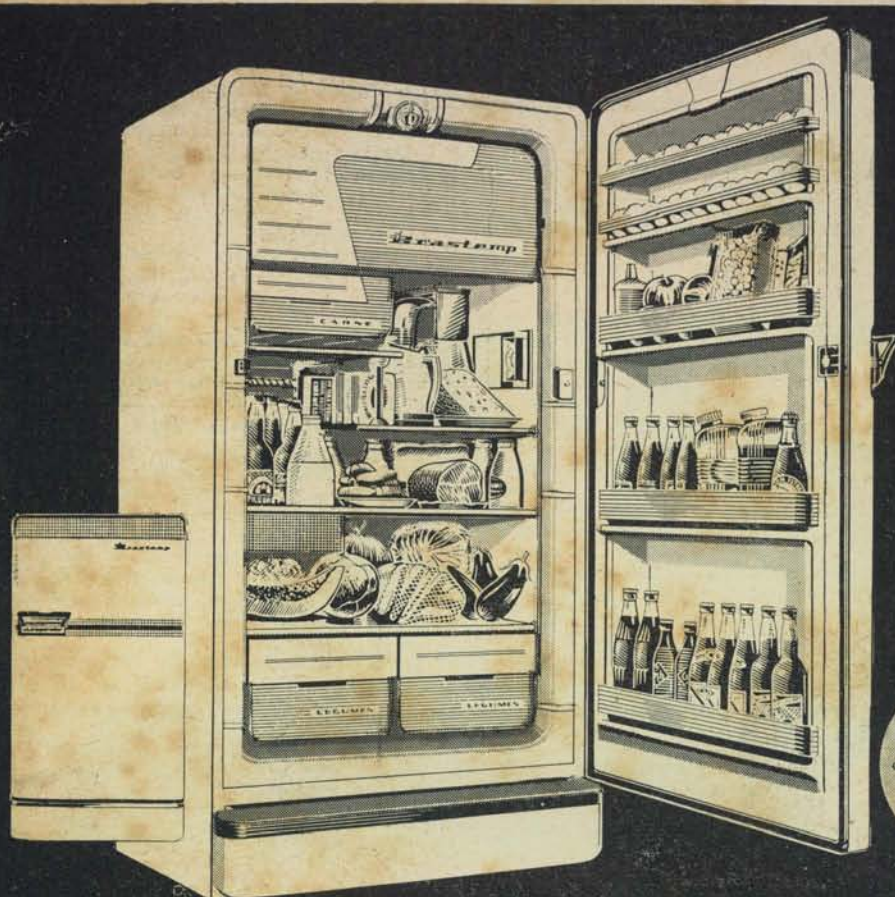
1 xícara (chá) de passas corinto
3 ovos
1 1/2 colher (chá) de baunilha
1 colher (chá) de bicarbonato
1 colher (chá) de sal
2 colheres (chá) de canela

Bate-se a gordura e a manteiga, até ficarem como um creme; junta-se o açúcar e bate-se bem, adicionando-se, então, os ovos, um a um, batendo-se novamente. Peneiram-se os ingredientes secos, para juntá-los, em seguida, à primeira mistura.

Obtém-se ótimo resultado dividindo-se em duas partes esta massa e juntando-se chocolate e baunilha a cada uma das partes, côco ralado à primeira e nozes e passas, ou tâmaras picadas, à segunda. Estas duas podem ser enroladas em papel impermeável e colocadas no refrigerador durante a noite ou o tempo que se quiser. Antes de assar, cortam-se essas partes da massa em fatias muito finas, que são levadas ao forno quente, em tabuleiro.

A parte de chocolate pode ser enrolada por cima da de nozes a fim de se obter mais uma variedade de biscoito.

Brastemp



**sempre
o melhor
em qualidade
e estilo**

Brastemp é sinônimo de pioneirismo em qualidade. Brastemp inovou — e inova sempre.

Brastemp introduziu no Brasil um novo conceito de conforto em matéria de refrigeração doméstica — e a **preferência do público** consagrou-o como o refrigerador perfeito para as condições brasileiras.

E por isso, Brastemp é um refrigerador de alta classe. E por isso, Brastemp é o refrigerador de alta classe **mais econômico** que Você encontra.

**espaço
integral**
aproveitamento
total do
espaço
interno

**fecho
moderno**
pode ser aberto
até com o
cotovelo

**acabamento
super-fino**

Príncipe, Conquistador, Imperador: pioneirismo e tradição em qualidade e estilo

CREME DE CHOCOLATE

3 colheres (sopa)	6 colheres (sopa) de
de maizena	chocolate em pó
1 garrafa	Açúcar à vontade
de leite	Mólho para creme de
4 gemas	chocolate

Dissolva cuidadosamente a maizena em um pouco de leite. Junte o chocolate, as gemas e o açúcar, misturando tudo muito bem. Leve ao fogo, mexendo sempre, até engrossar. Despeje numa fôrma molhada em água. Quando esfriar, vire num prato e cubra com o mólho para creme de chocolate. Sirva gelado.

CREME DE BAUNILHA

1 litro de leite	4 ovos
Meia fava	12 colheres (sopa)
de baunilha	de açúcar

Ferva o leite com a baunilha. Enquanto isso, bata as gemas com o açúcar. Junte depois o leite morno e volte tudo ao fogo. Mexa sempre, tendo o cuidado de não ferver. Deixe esfriar bem. Quando estiver completamente frio, junte as claras batidas em neve, mexendo tudo bem. Sirva gelado, e, querendo, com calda de frutas.

NOS mastros longínquos dos pin-
caros azulados, o dia desfalda o
pavilhão rubro do crepúsculo.

O vulto das árvores, humildes e
reclinadas, tem a fisionomia reli-
giosa de freiras em procissão.

Os magros coqueiros, unidas as
mãos, têm o ar silencioso de mon-
ges em prostração.

A tarde é um templo imerso em
oração.

O Paraíba se estende pardo e
longo, como um tapete dentro de
uma catedral.

O sol em agonia — sino de ouro
reluzente pendurado nas tôrres dos
montes, badala, tristemente... (Pas-
sos de Mello)

DE Katherine Mansfield — E'
outra vez quase noite... O mar está
muito agitado. Quebra-se nos roche-
dos, varre-os, cobre-os, aperta-os,
salta sobre eles. Na claridade crua
e metálica, as rochas têm um tom
encarniçado. Por cima, estende-se
uma larga faixa de um verde mistu-
rado com um preto suntuoso,
côr de fuligem; mais acima ainda,
o cone de uma montanha rósea; sô-
bre a montanha, um céu azul que
brilha como o interior de uma
concha molhada...

QUANDO as sombras do cre-
púsculo se aprofundam, mesmo no
mar, pode acontecer que sejamos
assaltados por um estranho senti-
mento de desejo por alguma coisa
bela, alguma coisa além da luta hu-
mana, alguma coisa dentro de nos-
so alcance e, ao mesmo tempo, ina-
tingível, porque não conseguimos
defini-la. (F. Crevato)

fuga

LEONOR TELLES

DE Olegário Mariano — Amo os
crepúsculos cinzentos. Caíndo sô-
bre as águas estagnadas... Os pi-
nheiros sonolentos humanizando a
calma das estradas... O infinito, as
estrêlas longínquas, o poema que
há na dor silenciosa dos que que-
rem falar e que se calam: amo os
teus olhos, amor dos outros, por-
que os teus olhos nunca falam!

QUE derradeiro adeus deixa no
oriente o sol, ao ir-se afundando,
no mar, ao crepúsculo... (Tagore)

E NESTA hora do Angelus esque-
cemos as agruras da vida, o sofri-
mento e as tristezas cotidianas, os
trabalhos e preocupações que nos
asfixiam, as conseqüências deste sé-
culo moderno que se diz chamar
de Luz e que está tão imerso nas
trevas, porque na hora da Ave Ma-
ria fala nossa alma, olvidando o
que de material nos rodeia... (Mar-
tha Soares de Melo Luna)

DE Vargas Vila — O Crepúsculo
é irmão da Melancolia, o pai cari-
nhoso da Recordação; tudo flores-
ce no jardim instável dessa hora
moribunda em que renasce tudo.

COMO pálpebras roxas que tom-
bassem sobre uns olhos cansados,
carinhosas, a noite desce... Ah!
doces mãos piedosas que os meus
olhos tristíssimos fechassem!

Assim mãos de bondade me em-
balassem! Assim me adormecessem,
caridosas, e em braçadas de lírios e
mimosas, no crepúsculo que desce
me enterrassem!

A noite em sombra e fumo se des-
faz... Perfume de baunilha ou de
lilás, a noite põe-me embriagada,
louca!

E a noite vai descendo muda e
calma... meu doce amor, tu beijas
a minh'alma beijando nesta hora
a minha boca! (Floribela Espanca)

DE Augusto Frederico Schmidt —
A tristeza da tarde é leve e alta.
Vem da cidade, e sobe ao ar co-
mo fumaça. A tristeza da tarde
envolve as árvores delicadas, en-
volve jardins crepusculares. A tris-
teza da tarde vem das agonias diá-
rias, dos pequeninos doentes, dos
amorosos infelizes, das lágrimas
dos pobres.

— A tristeza da tarde vem das
grandes partidas, dos soluços de
adeus, para as viagens e para as
incompreensões. Olho a tristeza da
tarde caminhar pelo espaço. Inva-
dirá os quartos dos que vão morrer,
se debruçará sobre os berços, e
iluminará a alma de todos os poe-
tas!

«Andamos no crepúsculo
como no coração de
um sonho...»

DE Vargas Vila — Amo reme-
morar sobre a tarde, a luz cam-
biante e nacarada dessas horas ca-
dentes que parecem feitas de remi-
niscências, quando no céu lenta-
mente invadido pelas sombras se
ouve o vôo rítmico das nossas vi-
sões em fuga; e a Noite crescente
cai sobre nós como um sudário;
e agasalha-nos, com todo o es-
plendor das nossas misérias agoni-
zantes, no coração do Silêncio...

DE um anônimo — A meia-luz do
crepúsculo, passam vultos tangidos
carregando desejos para a noite en-
volver; e são sombras, também, das
memórias perdidas, dos sonhos dou-
rados que o dia desfêz. São crian-
ças de ontem, adultos vergados, à
imagem da infância, às saudades de
antanho, querendo encontrar, já no
ocaso do dia, os brinquedos que-
brados que o tempo fêz pó. Mas as
sombras informes têm consigo a
esperança, o fio de ânimo que o
crepúsculo mandou.

A máxima *elegância...*

com o mínimo
de despesas

*Compre seus tecidos
diretamente
das Fábricas*

MARQ. ANDRADE PROP

EMPÓRIO DA FÁBRICA
RENASCENÇA
Rua Botucatu, 305

EMPÓRIO DA FÁBRICA
CACHOEIRINHA
Rua Simão Tamm, 378

14

**Fábricas
unidas
para
baixar
o custo
de
vida.**



...ainda não sei
que vestido vou usar
- mas já sei que vou
usar as meias IBRAM.

Pode haver dúvida quanto
ao vestido, mas nunca
há dúvida quanto
as meias, pois considero
as meias IBRAM, a base
da elegância.



ROSANIS

INDÚSTRIA BRASILEIRA DE MEIAS S.A. - XAVIER DE TOLEDO, 114 - S. PAULO

A Estigmatizada de...

Continuação da pag. 21

No dia 10 de março de 1918, que era domingo, estalou um incêndio na casa vizinha daquela onde Teresa morava. Depois de erguer, durante 2 horas, pesados baldes d'água — a fim de ajudar no extermínio do fogo — a moça sentiu fortes dores na ponta das costas. Nos meses que se seguiram Teresa sofreu várias quedas, que lhe produziram lesões internas e na cabeça.

O seu estado agravou-se mais, piorando a ponto de, no dia 22 de outubro, o Padre Naber ministrar-lhe a extrema-unção. Dentro de curto tempo, sobreveio uma paralisia quase total, acompanhada de considerável redução de suas funções corporais. Teresa ficou cega, surda e muda. Uma legião de dores percorria todo o seu corpo. Rebertaram-lhes úlceras no estômago, de forma que ela sentia extrema dificuldade para comer qualquer coisa.

Não houve melhoras durante o prazo de 5 anos. A primeira aconteceu às 6:30 da manhã do dia 29 de abril de 1923 — quando Teresa abriu os olhos. Os médicos e a família da enferma crisparam-se de espanto ao verificarem que a moça estava enxergando. Dois anos após isto, Teresa sentou-se na cama pela primeira vez, mexeu com as pernas, e descobriu que podia caminhar.

Essas modificações trouxeram consigo a melhora geral do seu estado de saúde, e, de acordo com Teresa, seguiu-se a sua primeira visão, no dia 4 de março de 1926. «Muito de repente», recorda a estigmatizada, «vi o Redentor em face de mim no Monte das Oliveiras. De imprevisto, senti no meu flanco uma dor tão forte que tive a impressão de que ia morrer. Ao mesmo tempo, percebi alguma coisa quente escorrendo pelo meu flanco. Era sangue».



Assim principiaram as visões e as feridas que sangram. E quando, cerca de 10 meses depois, a filha do alfaiate constatou que podia sobreviver sem alimentar-se, teve começo a fama de Teresa Neumann. Pelos anos a fora, a notícia dos prodígios tem feito a volta do mundo, enquanto a estigmatizada recebia bênçãos apostólicas dos Papas Pio XI e Pio XII, e era objeto de investigações procedidas por numerosos sacerdotes. O ex-Prímaz da Bavária, o Cardeal Faulhauber, disse, certa vez, que Teresa Neumann «é a imagem viva do Crucificado».

Apesar de tudo o que já se disse, a Igreja Católica assumiu, sobre o assunto, uma posição de neutralidade. E' verdade que, no entender dos teólogos, existem almas predestinadas ao sofrimento, e, entre elas, algumas — místicas por definição — com o privilégio de entrarem em associação particularmente sensível e aproximada de Deus. Mas, embora sendo assim, a Igreja tem pautado sua orientação no sentido de fazer cuidadosa distinção entre a santidade e os fenômenos. E como ela sempre foi contundente ao denunciar os falsos místicos, alguns observadores dão ênfase especial ao fato de ainda não ter aparecido um relatório negativo sobre Teresa Neumann. Parece acima de dúvidas que somente depois da sua morte o Vaticano dará a conhecer sua posição oficial sobre o caso.

Depois de S. Francisco de Assis, no Século XIII, entraram nos relatórios outros 341 casos de pessoas que traziam em si uma simples, ou mais de uma, marca de estigmas. Contavam-se naquele número 300 mulheres, quase todas acometidas de gravíssimos males físicos ou neuróticos. Teresa Neu-

(Conclui na pag. 72)

mas mistura-os todos e, geralmente, tem o sono mais pesado na primeira hora, após ter fechado os olhos.

A melhor maneira de se parar qualquer coisa é ir detendo a marcha gradualmente, em vez de aplicar os freios logo de uma vez. Em se tratando de sono, isso quer dizer que se deve relaxar os músculos e aliviar o cérebro aos poucos. Assim, não vale a pena tratar de coisas complicadas antes de ir dormir, mas, ao contrário, fazer um exercício mental de natureza leve, como, por exemplo, ler coisas ligeiras, ouvir música suave (mas, nada de assistir a programas de mistério, na televisão).

Em muitos casos de insônia, não convém ficar com medo de nada, a não ser a própria falta de sono. Não é porque uma convenção tóla o diz, que a gente tem mesmo necessidade de dormir as clássicas oito horas. Edison dormia apenas duas ou três horas por noite — mas sabia aproveitar bem o que chamamos de «tirar uma pestana». E, muito embora os recém-nascidos durmam quase 24 horas por dia, as pessoas idosas satisfazem-se perfeitamente com umas quatro horas de sono, por noite.

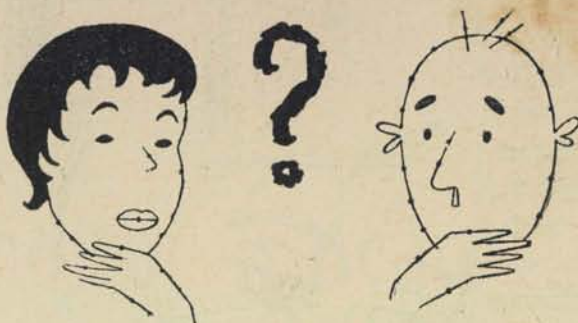
Há também o caso das pessoas que dormem demais. Isso pode, às vezes, significar que se está procurando fugir às responsabilidades ou à vacuidade da vida, e, não raro, quando se dorme demais, acorda-se mais cansado do que quando se deitou.

Nada disso vem a significar que se possa deixar o sono como uma coisa não sujeita à disciplina. Dormir é tão importante como comer ou beber — se não fôr mais. Porque, em verdade, o homem pode passar 40 dias sem ingerir alimentos sólidos, e mais de uma semana sem água. Mas, experientemente ficar apenas cinco dias sem dormir, para ver o que acontece...

Profecia Compensadora

DE vez em quando, a quinta esposa do falecido poeta, escritor, teatrólogo e cineasta Sacha Guitry costumava manifestar certo ciúme, com relação às suas predecessoras. Nessas ocasiões, Guitry a consolava, com palavras que, afinal, ficaram sendo uma profecia: «As outras foram apenas minhas esposas. Mas você, minha querida, vai ser minha viúva».

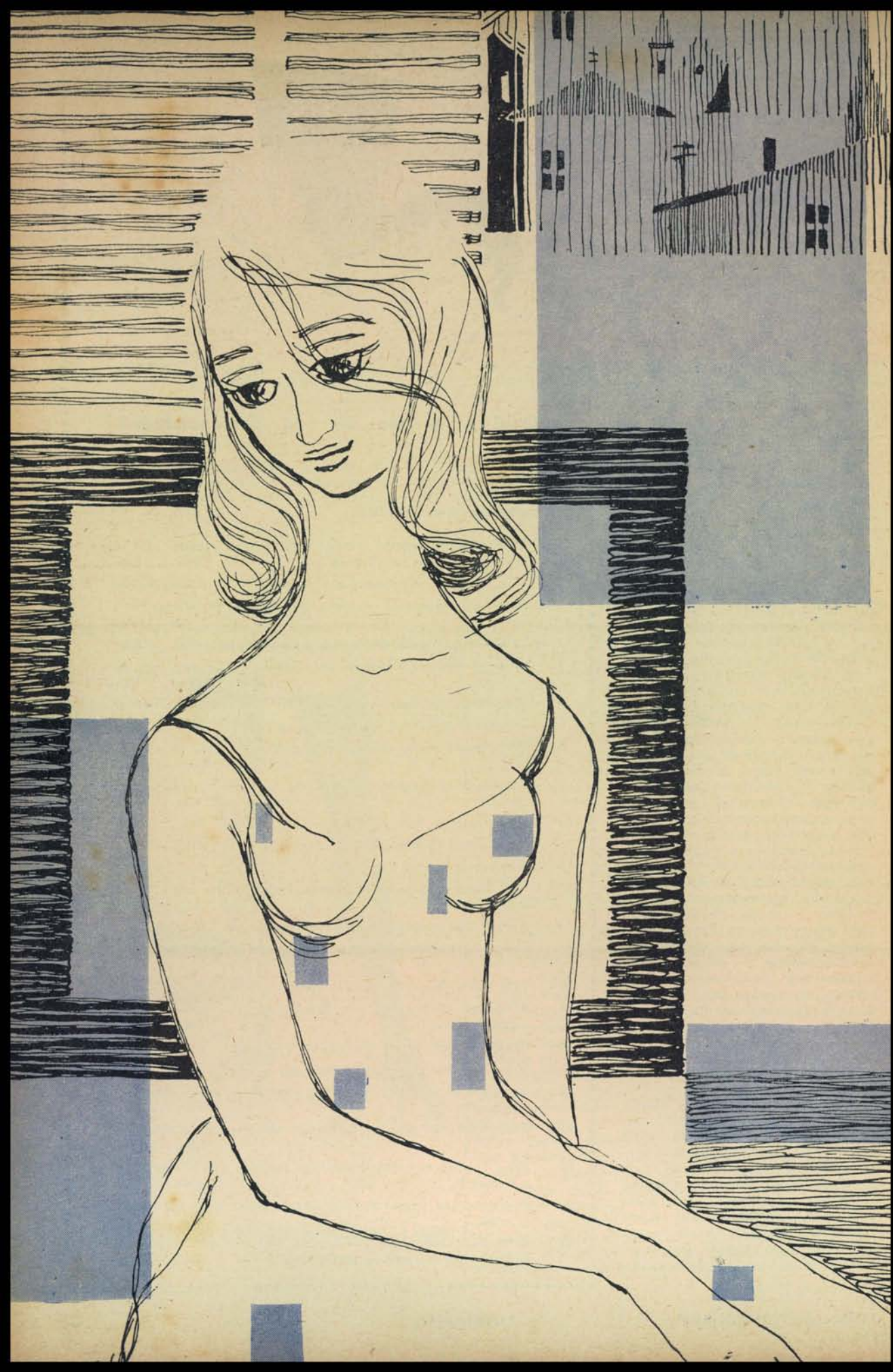
TESTE



Qual é o tipo de sua personalidade?

SUAS respostas a este teste de auto-análise indicarão, em linhas gerais, seu tipo de personalidade. Responda a cada pergunta "Sim" ou "Não" e procure na página 94 a explicação do que significam suas respostas.

- 1 — Você fica indignado vendo uma pessoa amiga ser injustamente acusada ou julgada? Sim.... Não....
- 2 — Tem medo de relâmpagos e de trovões? Sim.... Não....
- 3 — Sente-se melindrado ouvindo expressões grosseiras? Sim.... Não....
- 4 — Tem muito cuidado com o seu aspecto físico? Sim.... Não....
- 5 — Sente-se ofendido quando lhe dizem: «Não seja tolo?» Sim.... Não....
- 6 — Tem medo de ficar só, à noite? Sim.... Não....
- 7 — Desagrada-lhe ver a toalha de mesa suja? Sim.... Não....
- 8 — Preocupa-se muito com as suas gaffes ou ratas na sociedade? Sim.... Não....
- 9 — Encoleriza-se quando zombam de você na sociedade? Sim.... Não....
- 10 — Amedronta-se ao ver águas profundas? Sim.... Não....
- 11 — Acha muito desagradável o cheiro de suor? Sim.... Não....
- 12 — Você se melindra facilmente? Sim.... Não....
- 13 — Fica zangado quando vê alguém estragar um livro ao manuseá-lo? Sim.... Não....
- 14 — A vista de sangue provoca-lhe vertigem? Sim.... Não....
- 15 — Fica zangado quando alguém lhe chama de preguiçoso? Sim.... Não....
- 16 — Tem medo de perder-se nas ruas? Sim.... Não....
- 17 — Acha que as caçadas, por simples esporte, deviam ser proibidas pela lei? Sim.... Não....
- 18 — Desgosta-o ver ébrios em lugares públicos? Sim.... Não....
- 19 — Sente muitas vezes dores nos pés? Sim.... Não....
- 20 — Acha que os meninos devem ser castigados pelas suas brigas? Sim.... Não....
- 21 — Desgosta-o ver alguém mascando chiclets em público? Sim.... Não....
- 22 — Acha que os menores devem ser punidos quando encontrados a fumar? Sim.... Não....
- 23 — Gosta de que outras pessoas lhe confiem seus segredos? Sim.... Não....
- 24 — Acha que devem ser punidos os meninos que respondem às advertências dos pais ou professores? Sim.... Não....





A Primeira Traição

FRANK BROOKHOUSER

Ilust. de Wilma Martins

BÁRBARA estudou cuidadosamente a aparência, no fundo do espelho, e não pôde esconder um sorriso de satisfação. Vestira-se com mais apuro que de costume, fizera a maquiagem com um cuidado especial, acentuando melhor os detalhes mais bonitos. Ia sair com um homem, e queria ter o melhor aspecto possível, porque não se tratava de um encontro comum, coisas de todo dia, não. Era a primeira vez que estava para sair com outro homem, desde que se casara com Ricardo, onze anos atrás.

Olhando de relance para o relógio, ela refletiu: «Não tenho muito tempo para me aprontar». Começou a movimentar-se mais depressa, nervosamente, sentindo outra vez aquela momentânea mas desconfortável sensação de fraqueza e de dúvida. «Vou sair com ele... — pensou. — Afinal, o que vai acontecer não é nada demais. Vamos jantar, ver o «show»... Eu... eu... não sou criança, nós somos gente moderna... e...»

Tinha trinta e quatro anos, era dona de invejável frescor

juvenil, e seus olhos eram cheios de um brilho particularmente atraente. Bárbara amava seu marido. Ele era bonito, tinha o jeito encantador de fazer as coisas, e o brilho bem-humorado de seus olhos azuis era daqueles de fazer esquecer as preocupações de um dia inteiro de trabalho.

Sempre fizera por onde proporcionar-lhe conforto, quando não luxo; e calor humano, quando não selvagem. Nunca fôra do tipo que vive ajoelhando-se aos pés da mulher, e ela jamais se sentira cansada de sua companhia — o que sem dúvida, era muito bom. Acontece, porém, que não podia gozar bastante da companhia dele.

Havia três anos que Ricardo fôra convidado a trabalhar como inspetor-viajante, na firma de contadores de que era empregado. Apresentara à esposa o convite dos patrões, fazendo o máximo empenho em deixar claro que a ela cabia a decisão final.

— Gosto muito de você, Bárbara — dissera ele — e o nosso casamento é a coisa mais importante de minha vida.

Sempre foi. O emprego é bom, não resta dúvida, mas não deixa, também, de ser apenas um novo emprego — e não existe outra Bárbara por aí...

— Mas não se trata apenas de um novo emprego, meu bem. É uma coisa muito importante para a sua carreira, para o seu futuro.

— É muito importante mesmo, Bárbara. Pode trazer uma porção de benefícios para nós. Mas tem os seus inconvenientes. O principal é que eu terei de ficar viajando, e tenho certeza de que não vou sentir-me muito bem, longe de você.

— Eu também não...

— E' por isso mesmo que estou pondo a coisa em suas mãos. Você é quem vai dizer sim ou não.

Ela sabia perfeitamente o quanto significava, para ele, o novo emprego. Conhecia todas as coisas que ele não quisera referir, por causa de suas inatas qualidades de espírito. Sabia também que, se ele não aceitasse a proposta, poderia vir a, futuramente, ficar achando que havia cometido um erro. Tratava-se de uma decisão que não deixava, a nenhuma

Era a primeira vez que ia sair com outro homem, mas quando souu a campainha, tudo ficou bem claro, diante dela...

espôsa, qualquer alternativa.

O primeiro ano de seu novo modo de viver foi encantador, com uma quantidade de satisfações bastante grande para compensar as muitas separações. Era como se vivessem de novo o período do namôro. Ricardo chegava às pressas, às vêzes aparecia de surpresa, e ambos experimentavam grande prazer, antecipando as semanas ou os fins-de-semanas que haveriam de passar juntos.

No segundo ano, grande parte da novidade e muito da excitação começaram a esvair-se, e Bárbara, pela primeira vez, desde os tempos de solteira, soube o que era a solidão e a infelicidade. Tinha suas amigas, freqüentava os clubes, entregava-se às suas atividades, mas, de vez em quando, tudo isso perdia toda a graça, e ela preferia ficar em casa, sôzinha, ouvindo intermináveis programas de rádio.

E, no terceiro ano, sua solidão passou a parecer uma triste, dolorosa experiência, que lhe tirava completamente a alegria e o gôsto de viver. Isso ocorria freqüentemente, e era então que ela julgava ter necessidade de outro homem ao seu lado. Não num gesto de abandono. Nem de desespero. Desejava simplesmente ser objeto de um olhar de ad-

miração, de umas palavras galantes. Queria um companheiro para rir, queria sentir-se ainda estimada, desejada, não como uma espôsa abandonada, mas como uma mulher que ainda guardava toda a sua atração feminina.

Não era de olhos fechados que ia encontrar-se com outro homem. Sabia que o encontro poderia ser perigoso, que poderia haver mais do que um jantar casual, pois estava perfeitamente consciente de que Carlos era capaz de atraí-la para além, com seu jeito agradável, seu encanto pessoal, sua fascinação, sua juventude — pois ia a pouco mais dos trinta. Mas achava que tinha necessidade daquele passeio, que precisava dêle para o seu próprio bem-estar.

Ela e Ricardo haviam conhecido Carlos numa reunião dançante de sábado, fazia um mês. Ele acabara de entrar para o clube e era a primeira vez que aparecia. Desde então, Ricardo estivera em viagem, e ela continuara freqüentando as reuniões semanais, levada pelas amigas. De todas as vêzes, Carlos estivera presente, sempre encantador, sempre alegre, sempre fazendo-a rir bastante. E não ficou surpreendida, quando, naquele último sábado, êle começou

a falar num jeito mais do que casual.

A orquestra tocava «Poeira de Estrêlas», e êle disse, suavemente:

— Bárbara, estou muito satisfeito por ter entrado para este clube. Por sua causa.

Ergueu para êle os olhos interrogativos e não respondeu. Achou que os olhos responderiam sôzinhos.

— Você entendeu, não é? — continuou — Tenho estado com você há quatro sábados, e não consigo afastar do pensamento a lembrança de seus olhos escuros. Você é muito bonita, Bárbara. E eu acho muito injusto, para você (ou para mim também), ficar sôzinha em casa tantas noites.

— O'! Então você andou descobrindo coisas?

— Naturalmente.

— Neste caso, deve saber também que sou casada e muito feliz, deve saber que não há outro homem...

— Sei disso.

— E não acha importante?

— Claro que é. Mas gostaria, assim mesmo, de levar você para jantar, uma noite destas. Eu não sou má companhia, Bárbara, e acho que posso ajudá-la a se divertir.

— Também acredito, Carlos. Mas eu não gosto muito destas coisas. Devo ser meio antiquada, não é mesmo?



— Sinto muito, peço mil desculpas, mas acho que você não pode ficar magoada com o que eu disse...

— Não fico, não.

— Então, posso telefonar para você, de vez em quando?

— Acho que seria desperdiçar seu tempo...

— Mas eu tenho tempo de sobra, Bárbara.

Ela não pôde deixar de sorrir.

Nem bem cuidara de fazer as contas, somando sua solidão, o encanto persuasivo de Carlos, a lembrança daquela sensação de ser desejada, que ele provocara, a alegria que sentira em sua companhia, e já estava pronta para, dentro de meia hora, sair para o jantar que ela mesma havia recusado com tanta firmeza, fazia apenas uma semana.

Já ia descendo as escadas, quando tocou a campainha da porta. Teve um momento de incontrolável pânico, antes de compreender que Ricardo não haveria de tocar a campainha, uma vez que sempre levava as chaves consigo. Abriu a porta e viu que estava lá o moço de entregas de uma casa de flores.

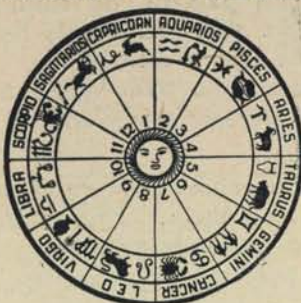
— Faça o favor de assinar aqui, Madame.

O rapaz recebeu o papel, fez meia-volta e saiu apressado, sem ao menos olhar para a assinatura.

Ela abriu a caixa, mas não encontrou nenhum cartão de oferecimento. Carlos não haveria de mandar flores, a não ser acompanhadas de uma mensagem qualquer. Além disso, a orquídea oferecida por ele já estava na geladeira.

Então, as flores eram de Ricardo. Só podiam ser dele. Mas, assim mesmo, não deixava de ser esquisito. Ele sempre levava-lhe presentes, ao voltar para casa, e nunca deixava de mandar flores, nos dias especiais. Mas nada tinha de especial aquele dia. Todavia, era evidente que nin-

ALCANCE A FELICIDADE A QUE ASPIRA!



A Astrologia é uma ciência positiva. Todos têm épocas favoráveis em sorte, negócios, amizades, etc. Porém nem todos conhecem as suas oportunidades. Conheça os meios de vencer os obstáculos da sorte enviando *somente o envelope selado com seu endereço e data de nascimento para P. EMTE — Caixa Postal 1141 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul e receberá grátis e sem compromisso a resposta de seu interesse.*

Auxilie as criancinhas do ABRIGO JESUS

Fruto do amor cristão, o edifício do Abrigo Jesus foi construído e aparelhado para abrigar, instruir e educar 200 criancinhas desvalidas, amparando-as e preparando-as para o futuro na vida social. Mas falta-lhe a renda necessária para completar o número de crianças que pode abrigar. Auxilie essa benemérita instituição, contribuindo também com o seu donativo.



Cx. Postal 734 - B. Horizonte

DISTINÇÃO E ORIGINALIDADE

Ofereça o presente que fará o seu nome lembrado durante todo o ano. Ofereça uma assinatura de

ALTEROSA

O presente que chega 24 vezes

APISÉRUM

O único Produto Genuíno importado da França

APISÉRUM: Solução de Geléia Real estabilizada é a única legítima

Cuidado com as imitações

Apisérum, o fortificante poderosíssimo, recomendado mundialmente para os esgotados e enfraquecidos e depauperados, confere a todos suas energias, e retarda a velhice

Exija a marca APISÉRUM e a assinatura B. de BELVEFER

GELÉIA REAL
APISÉRUM



VIA BUCAI

Importador: Jacques Hasson — Rua Barão de Itapetininga, 255 — São Paulo

Filial de Belo Horizonte: Rua dos Caetés, 386 — Sala 203 — O único distribuidor em Minas Gerais — Tratar com ROBERT LEVY

Se você não votar nas próximas eleições estará desprezando o mais nobre direito de cidadão. Votar é a expressão da vontade de cada brasileiro, voltada para escolher os mais dignos de nos governar. Qualifique-se, como eleitor, para exercer o seu direito.

a elegância é um segrêdo da METRO



Sapatos, as últimas
criações da moda.
Bólsas as mais
originais e modernas.

Nova secção de calçados para crianças.

Sapataria METRO

Rua São Paulo, 622/26.

Fone: 2-3360 — Belo Horizonte

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alfáce "Brilhante", ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cútis.

Depois de aplicar este creme observa-se como a sua cútis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfáce "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfáce "Brilhante". Experimente-o.

É um produto do Laboratório Alvim e Freitas S. A.

guém as mandaria, sem ao menos uma palavra. Só mesmo Ricardo. «Oh Ricardo, as flores são lindas, meu bem!»

Agora, não tinha mais coragem de sair com Carlos.

A campainha soou de novo, com insistência. Era, outra vez, o moço de entregas.

— Peço-lhe desculpas, Madame — disse ele. — Eu errei o endereço. As flores são para a casa do lado.

Depois que o rapaz se foi, ela ficou parada, atônita, no meio da sala. Era como se tremendas ondas de desapontamento lhe corresse todo o corpo. De repente, sentiu a força do pesado conflito de emoções que lhe ia na alma. Caminhou lentamente para o divã. Agora, não havia mais razão para ela deixar de sair. Depois, quase no mesmo instante, achou que não devia. Sentou-se, ao péso do que acabava de descobrir. Seria, com efeito, uma mulher muito baixa, se resolvesse não mais sair com Carlos, porque Ricardo lhe enviara flores — e agora, se decidisse a sair, porque Ricardo não enviara coisa alguma. Tudo o que vestia — tudo o que usava **naquela noite** — lhe havia sido dado por Ricardo. Ele nunca deixara de fazer o máximo para torná-la feliz. Nunca deixara de amá-la, de admirá-la. E, se estava longe, não era pelo seu gosto. Devia sentir-se tão só como ela mesma.

— Isso é que seria uma baixeza — disse a si mesma, em voz alta. — Estive para fazer exatamente o que nunca quis fazer. Fui quase o tipo de mu-

lher que eu mataria, se visse fazendo aquilo...

Ficou sentada no divã, esperando com toda calma pelo telefonema que Carlos haveria de dar. Quando, afinal, soou a campainha, ela segurou o receptor com toda confiança.

— Ei, menina dos olhos castanhos. Que é que está fazendo? — perguntou Carlos, alegremente. — Há trinta e cinco minutos que estou esperando... Já passou a hora da sopa.

— Eu não vou, Carlos. Sinto muito, a orquídea é muito linda... mas não vou.

— Mas, não vem por quê, Bárbara?

— Mudei de idéia. Sei que deveria telefonar avisando, e agradeço a você pelo convite... mas não precisa contar comigo.

— Vou continuar esperando.

— Não — disse ela com firmeza.

— Mas, por quê? Onde está seu espírito esportivo, Bárbara?

— Está perfeitamente intacto, Carlos. É por isso mesmo que não vou.

Colocou o receptor em seu lugar, num gesto que queria indicar sua decisão final, e percebeu, então, que não se sentia nem cansada nem confusa. Levantou-se do divã e subiu as escadas, para vestir uma roupa mais caseira, mais confortável.

Ricardo deveria voltar, dentro de mais duas semanas, e ela compreendeu que, afinal, esperar por ele, só poderia ser melhor.

Fumaça em Vez de Adubo

INFORMAÇÕES provenientes da Criméia (península russa sobre o Mar Negro), dão conta de experiências realizadas com plantas, submetidas a um tratamento com a fumaça produzida pela combustão de fósforo vermelho. Acrescentam que, como resultado, as colheitas de tomates aumentaram de quase um terço, e as de feijão, de dois quintos. Por outro lado, descobriu-se que a aplicação do tratamento de fumaça nas videiras resultava na produção de uvas com o teor de açúcar 16% maior que as uvas comuns, e com a acidez bastante reduzida.

O Misterioso Fim de...

Continuação da pag. 13

páginas do meu livro de memórias, disse Dolmann. E não, prosseguiu ele com um gesto que pretendia ser de modéstia, porque eu tenha sido, como se diz na Itália, o homem de confiança de Himmler, mas porque gosto de cães e sem os cães esta história não poderia ser mais reconstituída. No ano da graça de 1947, prosseguiu ele com voz diferente, eu estava em Innsbruck sem um tostão, sem um documento, sem licença para permanecer na Áustria. Não tinha contas a prestar aos austríacos, nem aos franceses, nem tampouco aos americanos; ninguém queria saber de minha vida, e ninguém me ajudava a partir. Eu queria voltar para a Itália; mas como seria possível passar a fronteira sem passaporte? Meu único amigo naquele momento era um major americano, que recebia largo círculo de amizades em uma casa de campo, onde uma elegante secretária fazia também as honras de dona de casa. Aí bebíamos juntos bastante «martini» e uma quantidade ainda maior de uísque. O major americano comunicou-me que, nos próximos dias, deveria chegar a Innsbruck, proveniente de Viena, um outro funcionário, um seu compatriota que na capital austríaca fôra encarregado de organizar as primeiras providências do plano Marshall. Tratava-se na realidade, e o meu anfitrião não se deu ao trabalho de esconder, de um agente que pertencia mais ao serviço secreto do que ao corpo diplomático. Sua posição oficial lhe dava, além de outros privilégios, a vantagem de usar um automóvel com a placa C. D. Ora, Mr. Irving Ross (era este o nome do «funcionário» que chegaria de Viena) passaria por Brennero e, quem sabe, talvez pudesse me ajudar, pois dispunha de um luxuosíssimo «Buick» e de uma amiga mais luxuosa ainda.

Mr. Ross era alto e louro como o são em geral todos os americanos que descendem de anglo-saxões, mas tinha nas atitudes, no modo de sorrir e de segurar um cigarro com as mãos afiladas, se bem que isso parecesse impossível, algo de feminino e de dúbio.

A senhora que o acompanhava vestia-se com elegância tal que nenhuma secretária, em todo o mundo, poderia igualar. Eu me esquecera de seu nome, não só porque me sentia maravilhado com o violento contraste entre seus cabelos, de um louro escuro e seus olhos de um azul tão suave que, em determinadas condições da iluminação, pareciam brancos.

(Continua na pag. 88)

TAPÊTE MÁGICO

ANCARA é um milagre moderno. Não faz muito, tinha apenas uma grande história, sem nenhum outro ponto de interesse. Antigamente, seu povo vivia nas suas colinas estéréis, a cuidar de cabras de pêlos compridos e de criações de coelhos, de cuja pelagem é fabricado o fio conhecido entre nós por Angorá.

Foi em 1923 que a cidade se tornou a capital da Turquia, escolhida por Kemal Atatürk, em lugar de Estambul, outrora chamada Constantinopla. Ancara fica no centro do País e é uma cidade moderníssima. Sua população, sempre muito ativa, transita por avenidas novas e bastante largas, onde se vêem belas construções, casas residenciais, prédios de apartamentos, lojas, cafés e restaurantes. O conjunto apresenta-se bastante amplo, e é enfeitado por lindas árvores e delicadas flores. A área já foi árida, mas os projetos de irrigação, integralmente executados, tornaram possível toda a sua atual fertilidade.

A cavaleiro da cidade, como uma sentinela, fica a velha cidadela, entre cujas muralhas ainda vivem marginais que, pouco a pouco, estão sendo reintegrados na sociedade.

Mais ou menos 2.000 anos a. C., o lugar onde fica a Ancara de hoje fazia parte do império hitita. Lendas muito antigas atribuem a fundação da cidade a um decreto do famoso Midas, rei dos frígios, dono de fabulosas riquezas, conforme conta a História. E parece que aquela fama tem fundamento, a julgar pelo que ainda resta da primitiva civilização.

O milagre de ANCARA



Velha escultura hitita, no Museu de Ancara.

Os frígios foram batidos pelos lídios, cujo rei era chamado Cresos, e que eram donos de riquezas ainda mais fabulosas. E, repetidas vezes, o lugar foi cenário de batalhas, incluindo-se entre os que lutaram para conquistá-la o grande Alexandre da Macedônia e o famoso guerreiro mongol Tarmelão.

Durante longo tempo, sua prosperidade deveu-se ao fato de ser um grande centro comercial do império otomano. Aos poucos, à medida que foram mudando de mãos as grandes fortunas otomanas, o centro foi-se deslocando, e, quando chegou o glorioso período de Atatürk, Ancara não passava de um amontoado de pobres choupanas.

A cidade fica numa colina. Ao pé desta, situa-se o museu hitita, com os seus grandes tesouros arqueológicos, guardados em prédios que, há mais de cinco séculos, serviram de estalagens e ponto de encontro das caravanas, ao mesmo tempo que compunham um grande mercado e desempenhavam as funções de importante empório comercial.

A seção do museu que trata dos hititas conta, gráficamente, a história daquele povo aguerrido, que se envolveu em batalhas memoráveis, contra Joshua e outros chefes daquele tempo. Conta como foi que eles conseguiram vencer muitas vezes, até que caíram nas mãos dos assírios, cujo ânimo guerreiro era ainda maior, e foram batidos. — Temple Manning.



ano

20

1938 - 1958

COMPANHIA DE SEGUROS

MINAS-BRASIL

● Aproveitando bem suas horas de folga, você pode obter um substancial aumento de seus proventos. Aproveite o seu tempo, tomando assinaturas para ALTEROSA — a revista da família brasileira. Envie o seu nome e endereço completos, profissão, grau de instrução, idade e estado civil, bem como fontes idôneas de referências, com as quais não tenha relações de parentesco, à Soc. Editora ALTEROSA Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte (MG).



BEBA

Mate Couro

O Nosso
Refrigerante



Natureza Adapta para as Altitudes

N O decorrer do Século XVII, um padre missionário espanhol verificou que os índios das mais altas regiões da Cordilheira dos Andes eram corados e extremamente sangüíneos, assim como dotados de excessivo calor corporal. Agora, 3 séculos após o missionário, o antropólogo Marshall T. Newman acaba de pôr em detalhes as razões por que os mencionados índios «contêm excessivo calor». De acôrdo com o cientista, eles trazem no sangue um volume de oxigênio bem inferior — às vezes a metade — ao do normal, isso tomando por base a corrente sangüínea das pessoas que vivem ao nível do mar. Em face dessa diferença, e sendo obrigados a trabalhar duramente, os índios passaram por um processo de adaptação às grandes altitudes, detalhe que explica os seus tórax salientes e avantajados e os pulmões muito desenvolvidos. Além disso, os seus alvéolos pulmonares contam com mais vasos capilares do que seria normal, sendo essa particularidade outra adaptação promovida pela natureza a fim de que cada índio possa absorver do ar rarefeito um multiplicado volume de oxigênio. Por viverem nos Andes, os referidos índios levam importante vantagem sobre os habitantes de lugares ao nível do mar: têm 2 quartos de sangue a mais do que os moradores lá de baixo. Enquanto acontece assim, é também certo que esses bem dotados indígenas contam com células sangüíneas especiais: maiores e mais numerosas do que o normal. E os que vivem a 4.800 metros de altitude têm hemoglobina — a substância transportadora do oxigênio — em proporção duas vezes superior à encontrada no sangue das pessoas comuns. E, por mais, o seu coração, sendo maior do que o normal, na proporção de 20 por cento, bombeia uma soberba quantidade de fluxo de sangue super-fecundo, e, como resultado, as suas mãos nunca estão frias, e o seu corpo demonstra uma temperatura acima do normal.

Cupido Faz das Suas

E M 1952, um artista circense (americano) tomou a decisão de se fazer enterrar vivo, ficando debaixo da terra durante 8 dias. Mas, no caso, tratava-se de um ato público — de propaganda de um circo — tanto assim que o «enterrado» podia comunicar-se com visitantes, por meio de um tubo acústico. Houve grande afluência ao local do ato, aparecendo dezenas de pessoas que, pelo sistema referido, mantinham curtos diálogos com o artista. Aconteceu, porém, que, certo dia, o «enterrado» ouviu uma voz feminina que lhe pareceu a mais encantadora de quantas já escutara, repleta de deliciosas entonações. O rapaz não perdeu a oportunidade, e, por meio do tubo, fez uma proposta de casamento à dona de uma voz tão bonita e agradável. A moça concordou com o pedido do artista, havendo o casamento entre ambos, logo depois de o noivo ter encerrado o seu ato de morto-vivo.



às
suas
ordens...

com **tradição...**

Banco da Lavoura de Minas Gerais. S.A.

o banco que conhece todo o Brasil

Quando foi prêso, James Landis estava em companhia da esposa. Esta, debulhando-se em lágrimas, teve de ser consolada pelo falsificador.

O CRIME NÃO
COMPENSA

O Homem dos 100 milhões

O «CASO Landis» não registra apenas um crime quase perfeito. E', também, a história de um roubo «praticamente» impossível, mas realizado. O seu autor entrou na posse de um milhão de dólares — 100 milhões, convertidos em cruzeiros — sem empunhar arma, sem derramamento de sangue, sem dar sequer uma alfinetada em pessoa alguma. E retirou esta fabulosa soma do lugar onde se vigia com o máximo de escrúpulos cada dólar que sai para o mundo: a casa da moeda do Tesouro dos Estados Unidos.

James Landis era um homem de pequena estatura, moreno, e magro. Bem educado e simpático combatera por sua pátria no Japão e na Europa, voltando da guerra com uma série de medalhas ganhas por seu valor de soldado. De regresso, reocupou o seu antigo emprêgo no Departamento de Gravação e Tipografia que, em verdade, é outro nome para a casa da moeda do governo norte-americano.

O prédio onde ela funciona é o mais bem guardado de toda a cidade de Washington. Ocupa antigo palácio de tijolos vermelhos sobre alicerces de cimento armado, que sustentam paredes com espessura 3 vezes superior à normal. Contornando-o, há 10 lanços de tela aramada, com postos de guarda e grupos de controle, armados, exercendo vigilância, a poucos metros um do outro.

Como, então, pôde James Landis burlar este inexpugnável bloqueio? Duas coisas respondem: em primeiro lugar, a sua condição de funcionário da casa, e, depois, o acaso, que fez despontar na sua cabeça a idéia de um ousado plano. Sendo membro de uma equipe de baseball, Landis mandara imprimir grande quantidade de folhetos-volantes, convidando o público a assistir os jogos de que o seu esquadrão participava. Quando o grêmio foi dis-

solvido, James ficou com uma sobra de volantes não utilizados, constatando, então, que os exemplares tinham as mesmas dimensões de determinadas cédulas do papel-moeda norte-americano. Esta descoberta foi o trampolim para o seu golpe de milhões.

* * *

Como evidente, todos os funcionários da casa da moeda eram de confiança, corroborada na prática e com sindicâncias. Embora ocupando funções subalternas, James Landis se enquadrava na regra geral, e, de resto, conhecia todo o caminho percorrido pelos dólares saídos da máquina de imprimir. Sua missão era, precisamente, a de transportar as cédulas — de 20 dólares — da impressora para a máquina de empacotamento, instalada na mesma sala.

A impressora contava e arrumava as cédulas em maços de 4.000 unidades. Sendo postos, depois, na máquina de empacotar, os montes de cédulas, protegidos — no sentido longitudinal — por duas tiras de madeira resistente, eram calcados sob formidável pressão, de sorte a terem reduzido o seu volume. Depois, passava-se em torno dos maços um papelão especial e pesado, aplicando-se numa extremidade do pacote o sinete do governo, e no outro uma etiqueta com o número de série das notas, e a assinatura do empacotador. Assim acondicionado, o dinheiro era recolhido dentro de recintos de cimento armado, aguardando transferência para os bancos. Durante o período de espera, os dólares passavam por rigorosa vigilância. Diariamente, inspetores especiais desfaziam os maços, conferiam as cédulas, e voltavam a reuni-las em pacotes, aplicando sobre eles novos sinetes e etiquetas.

Depois de absorver os detalhes da impressão,



acondicionamento e controle das cédulas, James Landis pôs em marcha o seu plano. Era um homem que sabia observar com paciência. Embuçado numa discrição à toda prova, conseguiu, após meses de espreita, apoderar-se de duas fitas de aço já usadas mas ainda utilizáveis. Com breve intervalo de tempo, pôde reter consigo também alguns sinetes rompidos pelos inspetores, mas não de todo deformados. Finalmente, recuperou, para usar no futuro, várias etiquetas com o nome de empacotadores. De peça em peça, transportou todo esse material para casa, burlando, nisto, a vigilância à que, como todos os seus companheiros, era submetido quando deixava o trabalho.

De posse do necessário, inclusive duas tiras de madeira resistente, Landis o reuniu aos volantes usados nos seus tempos de esportista. Sendo casado, pôs-se a trabalhar quando a esposa e os filhos dormiam, formando, com os folhetos e peças roubadas, pequenos volumes de papéis análogos aos maços de dólares da casa da moeda. Julgando que o resultado compensaria todos os seus esforços, James não desanimou quando deparou com imensas dificuldades no seu plano de produzir imitações tanto quanto possível perfeitas. Conseguiu-as após 2 meses de paciente trabalho, em outubro de 1953.

Formados os pacotes idênticos aos originais da casa da moeda, Landis ainda teve contra si dois importantes detalhes, opondo-se à exatidão do seu plano. Faltavam-lhe as etiquetas especiais onde se registrava a data em que se concluiu a impressão do dinheiro, sendo esta forma de controle um meio de verificar qualquer desvio dos pacotes.

Outro obstáculo era simples obra do acaso burocrático: mal James terminara a falsificação dos pacotes, o Tesouro dos Estados Unidos mandara substituir a cor do papelão em que se acondicionavam os maços de cédulas. Sem perder a calma, Landis principiou nova série de buscas, conseguindo, enfim, apoderar-se do papelão em cor modificada. Esses imprevistos o obrigaram a refazer todo o seu trabalho de falsificação, sempre com os infinitos de meticulosidade e paciência necessários no caso. Mas na segunda quinzena de dezembro de 1954, o empregado infiel julgava-se apto a promover a sua corrida para os milhões.

James marcou o dia 30 daquele mês para iniciar a parte decisiva do plano. Às sete e meia da manhã, ele se encontrava entre o magote de empregados que transpunham a entrada do edifício pesadamente guardado. Não demonstrava nervosismo algum, embora carregasse debaixo do braço uma sacola com os pacotes falsificados. Jogava uma cartada com a sorte, na possibilidade de que o vigia, falhando na observação, não chegasse a perceber o volume. Mas, contrariando a esperança de James, o porteiro deu pela presença da sacola, e o intimou a deixá-la na portaria. Tranquilamente, Landis fez como lhe era mandado. No dia seguinte, a cena se repetiu, e, finalmente, aconteceu o esperado por Landis: os porteiros, preocupados em controlar outros funcionários, deixaram-no entrar com sacola e tudo.



Vestindo a roupa de trabalho, James começou a executar o que tão meticulosamente arquitetara. Passou a agir cronometricamente, enquanto se desincumbia de suas tarefas normais, alternando caminhadas de uma máquina para outra. Com observância de todos os detalhes já sabidos, dominando-se com impecável sangue frio, pôde substituir os pacotes legítimos pelos falsificados. Após, guardou

*Estas linhas comprometem
sua aparência!*



*Não deixe que a pele seca a envelheça.
Torne sua cútis mais fresca, mais jovem...*

A lanolina umedecida do Creme S Pond's para Pele Sêca

restaura profundamente
a umidade
vital à sua pele



Aplique o creme em volta dos olhos. Quase imediatamente, sua cútis resplandece com novo frescor, mais juventude...



E a lanolina umedecida do Creme Pond's para Pele Sêca penetra mais profundamente. Aplique, acima das sobrancelhas. E veja as rugas desaparecerem...



Aplique o creme, diariamente, em suave massagem. Comece hoje à noite... e continue todas as noites. Você ficará encantada com os resultados...



Riqueza extra em
LANOLINA UMEDECIDA

Tão eficiente! Preferido pela maioria das mulheres!

16.462

os maços de dólares na sacola, e, ato contínuo, escondeu-a num cantinho por onde ninguém tomava o trabalho de passar.

No transcurso dos minutos de folga para o lanche matinal, Landis entrou no lavatório, a fim de neutralizar o único ponto fraco de sua fabulosa mistificação: as etiquetas especiais onde se registrava a data da emissão do dinheiro. Usando instrumentos próprios, retirou as etiquetas (legítimas e com a data do dia) dos pacotes genuínos, e colou-as sobre os embrulhos falsificados. Como solução para outro problema, aplicou nos pacotes falsos outros sinetes, de modo a darem a idéia de que os volumes já tinham sido abertos, em dias anteriores, para controle. Essa providência era imprescindível porque James não tinha certeza de poder, ainda, introduzir os maços de papéis velhos no mesmo grupo donde surrupiara os dólares. A superposição de etiquetas e sinetes faria pensar que os pacotes, estando num grupo a que não pertenciam, já tinham sido objeto de controle. Por meio desta confusão, quaisquer dúvidas poderiam desaparecer.

Voltando ao local de trabalho, misturou os pacotes falsificados com uma partida de maços de cédulas recém-impressas, e guardou os embrulhos de dólares dentro da sacola. À tarde, terminado o expediente, apanhou a sacola, mas teve de envolvê-la numa peça de roupa de serviço, porque o volume de dinheiro era maior do que o recipiente. O embrulho assim formado despertou a atenção do vigia, que, imediatamente, quis saber do que se tratava. Landis, com indizível «nonchalance», sorriu bonito e respondeu: «Roupa de serviço. E tão suja que vou mandar a patroa lavar!» Disse e saiu com um milhão de dólares.

▲ ▲ ▲

Decorrendo a execução do plano como arquitetado, James calculava que somente dentro de 3 meses o roubo seria descoberto, quando as cédulas falsas — aliás, anúncios-volantes — chegassem aos bancos. Ora, supunha o falsificador, esse espaço de tempo seria mais do que necessário para a eliminação de quaisquer vestígios que implicassem em revelar a autoria do milionário «roubo» no erário estadunidense.

Mas era preciso pensar na fase final de sua espantosa maquinação: fazer o dinheiro circular, sem despertar suspeitas. Reunindo, em casa, os dois dos seus melhores amigos e uma parenta, James colocou-os a par do que tinha feito e pediu a sua colaboração, no sentido de lançar o dinheiro no comércio. Ao parecer, esta medida avultava de importância, porque, sendo descoberto o roubo, as cédulas das séries furtadas perderiam o direito de circular. Os convidados de Landis concordaram em fazer tudo para pôr os dólares no mercado.

Ora, dinheiro é dinheiro, e, fácil, enfraquece as cautelas. Vendo-se com os bolsos recheados de dólares, os comparsas de James, não só começaram a comprar de tudo, como também a fazer exageros. Já no primeiro dia, estando num bar, puseram-se a acender cigarros com notas de vinte dólares, atraindo a suspeita da polícia, que os prendeu. Verificando que o dinheiro era legítimo, as autoridades relaxaram a prisão dos extravagantes queimadores de dólares, mas, por rotina, registraram os seus nomes em livro próprio.

Dias depois, o imprevisto compareceu para reduzir a zero o plano de James Landis. Na casa da moeda, procedia-se ao transporte de certas fornadas de dinheiro, da sala de controle para os cofres-fortes subterrâneos, fazendo-se a mudança em carrinhos empurrados por 2 operários. Apanhando os

(Conclui na pag. 73)

VÁ AOS **EE.UU.**

no vôo *Scheherazade...*

do Super **H** Constellation



39.644,*

*Preço da passagem, partindo do Rio ou de São Paulo

Vai aos Estados Unidos? Escolha a viagem melhor. O vôo "Scheherazade" o espera! A Real o convida a realizar esta viagem de sonho nos ultra-modernos Super-H Constellations. Atendido com a tradicional hospitalidade brasileira, você viajará economicamente desfrutando de luxo e conforto incomparáveis, no mais moderno avião comercial da hora

presente. E enquanto voa a mais de 500 km. por hora, você tem a bordo música suave e ar condicionado... macias poltronas que se estendem para o seu repouso... apetitosas refeições quentes! E, acima de tudo, um vôo excepcionalmente sereno, guiado pelo Radar. Conheça o novo prazer de viajar, voando aos Estados Unidos ou à Argentina, nos novíssimos Super-H Constellations da Real.

Consulte sua agência de viagem ou a

Com a mesma passagem você pode visitar Nova York... Washington... São Francisco... Los Angeles, em conexão com as maiores linhas aéreas americanas. Passagem toda paga em cruzeiros.



Belo Horizonte - Rua Espírito Santo, 647 - Ed. Acaiaça
Av. Afonso Pena, 342 - Ed. IAPC - Tel. 4-8200

Rio - Av. Rio Branco, 277 - Tel. 32-2300
S. Paulo - Rua Conselheiro Crispiniano, 375 - Tel. 35-8151

Modelos para duas idades. O da garotinha é um vestido em organ-di suíço, com «pois» azul sobre fundo branco, e enfeites de fita aplicados sobre as mangas. Na cintura, outra fita, de veludo azul, completa a elegância. O modelo da mocinha é um vestido de tafetá tratado com «silicone» e enfeitado com vivos de veludo de «nylon» preto.

As novas conquistas das indústrias têxtil e de plásticos incluem vários tipos de materiais e tecidos apropriados para a confecção de roupas de crianças — com a vantagem de

serem produtos resistentes e fáceis de lavar. Em certos casos, materiais já conhecidos são tratados com substâncias especiais, dando-lhes novas e proveitosas condições de uso. O tratamento com «silicone» faz os tecidos repelentes à água, evita a sujeira comum, e impede a formação de manchas. Quando aplicado sobre fazendas de fio duplo, como o «Twill», redonda num tecido ideal para roupas de festa — porque as manchas que as bebidas provocam nestas ocasiões podem ser eliminadas imediatamente, sem deixar vestígio algum. Outros materiais são também à prova de rugas, e, por isso, altamente aplicáveis a roupas de crianças. Um deles, o «trícil», pode ser usado vantajosamente num modelo para menina escolar, formando uma saia de pregas permanentes, com alças do mesmo tecido.

Como as próprias crianças têm gostos diversos, é preciso variar a natureza dos tecidos usados em suas roupas. É claro que, em sua escolha, devem-se obedecer a razões práticas, adotando-se materiais de aparência delicada, mas fáceis de lavar e secar. A acessibilidade dos tecidos modernos permite aos bebês das famílias modestas aparecerem em ocasiões festivas tão lindamente vestidos como os filhos dos casais mais ricos. Em batizados, o seu enxoval pode ser de «marquissete de nylon», com enfeites de delicadas flores bordadas e pequeníssimos folhos de renda. As suas pequenas fronhas são em «nylon» que não exige passamento a ferro, e as colchas são em «nylon» estampado e lavável. As suas capinhas para uso diurno devem ser confeccionadas em «nylon» tecido, ou em «acrilan», dois materiais que secam em poucas horas, e que não se encolhem nem sensibilizam a pele. Para as crianças de 2 a 4 anos, sugerimos vestidos de «nylon» estampado com pequenos flocos, e enfeitados com vivos de «voile de nylon».

O «nylon» é o material indicado para vários modelos infantis. O branco e de acabamento crespado é empregado na confecção de casaquinhos para meninos. Para meninas, os casaquinhos são em «nylon» aveludado, com enfeites de renda do mesmo mate-



na idade infantil

DORIS NELSON
Fotos APLA-Reuters

rial, nas golas e nos punhos. As mesmas peças, quando confeccionadas para bebês, ganham maior conforto com a utilização de um moderno material para forros: o «miliun». Trata-se de um tecido que produz mais calor, sem aumentar o peso do casquinho. O seu acabamento é acetinado e torna muito confortável o avesso da peça. Para garotinhas, sugerimos um casaco forrado com «miliun» (ou material equivalente, que pode ser encontrado no comércio), e com a gola enfeitada por um tipo de «nylon», ou sêda, que dê a impressão de arminho.

*

Há um novo material para forrar conjuntos de blusa e calças especialmente confeccionados para crianças. Esses conjuntos devem ser em lã, e as calças forradas com «nylon» à prova d'água. Como fôrro, emprega-se também um tipo especial de borracha, que continua macia mesmo depois de fervida em sabão ou líquido detergente. Para garotinhas há um modelo de calças esportivas, denominadas «Frou-Frou». Devem ser confeccionadas em «nylon» branco franjado, e levar fôrro de material plástico macio.

Sobre as vantagens de meias de «nylon» para crianças é desnecessário apresentar maiores detalhes. Basta dizer que elas são indeformáveis, não precisam de remendos, e podem ser adquiridas em várias cores — em padrões listrados, ou lisas.

Para uso noturno, as roupas infantis devem ser cômodas e pouco sensíveis a inflamáveis, pois as crianças têm uma forte tendência de se aproximar de velas, etc. Como roupa para dormir, sugerimos uma camisola de «jérsei de nylon» fôfo, enfeitada com renda do mesmo material, e muito quente e macia.

Um dos mais práticos modelos para garotos de 7 a 10 anos é uma camisa de «terylene» na cor branca ou em qualquer tom do castanho. Para completar esse modelo noturno, podem-se usar «shorts» ou calças frouxas, confeccionadas em materiais modernos como «acrilan», «nylon e lã», «terylene» e lã, ou lonita. Estas peças devem ser forradas, com elástico na cintura, e podem ser usadas com cinto.

Para meninas, há dois modelos de saias: saias amplas, de feltro bordado; e saíotes em lã e «rolon» de padrão xadrez. Algumas destas peças podem ser usadas com «jumpers» dos mesmos materiais. Ainda para garotas, estão na moda três modelos

de vestidos: um em «nylon» comum, especial para festas; outro, de «jérsei de nylon»; e o terceiro em «nylon» aveludado. Em todos os casos, o material dá boa confecção, é fácil de lavar, e transforma-se em roupas das mais confortáveis.

Gracioso modelo infantil, especial para festas. O vestido é em «rayon». Os bolsos e a tira que forma a pala têm aplicações na forma de besourinhos.



O Falso Duas-Peças

PARIS (Via Panair) — O falso duas-peças é uma das grandes atrações da moda atual. Um vestido, numa peça só, simula conjunto de saia e bolero, de vestido de casaco, de saia e blusa, de *tailleur*. Esses «falsos duas-peças» aparecem em tôdas as coleções de alta costura, a qualquer hora do dia ou da noite, executados em lã, sêda, algodão ou tecidos de fibras artificiais as mais variadas.

Christian Dior, cujo espírito continua vivo nas criações de seu jovem sucessor Yves Saint-Laurent, interpreta o duas-peças na nova «Linha Trapézio», compondo-o de uma camiseta curta, de ombros estreitos, descendo até pouco abaixo da cintura, afastada do corpo — a chamada «visita» — e de uma saia alargando-se, mais ou menos, de cima para baixo, muito curta e montada bem acima da cintura. Às vezes é mesmo um autêntico «duas-peças», porém, cada uma delas não pode ser usada em

(Conclui na pag. 71)

OLGA OBRY

Vestido de GUY LAROCHE,
simulando «tailleur»,
em lã leve
de padrão Príncipe
de Gales, azul
e branco.

Vestido-casaco de GUY
LAROCHE,
em «surah» branco
de pintas negras.





Vestido de «tweed» cinzento, na nova linha «Trapézio» da casa CHRISTIAN DIOR, cuja tradição continua mantendo com brilho o jovem modelista YVES SAINT-LAURENT. Alargando-se levemente, desde a cintura até à bainha, a sala aparece por baixo de uma camiseta sem mangas, a chamada «visita». Pequeno «canotier» de palha vermelha, também de DIOR.



Dois «falsos duas-peças» de LANVIN CASTILLO, com efeito de blusão revirado para cima na altura das ancas e amarrado por um lacinho acima da cintura; o primeiro, em seda estampada em dois matizes de azul, com chapêuzinho-touca drapejado em véu azul (no tom mais escuro do imprimé). O segundo em «shantung» liso de tom natural, com «chapéu-cloche» de aba larga e revirada para cima, de palha panamá azul claro. Também os chapéus são de LANVIN CASTILLO.

Vestido de tarde, em «aléoulaine» amarela (tecido mesclado de lã e seda selvagem), com efeito de bolero sugerido pelo cinto alto e largo, formando aba afastada da cintura. Modelo de JACQUES HEIM, chapéu de palha marrom estampada nos tons amarelo, branco e verde, de JACQUES HEIM-SVEND. ↑

O Falso Duas - Peças — Conclusão



separado com outros acessórios, formando, pois, de fato, uma peça só. Os «falsos duas-peças» de Guy Laroche dão, às vezes, a impressão de três peças — **tailleur** com casaquinho curto e, por cima, um casaco comprido. Castillo, o modelista da casa Jeanne Lanvin, lança vestidos de tarde que parecem constar de saia e blusa, revirada para cima na altura das ancas e amarrada com um lacinho acima da cintura. Jacques Heim sugere o feitiço de um bolero que, realmente, faz parte integrante de uma toailete curta de noite ou de um vestidinho de passeio.



→
Toailete de noite, curta e esguia, de JACQUES HEIM, com efeito de bolero, em renda sobre fôrro de gaze-«shantung», amarelo esverdeado, bordado de missangas e «strass».

Energia e vigor para seus filhos



Maizena

- faz pratos gostosos e nutritivos!

Mingaus, pratos doces ou salgados preparados com MAIZENA, fazem a alegria da garotada — e asseguram a saúde de seus filhos!

Para receber o livro "Sugestões Maizena", preencha o cupão abaixo e envie-o hoje mesmo!



A Estigmatizada de...

Conclusão da pag. 52

mann é o primeiro exemplo de um estigmatizado que pode ser objeto das observações de médicos especialistas e psiquiatras.

Alguns encaram o assunto com ceticismo. Não negam o que vêem — os estigmas — mas se inclinam a explicá-lo por causas naturais: alguma forma de hipnose, submissão somática, auto-sugestão, psicose em massa, convulsões ou menstruação complementar — tudo isso causado por histeria.

Certas autoridades médicas admitem que algumas pessoas podem exercitar e controlar a sua mente (e a alma), assim como um atleta dá treinamento a seus músculos. Temos, a esse respeito, o comprovado exemplo dos faquires indianos e das pessoas exercitadas na ioga, os quais, mediante adaptações físicas para responder a determinados estímulos, podem controlar os seus órgãos vitais durante longos períodos. Assim, podem forçar sangrias, ou, pelo contrário, impedi-las — mesmo quando a sua pele é cortada por uma faca.

Voltando-se para as visões — a aparente percepção extra-sensorial e o conhecimento de idiomas — vários médicos alegam que se a memória inconsciente de Teresa Neumann fôsse estudada, encontrar-se-ia nela a chave para a compreensão daqueles fenômenos. Todas as lembranças, impressões, livros semi-esquecidos, quadros, imagens e retalhos de conversa — acrescentam os doutores — acumulam-se no córtice do cérebro, mas, sob determinadas condições, reaparecem anos depois.

Outros entendidos lembram a possibilidade de telepatia. Desde os 13 anos de Teresa, o Padre Naber é o seu confessor e amigo de todas as horas, sendo, por outro lado, um erudito com substanciosos conhecimentos da história e das línguas antigas. Veio daí a idéia levantada por alguns de que, voluntária ou involuntariamente, o Padre Naber transmite os seus pensamentos para Teresa.

Negando radicalmente os acontecimentos de Konnersreuth, há os que os vêem como mistificação. A par de algumas observações que envolvem também o lado religioso da questão, o Prof. Martini, Diretor da Clínica Médica da Universidade de Bonn (Alemanha), se confessa cético quanto às visões, asseverando que o sangue dos estigmas pode ser consequência de massagens feitas com a mão.

Se o Dr. Martini interpreta o caso como possível «farsa religiosa», não são muitos, ainda assim, os que põem em dúvida a sinceridade pessoal de Teresa. Isso é explicável porque há copiosa evidência de que, se ela quisesse, poderia ganhar milhões e milhões de cruzeiros, utilizando em bases comerciais as suas misteriosas virtudes. A seu turno, o Padre James H. Vanderveldt, da Universidade Católica de Washington, opina que, embora todos os fenômenos do caso possam ser divinamente originados, há, sem embargo, toda a possibilidade de se lhes dar uma explicação natural. E frisa: todos os fenômenos, menos este — o prolongado jejum. Se, porém, ficar definitivamente provado que Teresa sobrevive sem ingerir alimento de qualquer espécie, estaremos em face de inquestionável milagre.

Não faz muito tempo, a Arquidiocese de Regensburg pediu a Teresa que se submetesse a uma prova completa, a se realizar, desta vez, num hospital. De acordo com notícias de há poucos meses, ela concordara com o pedido, mas o seu pai lhe negava consentimento para se expor a estas novas observações. Se o alfaiate mudar de opinião — atendendo a solicitações que se lhe têm feito, neste sentido — o mundo, dentro em breve, poderá encontrar a resposta para o dilema: Teresa Neumann, um milagre ou histeria? — David Sureck

Amido de milho "MAIZENA" - Caixa Postal, 8006 - São Paulo
GRÁTIS! Peço enviar-me o livro "Sugestões MAIZENA"

Nome _____

Rua _____

Cidade _____

Estado _____

MAIZENA — o alimento de gerações!

O Homem dos 100 Milhões

Conclusão da pag. 64

pacotes, um dos carregadores tomou, numa das mãos, um maço de dólares; e, na outra, um dos papéis velhos, mola mestra da maquinação de Landis. O operário notou diferença de peso entre os pacotes, e, sem perda de tempo, comunicou sua descoberta aos inspetores.

Por que a diferença de peso? Explica-se: ao acondicionar os pacotes de folhetos-volantes, James não podia — é claro — calcá-los com a mesma força da prensa usada na casa da moeda. Desta incapacidade resultou que os pacotes falsos, embora com o mesmo volume dos legítimos, não continham idêntico número de «cédulas», pesando, portanto, algumas gramas a menos do que os outros.

Sentindo que alguém tinha conseguido vencer todas as defesas da casa da moeda, os inspetores se entrosaram com a polícia, a fim de esclarecer o caso. As autoridades associaram as circunstâncias da falsificação com os «perdulários» que acendiam cigarros com cédulas legítimas, e, de pronto, efetuaram a prisão dos três. Sem maiores esforços, todos confessaram a sua participação na fase final do plano de James Landis, que, horas após, recebia voz de prisão, no dia 4 de janeiro de 1954.

Vendo por terra o seu imaginoso plano, Landis fez uma confissão com todos os detalhes. A justiça abriu processo contra ele, culminando a ação da lei com o seu julgamento, ocorrido em junho do ano de 54. Após as formalidades jurídicas, um tribunal condenou o engenhoso falsificador a 3 anos e 3 meses de cadeia, sentença que foi cumprida numa penitenciária existente nas proximidades de Washington.

* * *

Rato Milionário no Cinema

NÃO sabemos se todo fã de cinema conhece Mr. Peach. É um rato. O seu nome foi incluído num anuário publicado, não faz muito tempo, pela Associação dos Produtores Cinematográficos de Hollywood. Por quê? Mr. Peach é um camundongo amestrado que, até há pouco tempo, já participara de 68 filmes. Ora, parece que são pouquíssimos os atores e estrélas que conseguiram trabalhar em tão elevado número de fitas. Ainda de acordo com o referido anuário, Mr. Peach obteve como renda de um ano, pelo seu trabalho cinematográfico, a soma recorde de um milhão e meio de dólares, nabeasca quantia, se convertida em cruzeiros. Outra coisa não sabemos: quem recebeu o dinheiro? Decerto foi o alguém que soube fazer um ator de Mr. Peach.

* * *

Pêso das Preocupações

É O Professor T. H. Holmes, da Universidade de Washington quem afirma: da próxima vez que o leitor sentir dores nas costas, não procure logo explicá-las como resultado de um «mau jeito» ou de um exercício fora do comum. É que as causas podem muito bem estar na sua mente, sob a forma de alguma preocupação — ou de culpa. As dores nas costas, afirma o prof. Holmes, são de fato uma reação que se verifica quando uma pessoa não consegue resolver uma «situação da vida». Conflitos, inquietação, frustração, humilhação, culpa — tudo isso pode dar origem a dores não só nas costas, mas no pescoço e nas extremidades dos membros.



**A Loteria do Estado
faz novos milionários
tôda semana**

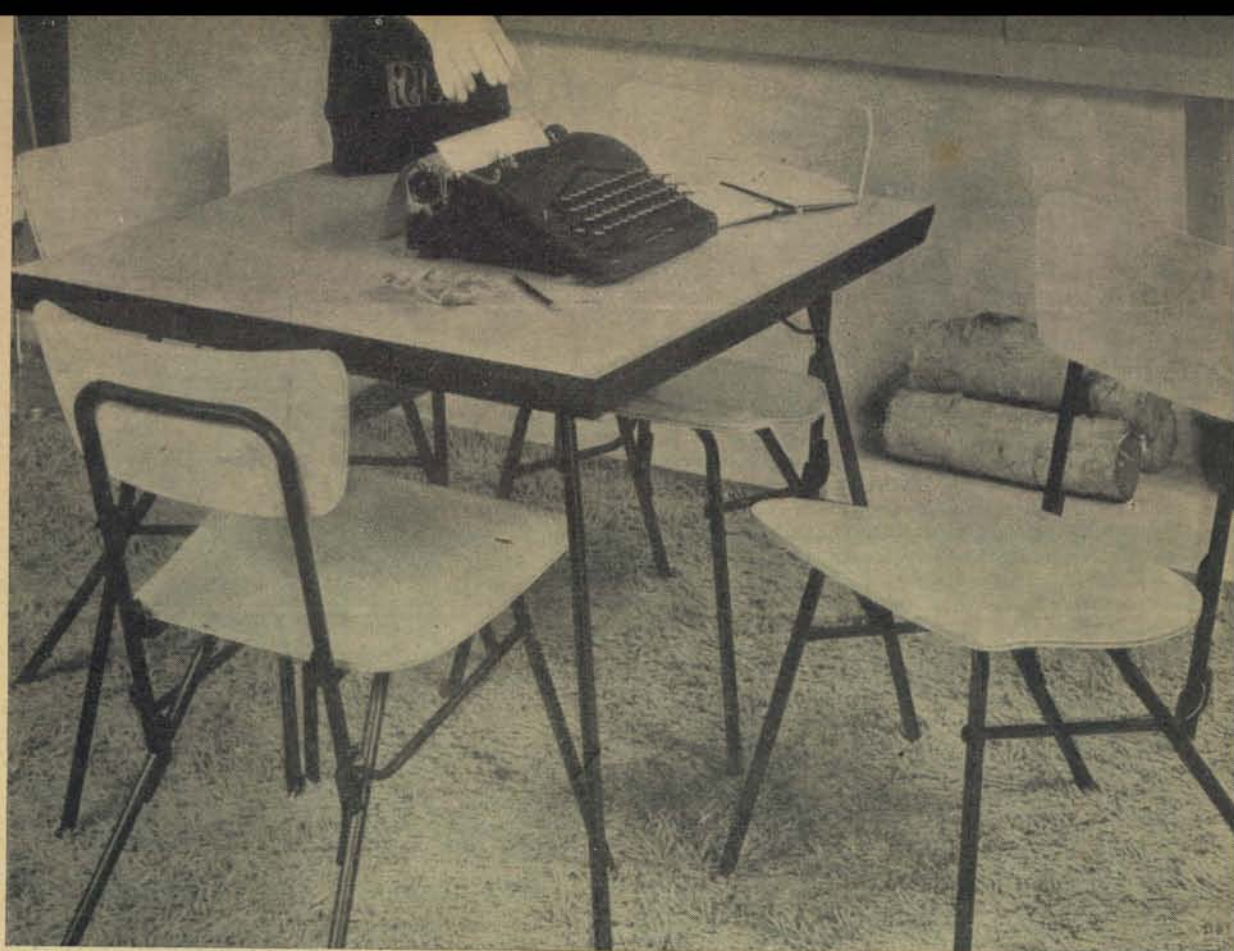
às sextas-feiras



milhões de cruzeiros

**LOTERIA
DO ESTADO
DE MINAS GERAIS**

a nossa loteria



Há conforto e distinção neste arranjo de sala de almoço, com móveis modernos feitos de ferro e plástico. Pela foto, vê-se que a sala pode servir a outras finalidades.

PARA
SEU LAR

sala de ALMÔÇO

.....

NA residência moderna, a sala de almoço é uma das peças de maior importância. Chama-se assim porque fica num meio termo entre a copa e a sala de jantar, com um pouco das características de uma e de outra, para formar um local onde se goze do máximo conforto às refeições, sem prejuízo da simplicidade.

Os móveis modernos são os mais indicados para uma sala dessa espécie. Preferem-se os fabricados de metal e plástico lavável e à

prova de calor. São móveis de conservação infinitamente mais fácil que os de madeira, e permitem, dadas as suas características muito especiais, adaptações de toda sorte, conforme as necessidades.

O que dissemos é ilustrado pelas fotos destas páginas. Através delas, a leitora tem uma idéia de como utilizar os móveis modernos no arranjo de sua sala de almoço. Observando os detalhes, é fácil verificar que o local não serve apenas para refeições, podendo ser utilizado para outros propósitos.

O conforto não perde nada para a simplicidade, neste interessante conjunto para sala de almoço. As peças são resistentes e bonitas, e, embora a construção seja sólida, não é difícil transportá-las, conforme as necessidades.



Aqui também os móveis são de metal e chapa plástica lavável. Note-se como há uma aparência de leveza em tôdas as peças, dadas pelas suas linhas elegantes e modernas.



Torta de abóbora verde . . .

ARTE
CULINÁRIA



INGREDIENTES

3/4 de xícara de açúcar.
1/2 colher (chá) de sal.
uma colher (chá) de
canela em pó.
Uma colher (chá) de
gingibre ralado.
1/8 de uma colher (chá)
de cravo da Índia.
1/4 de xícara de melaço.
2 xícaras de abóbora
bem verde, amassada.
3 ovos.
Uma xícara de leite
em pó, sem diluir.
Uma capa de pastelão, crua, com
20 centímetros de diâmetro.

Aqueça o forno à temperatura quente. Faça uma mistura com o açúcar, o sal, a canela, o gengibre e os cravos. Depois disso, acrescente-lhe o melaço e a abóbora. Mexa tudo muito bem. Incorpore o leite, mexendo sempre. Passe tudo para uma panela de 20 centímetros de diâmetro, forrada com a capa do pastelão ainda crua. Deixe no fogo durante 50 minutos, ou até quando o teste da faca demonstrar que o assamento já se completou. Faz-se o teste da seguinte maneira: introduza uma faca no centro do recheio, e retire-a, em seguida. Se a faca sair perfeitamente limpa, pode-se retirar a panela do forno.

Como Preparar a Abóbora

Corte-a em 4 talhadas. Retire tôdas as suas sementes e fiapos. Tire-lhe a casca, e divida as talhadas em quadradinhos com o tamanho de 5 centímetros. Juntamente com um pouco de água salgada, ponha os cubos dentro de uma panela, tampe a vasilha hermêticamente, e deixe a abóbora ferver em fogo moderado, até ficar bem macia — durante 25 ou 30 minutos. Amasse os cubos ou passe-os pela peneira. Com isso, você obtém uma massa de abóbora que pode ser usada em pastelões, bolos, sopas, empadas e tortas. Nota: pode-se também ferver a abóbora em panela de pressão, mas observando-se o tempo indicado para cozinhar com este tipo de vasilha. — (Receita do Spice Institute — Foto Transworld)

Fatos elementares sôbre molhos

O molho aveludado, por exemplo, é muito simples. — Outras receitas.

MUITAS receitas exigem, às vêzes, a presença de um molho aveludado. Fiquei surpreendido outro dia com a quantidade de leitores que me escreveram perguntando como se fazia tal molho, sendo que muitos nunca tinham ouvido falar dêle.

É fácil ver que a educação gastronômica de alguns de nossos leitores tem sido muito negligenciada, darei, portanto, hoje, uma aula sôbre fatos elementares no que diz respeito aos molhos. Se o assunto interessa, sente-se e preste atenção.

O molho aveludado nada mais é, e isso certamente vai surpreender muitos de vocês, do que um molho branco no qual o leite foi substituído por caldo de galinha ou caldo para sopa.

Embora pareça impossível, talvez existam pessoas que não saibam como fazer um molho branco. Nesse caso, aqui está a receita: Esse molho está para certos pratos como o álcool para o vinho.

Derreta uma colher de sopa de manteiga numa panela, em fogo brando. Junte uma colher de sopa de farinha de trigo e tempere com um pouquinho de sal e pimenta. Gradualmente adicione uma xícara de leite, mexendo sem parar em fogo brando, até o molho engrossar. Quando começar a ferver, diminua ainda mais o fogo e deixe cozinhar uns dois ou três minutos.

O molho branco serve de base para uma porção de outros molhos, além do molho aveludado, e entre esses está o molho Bechamel cujo nome foi dado em homenagem a seu inventor, Luís de Bechamel, despenseiro da corte de Luís XIV. Todo cozinheiro francês de renome tem sua própria variação do molho Bechamel e quando a receita tem algo de especial é guardada como o maior dos segredos.

Existe, no entanto, como sempre, muito falatório a respeito e acabamos por saber de uma receita que foi durante muitos anos a preferida e ainda hoje podemos considerar das melhores:

Ponha uma xícara e meia de caldo de galinha para ferver em fogo médio, durante 15 minutos, e junte um raminho de salsa, uma colher de sopa de cebola picada, uma colher de sopa de cenoura também picada, um pedacinho de folha de louro e seis grãos de pimenta.

Quando já tiver fervido durante 15 minutos,coe. Noutra panela, derreta um quarto de xícara de manteiga e misture com um quarto de xícara de farinha de trigo. Adicione gradualmente uma xícara de leite e, depois, bem devagar, o caldo de galinha, até começar a ferver novamente. Tempere com sal, pimenta e noz-moscada e deixe cozinhar em fogo brando, mais uns dois ou três minutos. Logo antes de servir misture duas gemas de ovo bem batidas e deixe esquentar bem.

Outro molho básico é o molho holandês que geralmente as cozinheiras estragam, sem nem saber por quê. A dificuldade é justamente que a gema de ovo e a manteiga podem separar-se antes mesmo que você o perceba, dando ao molho um aspecto confuso, bem diferente da consistência cremosa que se queria obter. O truque para evitar isso é pôr a manteiga ou óleo bem devagarinho, no princípio e aumentando gradualmente sem parar de mexer um só instante. Não deixe também a água do banho-maria ferver; conserve o fogo bem brando, enquanto prepara o molho.

Você precisará de meia xícara de manteiga e três gemas de ovo bem batidas. Derreta um terço da manteiga e misture com as gemas de ovo em banho-maria. Continue mexendo, com uma colher de pau, enquanto acrescenta outro terço da manteiga juntamente com uma colher de chá de caldo de limão. Não pare de

mexer. Quando o molho começar a ferver, junte o último terço de manteiga, mexendo ainda sem parar. Assim que o último pedacinho de manteiga estiver derretido, adicione um terço de xícara de água fervendo e tempere com sal e alguns grãos de pimenta malagueta. Só então poderá parar de mexer. Sirva bem quente.

Todo guloso deveria saber como se faz um bom molho Mornay. Aqui vai a receita: Para uma xícara de molho branco quente, adicione um terço de xícara de queijo ralado, quer seja êle todo da mesma qualidade, ou de duas qualidades diferentes em partes iguais. Esquente bem em fogo sempre moderado. Logo antes de servir, acrescente uma colher de sopa de manteiga e mexa até misturar bem. Fica delicioso quando servido com peixe, marisco, ovos pochê, diversos vegetais e galinha.

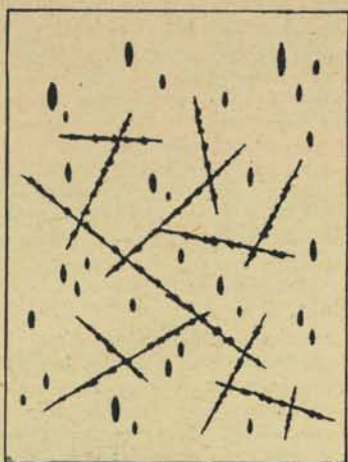
Um dos molhos mais ricos em sabor e mais perfumados que eu conheço é o molho bordelês. Misture duas cebolinhas picadinhas, com meia cebola comum picada bem miudinho; uma cenoura pequena, cortada em rodela; um raminho de salsa, um quarto de folha de louro e 10 grãos de pimenta, com 120 gramas de vinho tinto seco. Cozinhe até reduzir pela metade. Coe. Esquente uma xícara de molho corado e junte a êle o líquido acima. Acrescente depois uma colher de sopa de manteiga, pouco a pouco. Quando estiver bem misturado, adicione ainda uma colher de sopa de caldo de limão, uma colher de sopa de salsa picadinha e 10 fatias de tutano cozido.

Para obter o tutano faça seu açougueiro cortar um osso em fatias de meio centímetro de espessura. Cuidadosamente retire o tutano e cozinhe em água salgada e fervente, por 5 minutos apenas, conservando a água sempre em ebulição. (APLA).



Cada famoso cozinheiro francês tem sua receita própria de molho Bechamel — que é guardada com profundo segredo.

esparso



FÓLHAS SECAS

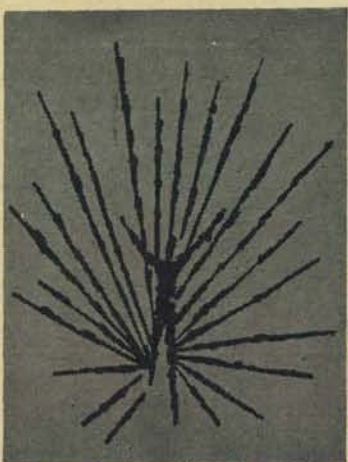
Já não lamento os sonhos destruídos,
Chorar não devo as velhas ilusões
é a ventura fugaz dos tempos idos,
— fôlhas secas, rolando, aos turbilhões !

Chorar não devo ! Os galhos ressequidos,
sem flores, sem orvalhos, sem canções,
tornam-se, às vèzes, belos e floridos,
ornando as várzeas, serras e grotões !

Surgem nos ramos, novas esperanças,
e vai ficando a mata revestida
de áureas flores, corimbo, verdes franças !

As fôlhas secas — ilusões fanadas,
vão tombando, e também, na minha vida,
os velhos sonhos — fôlhas estioladas !

Carlos Ribeiro Rocha



DIAMANTES

Ousado e firme, o garimpeiro busca
no seio virginal do solo amado,
a gema rara que deslumbra e ofusca,
apagando as agruras do passado !

A luta é grande, cansativa e brusca,
tirando pedras, colocando ao lado...
Mas eis que surge a pedra que corusca,
do seu trabalho — o fúlgido legado !

Aquela jóia pondo sôbre a palma,
o altivo garimpeiro sente nalma
a brisa da ventura, tão serena !...

Também o bardo, com valor e calma,
um verso vai buscar no fundo d'alma,
coberto ainda de saudade e pena !

Carlos Ribeiro Rocha



INDIFERENÇA

Não me perturba a côr negra do espaço,
Nem meus dias de tédio não malsino.
Distante das tormentas eu me faço,
Aos gestos ternos fujo e me domino.

Não tenho idéia alguma no meu passo
Sem norte; sigo os marcos do destino
Respeito a mão que, firme, faz o traço,
Esboçando amargura, onde me inclino.

E não me trazem lágrima nem riso
Quebradas ilusões, horas perdidas,
Nem silêncios forçados me inquietam.

Como em pedras do chão, sem mágoa, piso
Sonhos mortos. Palavras não cumpridas,
De tanto as conhecer, não mais me afetam.

Jasmine do Valle



Todos querem
alcançar o melhor lugar,
para ouvir a

ONDAS MÉDIAS

1.000 kcs
50.000 watts

ONDAS CURTAS

19 — 25 — 31
e 49 metros

PRB-9 • RÁDIO

Record

a maior

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS



Não são patrões, não são empregados : são membros da «família Lupo».

Uma Família de 400 Pessoas Hospeda-se em Santos

Aumenta de ano para ano o número de participantes das férias coletivas da Lupo — Iniciativa sem paralelo de um imigrante italiano.

HA' 70 anos chegava ao Brasil o relojoeiro Henrique Lupo, italiano, garôto ainda, e cheio de vontade de progredir. Casou, anos depois vieram os filhos, e Henrique Lupo compreendeu que para manter a completa associação da família teria que mudar de ofício. Começou com uma pequena

máquina de fazer meias para homens, ensinou o trabalho aos filhos e juntos foram todos dando conta dos pedidos. Pouco a pouco a pequena indústria doméstica foi crescendo, novas máquinas foram instaladas, os pedidos aumentavam constantemente. Um dia Henrique Lupo olhou surpreso para o que tinha



Aproveitar
ao máximo
as delícias da praia
— eis o lema
das garôtas.

→
Todos os anos,
durante
as férias coletivas,
a Fábrica Lupo
oferece
um almoço à imprensa.
«Nosso ideal
é formar uma
grande família» —
diz o Dr. Wilton Lupo.

15 DE JUNHO DE 1958

realizado: a modesta fábrica havia se transformado na maior indústria de meias para homens de toda a América do Sul! E a fama das meias produzidas ganhou novas fronteiras: primeiro foram os araraquarenses, para quem as meias Lupo eram justo orgulho. Com a expansão, não havia mais ninguém, em todo o Brasil, que desconhecasse a qualidade das meias Lupo.

A família continua

Rômulo, Rolando, Wilton e Elvio Lupo, atuais diretores da fábrica, estão incumbidos de prosseguir a obra iniciada por Henrique Lupo (de vez em quando o «velho» chega imprevisivelmente para verificar se está tudo em ordem...). E um dos capítulos olhados com maior carinho é o da assistência ao trabalhador. Henrique Lupo tornou muito mais amplos os benefícios sociais previstos na legislação: faz questão absoluta de que o ambiente na fábrica seja um prolongamento do lar. Para isso, à medida que a indústria ia crescendo, instalava novos melhoramentos: primeiro foi uma fazenda para recreio dos trabalhadores, depois vieram os departamentos de assistência médica e odontológica, inteiramente gratuitos. Até casas providenciou para todos os trabalhadores da fábrica, alugando-as pelos aluguéis simbólicos de apenas 50 cruzeiros. As férias coletivas, realizadas todos os anos no mês de maio, são mais uma das providências pioneiras introduzidas em benefício dos trabalhadores.

Para os santistas a Caravana Lupo não é mais novidade

Desde 1938, há 21 anos, portanto, a fábrica Lupo realiza as férias coletivas: cessam todas as atividades na fábrica e os trabalhadores, juntamente com seus familiares, descem para o litoral em vagões especiais. Hospedados no Hotel Martini, durante 15 dias gozam todos das delícias do sol e da praia, organizam passeios, festas e excursões — e conforme desejo expresso dos diretores, todas as despesas correm por conta da firma. E' de ver-se, então, a alegria dos caravanistas. Brincam todos, perfeitamente irmanados como uma grande família. E Henrique Lupo, patriarca respeitado e admirado, faz questão de estar sempre presente. Apesar de seus 81 anos, é tão lépido como qualquer dos jovens da imensa família que ele constituiu...



CANTIGAS

São João é festa e fogueira...
Pipoca, broa e quentão;
Naquela fogueira, amor,
Me abrasaste o coração!

Hélio Gonçalves

Quando já não me quiseses,
Deixa-me e segue feliz.
Hei de achar, entre as mulheres,
Alguma que ninguém quis...

Gilvandro Gambarra

Mãos ao alto!... Sou ladrão!
«Passa prá cá» teus beijinhos...
— Quando assalto um coração
roubo todos os carinhos...

Symaco da Costa

Foi no tronco do mamoeiro
que meu nome tu escreveste;
A casca muda em janeiro,
Mas bem antes me esqueceste...

Flávio Marques

Esta vida é um presente
que se ganha sem querer,
prá, tempos depois, a gente
do mesmo modo o perder.

Manoel Lobato

Sobre seixos e calhaus,
Cantando, passam as águas.
Eu também passo cantando
Por entre dores e mágoas.

Demóstenes Cristino



Gaspar de Alencar

Hollywood no roteiro de Vallone

RAF Vallone, astro, viajado e cidadão modesto, já cumpriu vasto roteiro de viajante pelas principais cidades da Europa Ocidental, sempre para atender aos seus compromissos como profissional de cinema. Não faz muito tempo, esteve em Madrid interpretando um papel na produção «La Venganza», e, depois de concluída a película, explicou a um repórter que, possivelmente, ainda filmará em Hollywood. Quando? Vallone não pôde — ou não quis — precisar, mas deixou entrever que, afinal de contas, Hollywood não exerce sobre ele nenhuma atração irresistível. Ainda assim, muita gente acredita que o astro de «Guendalina» aparecerá, dentro em breve, em filmes rodados nos Estados Unidos, imitando o que já fizeram muitos dos seus compatriotas — inclusive Gia Scala, Sophia Loren e Anna Magnani — que não resistiram à tentação de trabalhar sob a batuta de diretores americanos.



Claudine, um lindo modelo



May Britt cumpre um desejo

QUANDO esteve na Argentina, recentemente, para figurar no filme «A Filha do Fogo», a estrela francesa Claudine Dupuis foi escolhida para modelo da Escola de Pintura de Buenos Aires. Mais do que os estudantes, os mestres se sentiram lisonjeados por pintarem o seu retrato, mas, ao mesmo tempo, homenageavam Claudine, porque — antes dela — somente uma atriz, Gina Lollobrigida merecera as honras de servir como modelo na escola. Aliás, a estada de Claudine na capital portenha decorreu com uma série de coisas curiosas e engraçadas: quando ela desembarcou em Buenos Aires as suas malas foram abertas, como é de praxe, por funcionários aduaneiros, que se boquiabriram de surpresa quando depararam com 40 maiôs, de alta costura, e outros vinte, feitos com sacos de estôpa, e utilizados pela atriz no seu papel em «A Filha do Fogo». Na foto acima, tomada em Londres, Claudine aparece logo após a sua chegada a Inglaterra, onde fôra prestigiar o lançamento de dois dos seus filmes, inclusive o que foi feito na Argentina.

O PRODUTOR italiano Carlo Ponti tinha tódã razão quando percebeu que a adolescente May Britt era uma estrela cinematográfica em potencial, ainda não revelada. Conhecendo-a em Estocolmo — May é sueca — Ponti fê-la transferir-se para a Itália, e deu-lhe um papel de destaque no filme «Yolanda, a Filha do Corsário». Não que May Britt entendesse muito de cinema. Era inexperiente, mas quanta boa vontade transparecia do seu rosto brejeiro e sardento! Ela se esforçou, fez estudos, e aprendeu, durante 5 anos, período em que trabalhou em 10 filmes menores — até que obteve um lugar no elenco de «Guerra e Paz», a grande produção baseada no romance de Tolstói. Hoje, May Britt é estrela de Hollywood — contratada pela Fox — nova ainda, mas já cintilando com um certo cartaz. Mas como se sente a loura sueca, após ter seguido tão longo roteiro, de Estocolmo, via Roma, até a grande cidade do cinema? Ora, May esclarece que gosta de trabalhar, diante das câmaras, o tanto quanto pode, e que, estando inativa, sente-se inquieta. Mas a inquietação vai-se diluindo enquanto os seus planos se fazem reais: May desejava casar-se e ter um lar com muitas crianças. Agora, êsse sonho está se materializando com as cores vivas da realidade: May casou-se — em Tijuana, México — com o ator Edward Gregson, com quem aparece na foto.

POUCOS filmes têm recebido a soma de críticas favoráveis que, por unanimidade, vêm acompanhando as exibições — até há pouco tempo nos Estados Unidos e na Europa — de «A Ponte do Rio Kwai», com direção de David Lean. Extraída de um romance de Pierre Boulle (francês), a fita se prolonga por mais de 2 horas, mas sempre com a segurança já vista nas obras do diretor de «Grandes Esperanças». Sua atração resulta dos incidentes da história, bem posta em termos cinematográficos, com sentido de alto significado humano — da nossa submissão aos imponderáveis com que a vida tece os dramas e as comédias do cotidiano. Tudo se passa durante a última guerra, nas selvas da Tailândia, onde um grupo de prisioneiros ingleses, em trabalhos forçados, está construindo uma ferrovia de Bangkok para Rangoon. Arma-se então uma luta de raposas entre o Coronel Saito (Sessue Hayakawa), comandante do campo de concentração e o Coronel Nicholson (Alec Guinness), oficial decano dos prisioneiros. O inglês — legalmente — não admite que os oficiais sejam empregados em trabalho manual, mas o nipônico quer dar uma demonstração de sua autoridade, indiscutível. Quando Saito lança o seu ultimato: trabalhar ou morrer, Nicholson fica com a segunda alternativa, e o japonês não pode matar ninguém, porque, acima de tudo, não quer se dar por vencido. Evolui entre os dois oficiais-chefes um duelo de gentilezas, escondendo hostilidade, com o acréscimo de um paradoxo: Nicholson resolve que os oficiais vão trabalhar, e não sabotarem a ponte, como fôra combinado. Pretende, agindo assim, dar uma lição nos japoneses e fazer subir a moral dos prisioneiros. Há novas ironias. Construindo a ponte, o Coronel Nicholson e seus homens ignoram que um grupo de «Commandos» britânicos está em vias de dinamitá-la, numa pontada relâmpago. Enquanto a Ponte do Rio Kwai toma forma, o âmagô do trama se multiplica em «suspense»: mais uma viga na estrutura, mais um passo dos homens que vão destruir aquela obra de forçados. É um jogo de oposições, de positivo e negativo, fazendo a vida como ela costuma ser, dando a medida da condição humana influenciada pelo impalpável das circunstâncias. «A Ponte do Rio Kwai» — produção de Sam Spiegel, Columbia — ganhou 7 dos «Oscars» de 1957, inclusive o de melhor diretor, melhor ator (Alec Guinness), melhor filme e melhor argumento adaptado.



CINE - TÓPICOS

• O filme da Paramount «O Prefeito se Diverte» recapitula a vida de várias pessoas que se destacaram no período de tempo durante o qual o Prefeito Walker governava a cidade de Nova Iorque. Somente o ator Paul Douglas não representa uma

BRIGITTE BARDOT



personagem da vida real, pois, de acôrdo com o que se diz, ele interpreta «uma atitude».

• Como outros filmes, alguns excelentes, «Bright Broad», com Dorothy Dandridge, ainda não foi exibido no Brasil. Depois desse, e de outros sucessos, a bela atriz «colored» vai aparecer em «Infamy», produção da Metro, com James Mason no principal papel masculino. O filme é de «suspense», arquitetado em torno deste tema: Mason ameaça matar todos os tripulantes de um cargueiro.

• Antes de falecer, recentemente, aos 66 anos de idade, Harry Cohn ex-Presidente e co-fundador da Columbia Pictures Corporation, determinou o lugar onde queria ser enterrado. Pioneiro do cinema, Cohn realizou o seu primeiro filme, «Traffic in Souls», em 1913, obtendo um lucro 79 vezes superior ao custo da produção. Homem de forte personalidade, o saudoso Presidente da Columbia tinha consciência de que não era muito popular, tanto assim que, certa vez, disse a um repórter: «Se você escrever algo de bom a meu respeito, ninguém vai acreditar no que disser».

• A exibição do filme «E Deus Criou a Mulher», com Brigitte Bardot, foi causa de séria confusão em Philadel-

phia, Estados Unidos. Agentes policiais do condado local determinaram o fechamento dos cinemas que o exibiam, e, o que foi pior, confiscaram o filme. O promotor distrital considerou o filme obsceno, e promoveu medidas judiciais contra as casas de diversões que o programaram.

• De acôrdo com notícias, sem confirmação, pretende-se promover a volta de Mickey Rooney aos papéis de Andy Hardy, a personagem que, há muitos anos, celebrou o irrequeto ator. Os novos filmes, retomando a série de Andy Hardy, seriam produzidos pela Metro, marcando a volta do filho pródigo (Mickey) ao lar antigo.

• A produção «En cas de Malheur», dirigida por Autan-Lara, proporcionou o reencontro, diante das câmaras, de dois grandes do cinema francês: Jean Gabin e Edwige Fenech. Antes disso, o último filme interpretado por Gabin e Edwige fôra a produção intitulada «Golgotha», rodada em 1935, há 23 anos.

• Está em curso a preparação da filmagem de «The Blessing», da Metro, com Rossano Brazzi, Deborah Kerr e Maurice Chevalier nos principais papéis. Parece que, no Brasil, o filme será exibido com o nome de «A Bênção».



Texto de GASPAR DE ALENCAR

Fotos Paramount e
Metro Goldwin Mayer

No jeitão de Lizzie Curry, Katharine é comédia em grande estilo, em "Lágrimas do Céu", da Paramount.

O gênio de *Katharine*

Katharine é para ver. Não que ela transpire beleza — em toda a expressão do termo — pelo seu rosto de linhas algo duras. Mas, vê-la na tela é um momento de arte. De bom cinema, do genuíno talento, que prescinde de maquilagem e de maiô de duas peças para se dizer e se fazer notado. Agora, o que o fã não vê nela é o seu gênio incandescente. Talvez a marca de uma certa personalidade, entremeada com reações vulcânicas e uma certa rebeldia. Isto todo mundo sabe, em Hollywood. Que ela não gosta de receber repórteres, detesta a presença de estranhos nos «sets», e, quando contrariada, chispa com mau humor.

Mas a gente não se importa. Vendo Katharine representar, nem nos lembramos do seu gênio ou de sua quase feiúra. Porque ela sabe ser bela, muito por dentro, nos seus papéis, todos com o jeitão de Katharine avivando quantas arestas tenha a personagem. E' verdade que ela, até hoje, ganhou apenas um «Oscar», mas, sabendo disto, o fã deve saber também que os críticos de cinema de Nova Iorque escolheram Katie, em 1940, como a melhor atriz do ano, por seu desempenho em «The Philadelphia Story». O «Oscar» solitário premiou a sua interpretação no filme «Morning Glory», em 1933.

Lembrando a Katharine Hepburn dos filmes mais antigos, temos que a sua classe continua a mesma, nas fitas mais de hoje, notadamente em «Uma Aventura na África», naquele ótimo «Quando o Coração Floresce», e, ainda mais perto, na interpretação da rancheira, solteirona e humaníssima figura de Lizzie Curry, na produção da Paramount «Lágrimas do Céu». E sendo a carreira desta talentosa atriz muito longa para ser contada em breve espaço, temos de, assim, defini-la: Katharine é para ver.



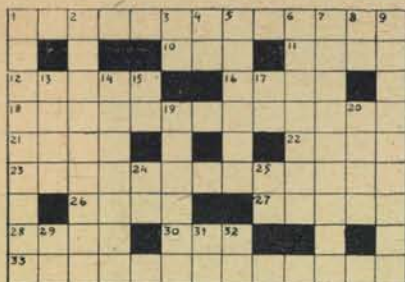
Não sendo um modelo de beleza, os seus olhos falam e os gestos dizem da limpidez de sua arte.

Aqui ela aparece como a Jade, de "A Estirpe do Dragão", velho filme da Metro-Goldwin-Meyer.



PALAVRAS CRUZADAS

M. MITRAUD



Para Calouros

Horizontais: 1 — Caráter de uma pessoa; 10 — O mesmo que «olá»; 11 — Índios que habitavam certa região de São Paulo; 12 — Pequena lasca que se tira de um objeto; 16 — Conclusão de um teorema; 18 — Ato de assinalar; 21 — Triturar, reduzir a pó; 22 —

Recifes circulares; 23 — Aspreza, dificuldade; 26 — Que não crê em Deus; 27 — Doença, dor; 28 — Completa, íntegra; 30 — Muitos; 33 — Doutrina de Malebranche, filósofo francês, segundo a qual a volição e a sensação estão prêsas aos fenômenos materiais procedentes e conseqüentes não casualmente, mas como produção de Deus no momento mesmo.

Verticais: 1 — Vestimenta litúrgica; 2 — Muito seca; 3 — Dificuldade; 4 — Símbolo químico do Alumínio; 5 — Mortais, fatídicos; 6 — Regulado por dose; 7 — Ofensas às leis ou à moral; 8 — Pref., ind. separação, negação; 9 — Mendigo; 13 — Ensejo (pl.); 14 — Bandidos que cruzam os mares para roubar; 15 — Pref., sig. falta, privação; 17 — Preposição; 19 — Correção, altivez; 20 — Inteiro; 24 — Letra do nosso alfabeto; 25 — Substrato instintivo da psique; 29 — Flecha usada pelos turcos; 31 — Sufixo, designa privação; 32 — Ali.

Para Veteranos

Horizontais: 1 — Cachaça de mau gosto; 4 — Planta da Índia; 7 — Ablução; 9 — Experimental; 10 — Vinho da Prússia; 12 — Indivíduo esperto, velhaco; 15 — Maior; 16 — Hora do ofício divino, entre as sextas e as vésperas.

Verticais: 1 — Quinto mês dos hebreus; 2 — Cão novo; 3 — Mesmo; 4 — Oração dos países asiáticos; 5 — Sem forma; 6 — Cada uma das metades do navio, no sentido do seu comprimento; 8 — Agastar-se; 11 — Departamento da França; 12 — Pref. sig. «à roda de», «em torno de»; 13 — Paralisia; 14 — Ninfa convertida em ilha.

Léxicos adotados: *Peq. Dic. Brasileiro da Língua Portuguesa de Gustavo Barroso e Hildebrando Lima;*

Enciclopédia do Charadista, de Sílvia Alves.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

Para Veteranos

Horizontais: bem — achar — Maria — de — aite — afim — trela — era — Jesus — ota — ortos — fóro — aipo — in — Silva — airar — ora. **Verticais:** emir — matejar — ai — cá — adir — remanso — relé — atrofia — festivo — aso — Ural — tóni — opar — oia — ir.

Para Calouros

Horizontais: acaso — jocoso — bacará — reler — apólice — leal — cola — esteira — ata — fiteira — ta — catarro — rosáceo — pá — malevas — mor — recoser — momo — iris — liberal — ocaso — atrada — salão — solas. **Verticais:** abacate — capota — sala — Ori — or — celeiro — oleiro — seara — orla — aceitável — estacaria — tères — fases — colosso — marolas — racial — pomada — merca — moral — rios — mero — bis — oi.

Drama e Comédia...

Conclusão da pag. 40

ção, e — o que é mais importante — um papel de galã. Depois disso, esteve na Rádio Mayrink Veiga do Rio de Janeiro, ingressando na TV-Itacolomi em 1956. O outro astro, Rogério Falabella, tem apenas 22 anos, mas já trabalhou no Teatro de Comédia, onde aprendeu muito sobre arte dramática. Entre as peças de que participou (no palco), destaca-se «Deu Freud o Contra», de Silveira Sampaio. O CÔMICO E O DRAMÁTICO — O grande comico do Tele-Teatro Itacolomi chama-se Carlito Cerezo, mas para os tele-espectadores é simplesmente o «Moleza». Quando entrou para o elenco do Canal 4 — onde criou dois tipos já consagrados pelo público: «Barnabé», o funcionário sonâmbulo; e o palhaço «Moleza» — Carlito já trazia consigo razoável experiência de palco, obtida como ator de companhias teatrais com que já percorrera vários estados do Brasil. Depois, fundou um circo, e tornou-se a grande atração dos espetáculos — como o palhaço Moleza. Daí passou para a TV-Itacolomi, da qual é uma das mais populares figuras.

O elenco feminino do Tele-Teatro Itacolomi tem na atriz Ana Lúcia (o seu verdadeiro nome é Názic Kattah) uma das suas mais expressivas figuras. Dona de promissores recursos dramáticos, Ana vem-se revelando excelente intérprete nos espetáculos teatrais de que tem participado. Sua vida artística é razoavelmente curta, pois se iniciou no rádio-teatro em 1953, quando passou a figurar no elenco da Inconfidência. Dentre os papéis que já representou, destaca como de sua preferência o de Cláudia, da novela «Noite sem Fim». Afeiçoada à arte de representar, a simpática atriz desponta como uma das melhores intérpretes do Tele-Teatro Itacolomi.

OTÁVIO CARDOSO, ATOR-DIRETOR — Após a saída de Vampré, as programações teatrais do Canal 4 passaram a ser dirigidas pelo competente ator Otávio Cardoso. Sua direção tem mantido alto nível artístico nas peças e espetáculos teatrais da Itacolomi — com atuações onde o elenco apresenta uma unidade artística que demonstra a capacidade do seu orientador.

Otávio Cardoso, que já se tinha revelado como um grande ator, teve, assim, ao substituir Vampré, a oportunidade de mostrar que sabe ser, também com muito brilho, um autêntico valor como diretor teatral.

1º de maio com benefícios
reais para os trabalhadores

Fundação da Casa Popular inaugura mais 1035 moradias

Presente o Presidente da República às solenidades inaugurais dos conjuntos de Belo Horizonte (Carlos Prates) e da Cidade Industrial, integrados num programa habitacional de âmbito nacional — Acentua o Sr. Marcial do Lago, Superintendente da F. C. P.:
«Agradeçam ao presidente Juscelino Kubitschek»

Flagrante da solenidade de inauguração do núcleo da Cidade Industrial, pelo presidente Juscelino Kubitschek, a cujo lado se vê o Sr. Marcial do Lago, Superintendente da Fundação da Casa Popular.

A inauguração de 1.035 casas que a Fundação da Casa Popular construiu no bairro de Carlos Prates e na Cidade Industrial para abrigar famílias de trabalhadores e de ex-combatentes constituiu o ponto culminante das comemorações do 1º de maio em Belo Horizonte, festejos a que a presença e a palavra do Presidente da República conferiram caráter nacional autêntico. A grande concentração de trabalhadores que participaram das solenidades realizadas no Carlos Prates acolheu entusiasticamente o presidente Juscelino Kubitschek e o Superintendente da Fundação da Casa Popular, Sr. Marcial do Lago, que foram carregados, até o palanque ali armado, pela compacta massa popular.

Discursaram na ocasião, fixando a importância e a significação do acontecimento, o líder sindical Antônio Carlos de Freitas, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Telefônicas do Estado de Minas Gerais; o Sr. Sebastião Ferreira da Silva, pai de 25 filhos, dos quais 18 vivos, em nome dos trabalhadores classificados para aquisição de casa própria; o Sr. Onozor Fausto Gomes, representando a Seção de Belo Horizonte da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil; o Sr. Walter Soler, Presidente dessa Entidade, lendo mensagem do Marechal Mascarenhas de Moraes alusiva ao ato; o Prefeito de Belo Horizonte, Sr. Celso de Mello Azevedo, que enalteceu o ritmo de realizações da F. C. P.; o Sr. Marcial do Lago e o presidente Juscelino Kubitschek.

PROGRAMA HABITACIONAL

Falando aos trabalhadores, iniciou o Superintendente da Fundação da Casa Popular o seu discurso ressaltando a significação que a solenidade representava para as comemorações do 1º de maio: a entrega a trabalhadores de um benefício concreto, a maior obra até hoje realizada em Belo Horizonte em favor da classe operária.

Ressaltou a extensão do Programa Habitacional Juscelino Kubitschek, uma realidade a serviço do trabalhador, presente em 109 municípios brasileiros com 11.831 unidades residenciais entregues, nos dois primeiros anos do governo atual, aos operários de 19 Estados. Historiou, em poucas palavras, as dificuldades vencidas para concretizar tão importante obra, referindo-se particularmente à construção do núcleo destinado aos ex-combatentes, cuja realização, tal como o conjunto destinado aos trabalhadores, se deve exclusivamente ao interesse do Sr. Presidente da República.

Esclareceu que as casas serão vendidas aos trabalhadores e ex-combatentes através de amortizações mensais ao alcance do trabalhador. Nesta prestação mensal está incluída a taxa de seguro de vida que garante à família do trabalhador a tranqüilidade da posse desse imóvel em caso de sua morte, isto é, se na data do falecimento o trabalhador houver pago uma única prestação o imóvel será entregue à sua família livre de qualquer despesa
(Conclui na pag. 8)



Vista aérea do núcleo residencial da Fundação da Casa Popular, inaugurado dia 1º de maio, no bairro belo-horizontino de Carlos Prates: 435 casas para trabalhadores e 200 para ex-combatentes. Também foi inaugurado o núcleo da Cidade Industrial, em Contagem, município vizinho de Belo Horizonte. Os dois núcleos, no total de 1.035 casas, foram construídos em apenas 207 dias úteis (média de cinco casas por dia). Foram executados os seguintes serviços: remoção de 500.000 metros cúbicos de terra; rede d'água, com 15.000 metros de extensão; assentamento de 20.000 metros de meio-fio; 60.000 metros quadrados de calçamento; construção de um reservatório com capacidade de 1.125.000 litros de água. As casas construídas totalizam 70.000 metros quadrados de área coberta. Inscreveram-se cerca de 12.000 candidatos à aquisição de moradias.

O Misterioso Fim de...

Continuação da pag. 59

Dana Superina, este era o nome de sua secretária, era iugoslava, e seu companheiro, falando a seu respeito, acrescentou que ela pertencia a uma antiga família de Belgrado e que entre seus antepassados figuravam homens de grande importância política; além disso, um seu primo fôra ministro de estado no tempo do príncipe regente Paulo e da princesa Olga. Ao ouvir esses nomes citados por Mr. Ross lembrei-me de algo. Quando o príncipe Paulo e a princesa Olga vieram, em visita oficial, a Roma, Von Mackensen, então embaixador, dera-me a incumbência de levar um ramo de orquídeas à princesa Olga como homenagem da embaixada alemã. A princesa era hóspede, durante a sua permanência em Roma, da legação iugoslava. Não me fôra possível entregar pessoalmente as flores: mas a dama de companhia que me recebera, lembro-me bem, era a mesma secretária de Mr. Ross. A condessa Superina, aliás, deveria ter-me reconhecido desde o primeiro instante. Parecia divertir-se ante a minha descoberta e, quando a fitei, supus ver em seus olhos uma expressão

de malícia. Naquele instante ela se aproximara de mim e, como se já tivesse esquecido ou não acreditasse que meu nome fôsse mesmo aquele com que o major americano me apresentara, disse-me com encantadora desenvoltura:

— Meu caro Eugênio, como vão nossos amigos de Florença?

Esta pergunta deu-lhe pretexto para prosseguir, citando sem errar os nomes das mais importantes famílias florentinas, de seus palácios, das estradas onde se achavam situados. Depois começou a falar de Roma, e, ao se referir a Ciano chamava-o de Galeazzo. E, devido à habilidade sutil característica do seu modo de agir, falava nêle como se estivesse ainda vivo, como se ele não estivesse envolvido naqueles lamentáveis acontecimentos. Eu jogava e respondia ao mesmo tempo, mas, enquanto isto, comecei a recordar alguns episódios até então esquecidos. Lembrava-me, por exemplo, que naquele mesmo dia da visita aos príncipes iugoslavos, Bocchini, chefe de polícia italiano, informara-me de algumas tramas verificadas em torno da pequena corte provisória do palácio Borghese, na praça Quattro Fontane, sede da legação iugoslava. Pela primeira vez o nome da belíssima dama de companhia da princesa figurava em nos-

sas listas entre os suspeitos de espionagem. Ou nós éramos bastante estúpidos ou a condessa Superina era uma mulher extraordinariamente inteligente. Apesar da contínua vigilância a que os nossos agentes a haviam submetido, não estávamos em condições de determinar, quando a corte do príncipe regente deixou Roma, se a Superina era uma agente dos russos brancos ou se, ao contrário, uma espia dos soviéticos.

UMA AVENTURA DE «COW-BOY»

Já era tarde: o nosso hospedeiro americano fizera abrir, então, algumas garrafas antigas, vindas não se sabe de que adega, e que continham o «Vieux Cognac Napoleon 1821». O calor do ambiente e as continuas libações fizeram parecer sempre mais atual e esportivo o projeto que o major americano propusera a Mr. Ross. Tratava-se de esconder-me no porta-malas do seu «Buick» e fazer-me atravessar a fronteira, subtraindo-me ao controle, «sic et simpliciter», como uma valise do corpo diplomático. «OK», dizia Mr. Ross cada vez que sorvia o conteúdo de um copo sem que demonstrasse o mínimo sinal de embriaguez.

— Interesting, very interesting. Até a sua companheira, a condessa



quase um sonho...
ficar assim em silêncio,
ouvindo música,
fumando
hollywood

Cigarros Hollywood
6^{os} de Cigarros SOUZA CRUZ
MAR DE JANEIRO

Uma tradição de bom gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

sa Superina, parecia entusiasmada, não sei se pelo risco da empresa ou por causa da perspectiva de imaginar o ex-intérprete de Hitler fechado em um porta-malas, onde a sua elevada estatura o constrangeria a ficar bastante encolhido. Assim, batendo palmas, Dana exclamou:

— Já encontrei o nome para a aventura. Será: «uma aventura de cow-boy».

Todos aprovaram e fez-se um novo brinde.

Eu não sabia como agradecer a Irving Ross, que consentira, por sua conta e risco, em tirar-me do impasse daquela situação. Não tenho nenhum fraco pelos americanos, mas simpatizara com Mr. Ross devido ao tom de perfeita distinção com que ele sabia encarar as coisas, como se estivesse alheio a tudo, como se a vida aventureira que levava nada mais fosse que um jogo divertido. Mas o que eu poderia oferecer-lhe em paga da sua generosidade? Nada, além da minha experiência. Foi o próprio Mr. Ross que me ofereceu a oportunidade de dizer-lhe o que então me passava pela mente, quando nos encontrávamos em um recanto do aposento onde crepitava um generoso fogo de inverno. Ele me pediu minhas impressões sobre a sua companheira e me perguntou se, para o meu gosto de preguiçoso «play-boy» da embaixada romana, eu achava a condessa bastante «chic». Eu lhe respondi francamente que sim. Mme Superina era uma mulher de alta sociedade, mas depois desse meu conceito, relatei o episódio da visita do príncipe Paulo a Roma, os misteriosos acontecimentos que se seguiram e algo sobre as suspeitas que surgiram a respeito de suas atividades como espiã dos soviéticos. Irving, ante as minhas palavras, sorriu com desdém.

— Apesar de tudo, disse ele, ela não se esquece de ser uma informadora da Gestapo. Não que sob esse ponto de vista ela fosse uma excelente informadora; portanto, felizmente, ela não é um Kappler, mas um alemão que na Itália empreendeu sobretudo uma coisa: a «maledicência». Voltou-se para Mme Superina que estava de costas para nós, trazendo no pescoço nu um belo colar de pérolas, e concluiu:

— Eu acredito na sinceridade daquela mulher e na veracidade de tudo o que me contou, como na autenticidade de suas pérolas; um joalheiro de Viena avaliou-as em trezentos mil xelins.

O CHOQUE

Partimos na manhã seguinte. Era um domingo esplêndido. As montanhas que circundavam Innsbruck desenhavam, com uma precisão inverossímil, os contornos do céu. De-

(Continua na pag. 94)

Atitudes

Stella Marina

BOM TOM

EM SOCIEDADE, uma senhora bem-educada procura sentar-se com recato. A maneira de se recostar, de cruzar as pernas, de inclinar o tórax, de manter a linha dos ombros, tudo isso revela o grau de sua educação.

NÃO SE COMPRAZA nunca em desiludir alguém que esteja empenhado num trabalho determinado, num ideal, ou num desejo. Só se concebe que isso seja feito, quando se tem a certeza de que essa pessoa vai cometer um erro irreparável. A não ser assim, toda e qualquer advertência será interpretada com uma atitude negativa.

TODA E QUALQUER DISCUSSÃO, principalmente as violentas, deve ser evitada ante pessoas estranhas, pois nada é mais feio do que obrigar a terceiros a serem testemunhas de brigas desagradáveis, além do fato de que, por decore, não se devem discutir assuntos privados fora do ambiente estritamente familiar.

UMA DAS VIRTUDES de que jamais deve esquecer a mulher para merecer o aprêço e a consideração de seus semelhantes, é a modéstia. Uma mulher, qualquer que seja a sua idade e condição social, que se manifeste presumida e vã, não fará mais do que perder a estima de que poderia ser credora.

NÃO SE DEVEM FAZER CONFIDÊNCIAS a pessoas com as quais não se tem grande intimidade ou que se conhece há pouco tempo. Por muito discretas que sejam elas, as surpreenderá, seguramente, essa manifestação de confiança, que convém seja reservada apenas para aqueles que são merecedores de nossa amizade.

CAUSA PÉSSIMO EFEITO a pessoa que, num passeio qualquer, não se adapta ao meio, protestando o tempo todo, sobre tudo. Em vez de ser uma companhia amável e agradável, torna-se um verdadeiro desmancha-prazeres.

CUIDE MUITO DE SUAS ATITUDES, principalmente quando se achar em qualquer lugar público. Não se esqueça de que há sempre pessoas que reparam nossas faltas e isso nunca nos beneficia.

NUNCA PERGUNTE se pode usar o baton ou a esponja de pó de arroz, ou pente de outra pessoa. Tais artigos — do mesmo modo que uma escova de dentes — são estritamente pessoais, sendo, portanto, anti-higiênico o seu uso, por parte dos outros.

E' UM ERRO os adultos perguntarem às meninas adolescentes pelos seus namorados ou «flirts». Isso incita a imaginação e a fantasia das mesmas, conspirando também contra as normas de prudência e de educação. E' uma levandade que não se faz nem por brincadeira.

FAVORES PEDIDOS A OUTREM, que envolvem a opinião da família do solicitado, constituem algo de excessivo mau gosto. Em certos casos, a amizade existente entre duas pessoas não é extensiva aos parentes de um ou de outro lado. Assim sendo, nenhum obséquio que venha a ser embaraço a terceiros, deve ser imposto ao amigo. Romper com as boas normas, nestas circunstâncias, significa abuso de confiança e rematada falta de educação.





Flash

Maria versus Wilton

Luta muito interessante, que movimentou meio mundo, foi a que travaram Maria Luiza Ramos e Wilton Cardoso no tablado da Faculdade de Filosofia. Os dois queriam ser professores de literatura brasileira na dita Faculdade. Como toda gente de bom senso, submeteram-se a concurso. E foi aí que a coisa assumiu aspecto de luta intelectual.

Segundo informou Afonso Romano de Santana os dois, em dias que já passaram, haviam sido noivos. Agora, os noivos de ontem, eram contendores de hoje. Tudo O. K. — Wilton convenceu e venceu e Maria convenceu só. Wilton é catedrático, Maria é livre docente. Os examinadores Cyro (dos Anjos) e Guilhermino (César) «votaram» em Maria. Os professores Ayres da Mata Machado Filho, Lourenço e Souza Lima em Wilton. Como se tratava de intelectuais, gente bem educada, não houve K. O. na luta. Tudo O. K. apenas.

Brito, Tereza & Vasconcelos

Brito Broca continua trabalhando em sua história da literatura brasileira, enquanto Tereza de Almeida, escritora gaúcha que estreou nas letras aos 16 anos, em ALTEROSA e «Revista da Semana», prepara um livro de contos. Ao mesmo tempo, Vasconcelos Maia, também da safra de Tereza de Almeida (vejam «Revista da Semana» por volta de 1947, quando Magalhães Júnior dirigia a publicação) descobriu que turismo é bom negócio para sua terra, a velha Bahia. Descobriu e não perdeu tempo: está agindo nesse setor, não se descuidando, porém, de seus contos literários.

A Retina (Rebelde) do Leitor

«Os inquietos», romance do Sr. Otávio Issa, editado pela Cia. Editora Nacional, é, inegavelmente, trabalho de certo valor. O romancista descortinou a vida imobiliária de São Paulo com olhos compreensivos. Mergulhou em seus segredos, penetrou nos meandros e de lá extraiu história comovente. Cresoni, Raul Fagundes, Luiz são figuras que impressionam a retina (rebelde) do leitor. Para um ficcionista conseguir isto já é alguma coisa. Os apreciadores do gênero devem tomar nota deste nome, que ainda não foi trombeteado nos suplementos literários: Otávio Issa.

De Sete Lagoas a Recife

O escritor Agripa de Vasconcelos, da Academia Mineira de Letras, está há bastante tempo no Recife, como médico do Banco do Brasil naquela cidade. Apesar de suas atividades clínicas, Agripa não se des-

cuida da literatura, tanto que acaba de sair outro livro seu, publicado pela Editora Pongetti. Trata-se de «A Vida em Flor de Dona Beija», romance histórico.

Agripa de Vasconcelos estreou nas letras por volta de 1919, com um livro de poesia, «Silêncio», amplamente elogiado pela crítica da

época. Foi, na mocidade, em Sete Lagoas, companheiro de tertúlias de João Batista de Avelar Campos e Campos Júnior. Ao lado do Dr. Avelar, do Cel. Antônio Andrade, e de outras pessoas, publicou vários jornais na velha Sete Lagoas daquele tempo, de ruas tranquilas e calmos serões.

E a Bíblia Tinha Razão... — Este é o título do livro que tem feito sucesso ultimamente. O repórter Werner Keller é o autor. Fascinado com as expedições científicas que foram até a Ásia Menor, Keller começou a observar que a arqueologia vinha provar muita coisa que o livro sagrado encerrava em suas páginas. E escreveu seu trabalho onde desfilam as grandes figuras da Bíblia.

João Távora traduziu «E a Bíblia Tinha Razão...» para as Edições Melhoramentos.



Werner Keller prefere ditar seus livros, ao invés de escrevê-los. Acha que, assim, as suas idéias fluem melhor.

Qual o Livro Que Mais o Impressionou ?

A despeito de certos «snobs» que entraram no mundo das letras apenas porque erraram de porta, a verdade é que literatura sem leitores não vale nada. E' quase como teatro sem público. E' por isto que, sempre, em nossas colunas literárias procuramos, além de ouvir os intelectuais prôpriamente ditos, colher também a impressão dos leitores. Escreva-nos, pois, leitor, respondendo à pergunta acima e acrescentando o motivo de sua preferência.

Hoje publicamos a resposta de Wolney Martins Pereira, Caixa Postal 131, Ituiutaba, MG. O livro que mais impressionou Wolney foi «Deuses, Túmulos e Sábios», de C. W. Ceram. — Por que Wolney ? — Por ser maravilhoso o conteúdo de suas páginas. E' verdadeiramente uma obra-prima da arqueologia.

Os Livros (e os Escritores) São Notícias

• Mais três famosos romances estão sendo lançados agora em edições Vecchi: «Os Irmãos Karamazov», de Dostoievsky; «O Passado Ressuscita», de Annie Duffield; e «Cartas à Noiva», de Victor Hugo. Enquanto isso, as Edições Mundo Latino lançam o irreverente livro (irreverente para os homens) de Nina Farewell, em tradução de Marina Guaspari: «O Sexo Infiel».

• Murilo Rubião, agora dirigindo o Escritório Comercial do Brasil em Madrid, esteve há pouco na cidade. O público guardou este nome desde 1947, quando Murilo publicou «O Ex-Mágico», coletânea de contos que fez sucesso.

• Autor de várias novelas de repercussão, Jaime Balão Júnior, do Paraná, atinge em seu mais recente trabalho «Mensagem da Infância» um tom emocional muito convincente. As colunas literárias têm se referido com simpatia ao seu livro.

• O «Jornal de Letras», dos irmãos Condé, está agora em nova fase. Matéria e aspecto gráfico excelentes.

• Alvaro Lins, o categorizado crítico brasileiro, entrega-se em Portugal a importantes pesquisas literárias. Em breve surgirá novo trabalho seu nas livrarias.

• Otávio Câmara em «O Diário» tem castigado os heróis dos suplementos. Com uma palmatória de todo tamanho, «seu» Otávio tem assustado muita gente, que comparece semanalmente com suas bobagzinhas em espaço dois, e citações também a três por dois.

Ofereça
ALTEROSA
aos seus amigos

sem qualquer despesa para você !

ESTAMOS empenhados em aumentar a tiragem desta revista, com a conquista de novos assinantes em todo o Brasil. E quanto maior fôr a sua tiragem, maiores possibilidades terá você de ler uma revista melhor, sem aumento de preço. Por isso mesmo, esperamos contar com a sua colaboração, leitor amigo. Subcreva os cupões que apresentamos agora com os nomes e endereços de pessoas amigas, para que todas recebam, gratuitamente, um exemplar da última edição de sua revista. E aceite, desde já, o nosso muito obrigado.

NOME

ENDERAÇO

CIDADE

ESTADO

NOME

ENDERAÇO

CIDADE

ESTADO

NOME

ENDERAÇO

CIDADE

ESTADO

NOME

ENDERAÇO

CIDADE

ESTADO

NOME

ENDERAÇO

CIDADE

ESTADO

Remetam 1 exemplar de ALTEROSA, gratuitamente,
para os nomes indicados nestes cupões.

A PEDIDO DE

Enderêço
para o envelope :

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.
Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
Caixa Postal 279-Belo Horizonte-MG.

Vaidade das Vaidades

UMA das piores conseqüências dos concursos de beleza, além do que representa na paganização de costumes e de exibição despudorada do corpo, é a perturbação psicológica que produz naquelas a quem um júri qualquer escolheu como a mais bela entre as mais belas. O efeito principal de tais concursos é criar precisamente um complexo de extrema vaidade na que foi escolhida. Esquece-se ela, principalmente, de que não lhe cabe mérito algum pelo fato de ser bela. Nenhuma contribuição essencial de sua parte influiu para a sua beleza. Foi ela um dom de Deus e como tal deverá servir para louvor d'esse Deus e não para descaminho da criatura que mereceu êsse dom. A sua contribuição consiste apenas em manter ou melhorar essa beleza natural que lhe foi dada.

Enchem-se, pois, da mais absurda vaidade, muitas dessas moças eleitas como as mais belas em concursos de beleza. Pensam que o fato de serem belas, lhes dá direito a viver apenas dessa beleza e para essa beleza, de esquecerem os ensinamentos morais, de abusarem de seus encantos, de se tornarem ocasião de pecado para os demais e de incorrerem elas próprias em pecado.

Acabo de ter um exemplo bem ilustrativo dos males dessa vaidade, pela consulta que me fez uma «Beleza Invejada». Vencedora de um concurso de beleza, achou que lhe cabia agora o direito de agir socialmente como bem entendesse, de tornar-se uma louca buscadora de prazeres, de atrair para a sua irradiante beleza os homens, quaisquer que sejam suas situações civis — solteiros, casados ou viúvos — aceitar-lhes os protestos de amor, os presentes e conceder-lhes todos os prazeres que eles dela possam exigir, indiferente aos escândalos que pos-



sa provocar, aos dramas domésticos que possam surgir, aos protestos e censuras da sociedade em que vive, ao dano que possa sofrer sua própria reputação impedindo que algum homem de bem e sensato possa um dia querer fazê-la sua esposa. E confessa que a tudo está disposta, «rainha de beleza» que é, tendo apenas o cuidado intransigente e feroz de manter a sua integridade virginal.

Ora, de que serve essa integridade virginal, quando se pensa tão leviana, tão errada, tão pecaminosamente, quando se tem a alma já em tão lamentável estado de corrupção? De que serve um corpo virgem com uma alma corrupta? Há de desculpar-me a minha bela consulente o rigor dessas expressões. Mas as idéias que me comunica, o orgulho e a vaidade desmedidas que brotam das palavras de sua carta, a sua idéia falsa sobre o que seja o verdadeiro prazer, verdadeira juventude; verdadeira alegria, verdadeiro amor, revelam de tal maneira o péssimo estado de sua mente que é preciso falar-lhe com certo rigor, para dizer-lhe que está errada, erradíssima e que o mal que já fez a si mesma talvez só possa

ser remediado num outro meio em que não a conheçam e com uma maneira de viver bem diversa da que leva atualmente.

Seu erro principal está em pensar que a beleza lhe concede tudo e que as leis morais não se fizeram para as belas. Pois saiba que essas leis morais devem ser respeitadas, com mais rigor ainda, pelas que são belas, porque a elas, coitadas, ameaçam mais perigos, maiores são as tentações.

A beleza é um dom perigoso. Pode ser a fonte das maiores desgraças para quem a possui. Que a minha bela consulente pense um momento sobre o que lhe vou dizer: já refletiu sobre a fragilidade d'esse seu dom da beleza? Já pensou alguma vez que lhe pode suceder um desastre que a desfigure, uma doença grave que lhe fane o viço da mocidade, nunca meditou sobre a brevidade da juventude? E se isso acontecer, se por acaso vier a ficar feia, a ficar deformada, que lhe resta? Uma reputação desabonadora, a repulsa das pessoas de bem, o próprio desprezo e afastamento desses mesmos homens que hoje lhe cobizam o viço e a formosura.

«A formosura é uma caveira» já o dizia o nosso Padre Antônio Vieira. Nunca devemos esquecer-nos de quanto é frágil e passageira a beleza. Reflita em tudo isso a minha formosa consulente e procure mudar completamente de vida. A sua felicidade não está nessa vida de mariposa tonta, ávida de queimar suas asas na chama dos falsos prazeres. Se quer ser feliz e ser realmente a mais bela não só pelo corpo, mas principalmente pela alma, mude de vida e de modo de pensar, porque, minha amiga, você está errada, perigosamente errada, lamentavelmente errada. — Maria Madalena.

Tôda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Maria Madalena — «Caixa de Segredos», Redação de ALTEROSA, Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

CORAÇÃO AMARGURADO — Curitiba — Sua carta de agradecimento me encheu de alegria. Vejo que meus conselhos lhe serviram de alguma coisa. Agora é prosseguir no caminho que lhe indiquei e espero que depois me escreverá algum dia assinando-se não mais «Coração Amargurado», mas «Coração Contente».

AMIGA AGRADECIDA — Minas Gerais — Minha pobre moça, o que me contou é tremendamente horrível. Pecado contra Deus e contra a natureza. Repudie com a maior energia e a maior coragem êsse monstro que infelizmente é do seu sangue. Lamentando-a de todo o coração, mas receio que esteja você à beira dum sério perigo.

HERMINIA SURIANO — Campos do Jordão — Como a finalidade desta seção é tão somente a de dar conselhos espirituais, passei sua carta à direção da Revista para que tome conhecimento de seu conteúdo.

ROSA DE MINAS — Juiz de Fora — Seus argumentos não convencem. Vinte anos é diferença de idade demasiada para um casamento feliz. Quando você chegar à maturidade, ainda disposta a viver alegremente, ele já estará às voltas com os achaques cos-

tumeiros da velhice, detestando tudo ou quase tudo que você ainda apreciaria na vida.

ALMA TRISTE — Uberaba — Gratíssima pelas suas amáveis referências a esta seção e à compreensão que revela dos espinhos que encontramos na tarefa de dizer sempre a verdade.

MÃE FELIZ — São Paulo — Concordo plenamente com você. Antes sofrer um pouco agora, castigando as falhas da criança, do que torturar-se no futuro com a impossibilidade de corrigir o adulto. E' de pequenino que se torce o pepino — diz muito bem a sabedoria popular.

O Monólogo de Giovanna

DELSO RENAULT

Às sete e um quarto da manhã o comboio arrancava da gare de Lausanne. Pouco depois, passávamos por Montreux que estava recoberta de gelo e neve. O contraste da paisagem era maravilhoso: a neve que cobria a terra, refletia-se sob o céu azul-claro dum dia de sol! Absortos pela paisagem, viajávamos no vagão destinado aos fumantes, quando nêl penetrou uma senhorita de uns vinte e oito anos. Carregava duas malas imensas. Seu tipo era fluido e indefinido: podia ser italiana, brasileira ou das Ilhas Canárias. Mas a curiosidade do jornalista foi satisfeita pouco depois. Em Domodossola — fronteira italo-suíça — os fiscais da «dogana» levaram nossos passaportes ao exame da fiscalização. O trem corria e o tempo passava. Na primeira parada saltamos para reclamar aqueles documentos indispensáveis à tranquilidade de qualquer viajante.

— Sou de Veneto e me chamo Giovanna Scarzi — disse a moça com o passaporte na mão, ainda sôfrega em consequência da caminhada através da gare. Há dois anos não saio de Genebra. Tempo «bruto» êste!

— Fuma um cigarro nacional? (são os piores). Agradecemos o cigarro popular italiano, que a companheira de viagem nos oferecia e deixamos que prosseguisse:

— Vou visitar minha mãe, em Veneza, e descansar uns dez dias deste trabalho duro de servir a freguesia no restaurante. Ah, trabalho bruto de Genebra!

— Saiba o senhor — disse ela sem constrangimento — que começo às 8 da manhã e me despeço do patrão às seis da tarde! Quanto imagina o senhor que se ganha em Genebra? Trabalho doze horas e recebo cento e oitenta francos mensais (cerca de Cr\$ 1.800,00). Não sou ingrata: meu patrão não é «captive» e tem bom coração. Ainda no Natal deu-me esta bolsa de «toilette». (Giovanna escancarou a bolsa onde se misturavam pó de arroz, baton, rouge e recortes de jornal)

e antes de embarcar presenteou-me com cinquenta francos para a despesa da viagem. Estou num túnel donde não posso sair: trabalho como um animal, pois tenho que ajudar minha mãe lá em Veneza. Meu irmão é um animal inútil. Depois que passou essa desgraçada guerra — continuou Giovanna — procurei trabalho na Itália. Não consegui nada. Meu pai não tinha ocupação para os filhos da terra! Ah Mussolini! Se não fôssemos lançados na guerra estaríamos noutra situação. Hoje — que fazer? No País estão comprimidos quarenta e dois milhões de pessoas, que querem comer, andar e trabalhar. Meu irmão devia estar no meu lugar em Genebra e eu ao lado de minha mãe. De quando em vez, Giovanna limpava a vidraça embaciada pela neve e exclamava:

— Tempo «bruto»! Que inverno tivemos êste ano... A quantos graus estaremos? Giovanna acendeu mais um cigarro e continuou:

— Que dizer dêste povo suíço? Gente correta e honesta, mas, nos exploram como bostas de carga. Para o amor eles são imprestáveis: as mulheres são elegantes, porque se tratam. Os homens são frios e egoístas. Soprando a fumaça do cigarro, Giovanna prosseguiu seu monólogo, como se não estivessemos no banco ao lado:

— Meu ex-noivo tinha mania de esquiar e fazer esporte no gelo. Numa de suas façanhas partiu a espinha e morreu em três meses. Giovanna calou-se e começou a entoar em voz baixa:

Dio del ciel se fossi

[una Colomba]

Vola Colomba bianca,

[ca, vola...]

Digliero, tu, che tor-

[nero...]

Dille che non sara piu

[sola]

E che mai piu la

[lascero!...]

O comboio parou na gare de Milão e ainda ajudamos Giovanna a descer sua bagagem: — Aqui tomo meu trem para Veneza. Boa-noite, Senhor. Oh! tempo «bruto»!



CONCURSO DE CONTOS

Nº sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios dêste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

COLABORAÇÕES DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o Concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir as produções recebidas na 1ª quinzena de maio e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

CONTOS: "A Rinha", de Juca Mulato; "Porque Matei o Anastácio", de Altino Bondesan; "A Tourada", de Antônio de Souza; "Ao Diabo o Senhor Ministro", de Mário Pires e "Omoa o Macaquinho", de Joseph Jordá-Poblet.

POESIAS — "Crepúsculo" e 4 trovas de Luiz Otávio; "Goteira", de Antônio Zoppi; 12 trovas de Paulo Freitas; 3 trovas de Antônio Pereira da Silva; "Jesus", "Embevecimento" e 4 trovas de Otoniel Beleza.

O misterioso fim de...

Continuação da pag. 89

pois de Ross, que dirigia, e do maior americano, que se assentara ao lado, separadas, com as golas dos casacos de peles erguidas, iam as duas elegantíssimas companheiras de meus amigos. Atrás de todos, sem sobretudo, com a roupa inteiramente amarrotada, semi-sufocado no interior do porta-malas, eu, Eugênio Dollmann, iria atravessar a fronteira por onde eu transitara anteriormente em condições bem mais dignas, no comboio presidencial que conduzia Mussolini a Salzburgo, tendo ao meu dispor todo um vagão. Respirava com dificuldade e cada movimento produzido pelos buracos da estrada, então em péssimas condições, repercutiam dolorosamente em meu corpo. Felizmente, Brennero não era muito longe. O automóvel parou silenciosamente e, pelo vozerio que percebi da minha prisão, compreendi que tínhamos chegado ao posto de controle. A inspeção foi breve: já tinham ligado o motor e o veículo já conseguira passar a barreira quando, principalmente no lugar em que eu estava, fez-se sentir um formidável choque, seguido logo de imprecações em alemão, em inglês, em italiano e de gritos lançados pelas duas damas, do interior do nosso veículo. Imaginei logo que houvera um desastre, que o veículo ficaria paralizado e que a mim não restaria outra alternativa além de revelar a minha presença, antes que tivesse de passar a noite em uma oficina de consertos. Foi um dos mais dramáticos instantes de minha vida; mas por sorte foi apenas um instante. O «Buick» pôde miraculosamente partir e, quando estávamos bastante distanciados da passagem de Brennero, de modo que não mais nos pudessem ver, Mr. Ross parou o veículo. Pude, finalmente, descer e fui nisso imitado pelos meus companheiros que desejavam como eu, estirar as pernas e eliminar a tensão nervosa a que estávamos constrangidos depois do incidente. Em volta, nas margens da estrada, elevavam-se altíssimos montes de neve. Rindo como crianças, começamos uma acirrada batalha. Dana Superina estava verdadeiramente esplêndida naquele dia. Não sei se era aquele dia límpido de inverno que lhe servia de moldura, ou se era devido ao ligeiro rubor provocado pela batalha de neve, ou a alegria que dela se apossara devido à peça que pregáramos aos guardas da fronteira. Seu traje de corte ligeiramente masculino, de um cinza pálido, era bem justo e acentuava os relevos de sua silhueta, era algo digno de se contemplar.

Por fim, chegamos ao grande hotel de Bolzano, quando o sol, como acontece nesses serenos dias de inverno, já quase desaparecia por detrás das montanhas. Em Bolzano, teve início a nossa despedida, durante a qual bebeu-se tanto, aliás, que não me recorde de quase nada. Lembro-me apenas que, ao amanhecer, subi a escadaria do albergue para saudar pela última vez meus companheiros. O ar gelado desanuviou-me, com certeza, as idéias: recorde-me de todos os detalhes daquela cena que para mim e para Ross era um adeus.

Dana, que se instalara em um dos assentos posteriores do automóvel, estendeu-me a mão, chegou à janela do veículo e me disse em alemão, para que os outros não entendessem:

— Caro Eugênio, esta é a segunda vez na vida que nos encontramos. Quando será a terceira?

O que a condessa Superina que-

Se o pior fôr dito a teu respeito, mas fôr verdadeiro, corrige-te; se fôr mentira, sorria. — Epicteto.

reria dizer com aquelas palavras? Eu quisera dizer ainda alguma coisa não a ela, mas ao próprio Mr. Ross: tinha o pressentimento de que algo de grave lhe aconteceria. Mas não o fiz em tempo.

— Irving Ross, continuou Dollman com voz estrídula, seria assassinado em fins de outubro daquele mesmo ano. Encontraram-no com o corpo perfurado por trinta golpes de baioneta, com o nariz e as orelhas cortadas dentro de seu automóvel no setor russo de Viena. Desejava saber, disse ainda, enquanto saíamos do castelo, quem matara Mr. Ross e onde estaria a condessa Superina. Desejava tanto saber isto, que fiz uma

TESTE

Resposta da pag. 53

ESTE é um teste das reações emocionais dos homens e das mulheres. A típica resposta feminina a cada uma das perguntas é "Sim". Se você as respondeu a todas, conte o número dos "Sim" e multiplique por 4. O resultado será seu coeficiente emocional "feminino". O número das respostas "Não" multiplicado por 4 dá o seu coeficiente emocional "masculino". Os cientistas verificaram que os tipos extremos, puramente femininos ou masculinos, não existem.

promessa a mim mesmo.

Ele tornara-se novamente frio, distante, e parecia arrependido de ter começado aquela história.

A CASA DOS CAES

— No verão deste ano, prosseguiu, — quando nos sentamos à mesa de uma hospedaria que ficava próxima, para beber «slilovitz» — viajei para Viena.

— Para Viena? perguntei. Eu pensava que os russos examinasse atentamente os passaportes.

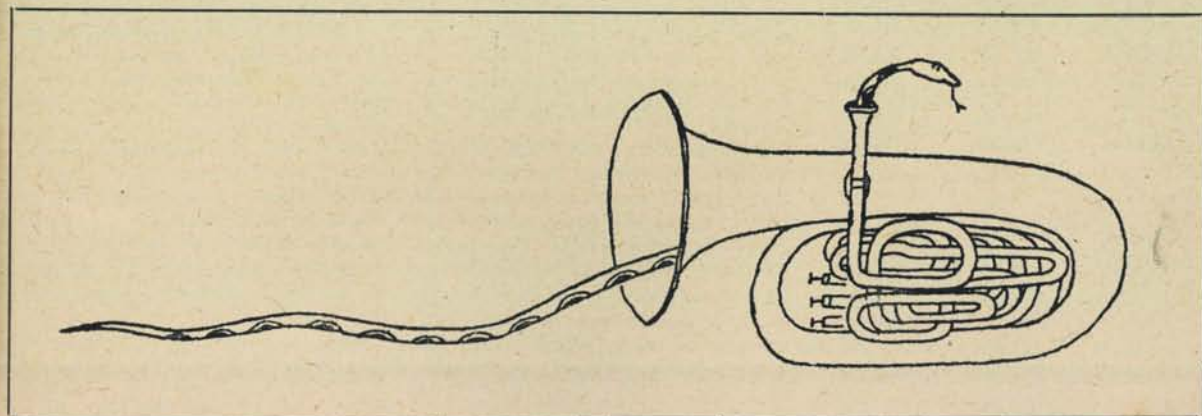
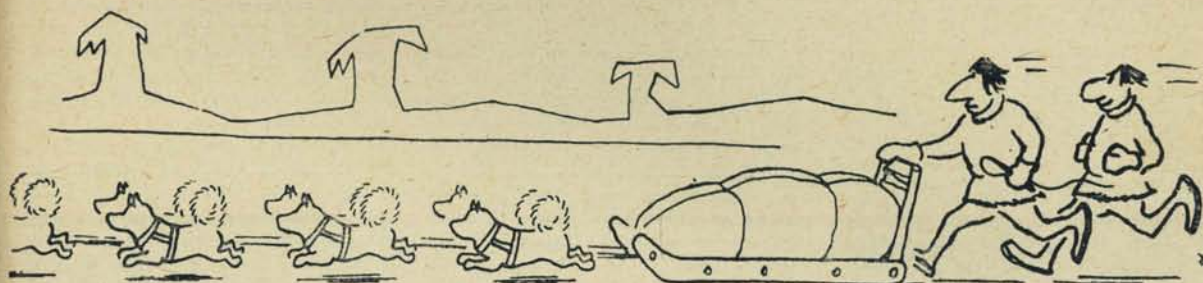
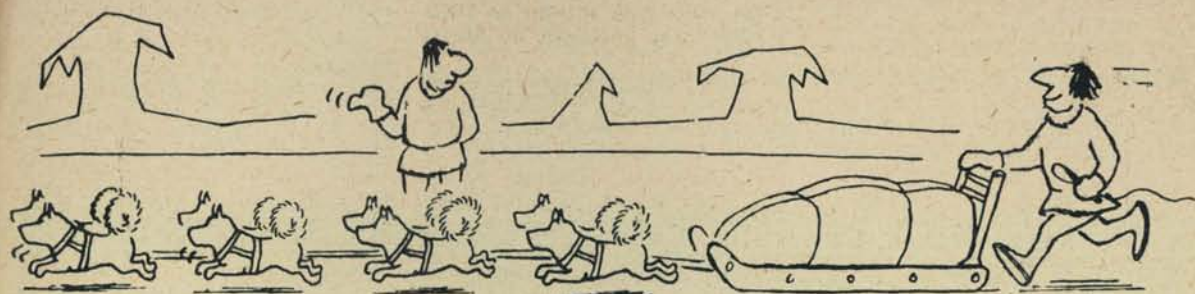
— Os russos, respondeu Dollmann com um sorriso de desalento, examinam cuidadosamente os passaportes, mas o seguram de cabeça para baixo. Passei alguns dias inativo. Não revia Viena desde 1941 e as recordações eram-me por demais penosas. Finalmente, um dia li sob o vidro de uma mesa da pensão um anúncio deste teor: «Cães de velha estirpe aristocrática e cães da nova geração — nacionais e internacionais — visitem em Viena a primeira casa para o tratamento de cães e ficarão satisfeitos». Como lhe disse, sempre tive interesse por cães, mas neste caso o que despertou minha memória foi o nome do proprietário desse instituto, que se lia à margem do cartãozinho. Era o nome, bastante conhecido, de um aristocrata austríaco, ex-oficial de um dos mais brilhantes regimentos de Francisco José. Gosto desses velhos senhores que os nazistas perseguiram e que foram arruinados pela guerra. Esse estranho instituto ocupava o primeiro andar de um velho palácio da época de Maria Teresa. Entrava-se por um pequeno salão decorado com móveis no estilo setecentista, entre os quais um mostruário onde se viam preciosas porcelanas vienenses, que eu estava observando quando surgiu, por detrás de uma cortina de veludo verde, um senhor de pequena estatura com o rosto tão rosado que parecia pintado. À sua reverência, respondi:

— Saúdo o «ancien régime».

O cumprimento agradou. E quando lhe disse que não pretendia comprar cães, mas que a curiosidade e paixão pelos cães é que me tinham conduzido até ali, ofereceu-se do mesmo modo para visitar a clínica e conduziu-me aos locais onde se davam os banhos, as duchas, a sala de operações e outra onde se faziam as massagens. Depois caminhamos por uma varanda que, através do jardim, conduzia ao local das exposições, onde, dizia, encontrava-se exemplares de todas as raças de cães do mundo.

Enquanto percorríamos esse trecho da varanda, um magnífico lobo alemão avançou para nós abanando afetosamente a cauda. Acariciando a cabeça do lobo, que lhe ro-

(Conclui na pag. 102)



A capacidade administrativa do DER/MG promove a expansão rodoviária de Minas Gerais

Oficina Central, Fêcho de Ouro de Uma Administração

O engº João Kubitschek de Figueiredo deixou um exemplo de eficiência — Empossado o engº Randolfo Trindade Filho como novo diretor do DER — Manter firme e indestrutível o ideal pela grandeza de Minas

ANTES de ser investido no cargo de Vice-Presidente da Cia. Siderúrgica Nacional — por escolha do presidente Juscelino Kubitschek — o engº João Kubitschek de Figueiredo procedeu à inauguração, em Belo Horizonte, das novas instalações da Oficina Central do Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais, ato que realçou a obra administrativa daquele engenheiro durante a sua gestão como Diretor Geral do mencionado órgão rodoviário estadual.

Estiveram presentes às solenidades o Capitão Mário Cardoso, Representante do Governador do Estado, o engº Pedro Laborne Tavares, Presidente do Conselho Rodoviário Estadual, todos os diretores de Divisão e chefes de serviço do DER/MG, assim como altas autoridades e diversas pessoas. Abriram-se as cerimônias com um discurso do engº Domingos Buzatti, Diretor da Divisão de Mecanização, pondo em evidência não só a administração do Sr. João Kubitschek como também a sua justiça nas relações com os auxiliares, ainda os mais humildes, tanto assim que, ao se despedir do Diretor — frisou o orador — «mais desejávamos retê-lo entre nós, em um grande abraço que expressasse o quanto lhe queremos bem».

Após os discursos do engº Carlos Cirne, Chefe das Oficinas, e do mecânico Antônio de Freitas, o

Sr. João Kubitschek agradeceu, com palavras de emoção, o carinhoso sentido daquelas homenagens, e quanto essas o sensibilizavam, por terem relação com o período de sua vida dedicado ao desenvolvimento do DER/MG. Evocando a sua primeira gestão à frente do órgão rodoviário estadual, mencionou, de passagem, o quanto de esforços teve de empenhar a fim de atribuir independência e autonomia ao Departamento, acima de quaisquer injunções contrárias ao seu papel de órgão eminentemente técnico.

Trazendo, em retrospecto, coisas de sua segunda administração no DER/MG, então findante, o engº João Kubitschek precisou que os bons resultados por ele obtidos deviam, em grande parte, ser levados ao crédito dos seus auxiliares de todas as categorias. Após se referir ao justo padrão salarial a que tinha elevado os servidores do DER/MG, fez referência ao sentido de sua administração, voltada para o equipamento de todos os setores, num plano que deu a Minas o mais arrojado esquema de pavimentação de estradas do Brasil, ora em curso, e com ótimos resultados.

Despedindo-se dos seus companheiros rodoviários, o engº João Kubitschek lembrou o peso de suas novas responsabilidades decorrentes de suas funções na Cia. Siderúrgica Nacional, uma das peças básicas do

nosso parque industrial, e, ainda mais, dirigiu-se ao Representante do Sr. Governador, pedindo-lhe fizesse sentir à Sua Excelência o elevado padrão dos servidores do DER/MG, mais do que nunca evidenciado pelas oficinas então inauguradas.

Após o discurso do Representante do Governador, de congratulação pelo novo passo do DER/MG no seu programa de realizações, houve a solenidade de distribuição de macacões-uniformes ao pessoal das oficinas, e a cerimônia em que o Diretor do DER/MG fez a entrega simbólica das chaves das oficinas ao seu respectivo chefe, o engº Carlos Cirne.

Como parte final do programa de inauguração, todas as pessoas presentes visitaram as novas instalações, verificando, de perto, o seu alto padrão de eficiência, não só pela parte mecânica como burocrática. Pelo seu funcionamento modelar, elas atenderão com maior presteza aos veículos e máquinas do DER/MG, pois, além de racionalizarem todos os serviços de reparos, proporcionarão aos operários maior produtividade e mais conforto no trabalho.

Dias após a inauguração da Oficina Central, o engº Randolfo Trindade Filho — designado pelo governador Bias Fortes — assumiu a direção do DER, em solenidades que contaram com a presença do prof.

A esquerda: flagrante colhido quando falava o engº João Kubitschek de Figueiredo. A direita: o engº Randolfo Trindade Filho, novo Diretor do DER, proferindo o seu discurso de posse. Entre outras pessoas, vêem-se o prefeito Celso Mello Azevedo, o prof. Pimenta da Veiga e o engº João Kubitschek.





O engº Domingos Buzzati quando pronunciava o seu discurso.

Pimenta da Veiga, Representante do Governador do Estado, do prefeito Celso Mello Azevedo, e de todos os funcionários e chefes daquela autarquia estadual.

Após o discurso do Dr. Paulo Moraes — em nome dos servidores do DER — enaltecedor da obra administrativa do Sr. João Kubitschek de Figueiredo, este tomou a palavra, ocasião em que se referiu elogiosamente ao novo Diretor, dizendo da visão do Sr. Bias Fortes ao colocar à testa do Departamento um engenheiro tão capaz e dedicado como o Sr. Randolpho Trindade Filho.

Em aplaudida oração, o novo Diretor reconheceu as grandes responsabilidades do seu posto, mais consideráveis em face do vulto das obras do DER, que, inclusive, acaba de fazer um contrato de 6 bilhões de cruzeiros, para construção de 1.300 km de estradas e pavimentação de 3.000 km. Após referências ao dinamismo do seu antecessor, o engº Randolpho Trindade Filho ressaltou que recebera como inestimável prova de confiança o ato pelo qual o governador Bias Fortes o colocara na Diretoria do DER, e, concluindo, pôs em relevo o seu propósito de corresponder à confiança, assim como de «manter firme e indestrutível o meu ideal de trabalhar honestamente pela grandeza da Terra Mineira».

No encerramento das solenidades, falou o prof. Pimenta da Veiga, agradecendo em nome do Sr. Bias Fortes a magnífica colaboração administrativa prestada ao Governo e ao povo de Minas pelo engº João Kubitschek de Figueiredo, confirmando, por essas palavras, os termos da carta em que, dirigindo-se ao ex-diretor do DER, o Governador do Estado expressava o reconhecimento da gente mineira pelo eficiente trabalho daquele engenheiro no setor rodoviário estadual

Revelações de uma pesquisa (IV)

O que os leitores de ALTEROSA mais apreciam

O PONTO principal do nosso interesse em promover a recente pesquisa de cobertura nacional, que teve participação espontânea de 3.102 leitores e assinantes de ALTEROSA, residentes em todas as unidades brasileiras, foi brilhantemente atingido. Consistia exatamente em obter as revelações que vamos resumir agora, sobre as preferências mais acentuadas dos leitores desta revista quanto aos variados assuntos tratados nas páginas desta revista.

Tomando por base os resultados obtidos, será mais fácil orientar-nos no plano de melhoramentos que pretendemos executar visando produzir uma revista melhor, mais ao gosto do nosso público. Esses resultados, entretanto, não parecem indicar a necessidade de uma modificação de profundidade, no que tange à feição desta revista, no sentido de colocá-la perfeitamente ao gosto dos seus leitores espalhados por todo o Brasil. De um modo bem generalizado, o público de ALTEROSA está satisfeito com a revista que oferecemos. Houve, mesmo, um grande número de leitores e leitoras que declararam expressamente não desejar qualquer modificação, confessando-se plenamente contentes com a atual feitura da revista. De qualquer modo, porém, o resultado final da tabulação dá uma idéia mais perfeita da média das opiniões.

Como se sabe, formulamos a nossa pergunta mencionando todos os assuntos e seções que aparecem habitualmente nas páginas desta revista, pedindo aos leitores apontar as matérias que apreciavam muito, as que apreciavam com menor interesse e, finalmente, as que não são de modo algum por eles apreciadas, devendo, por isso mesmo, desaparecer da revista. Eis o resultado da tabulação:

Assuntos e Seções	Apreciam Muito	Apreciam Menos	Não Apreciam
Panorama do Mundo	88,9%	9,6%	1,5%
Reportagens	87,9%	10,2%	1,9%
Páginas da História	87,7%	10,4%	1,9%
Contos e Novelas	85,6%	11,9%	2,5%
Artigos	83,3%	13,9%	2,8%
Páginas Escolhidas	83,3%	13,5%	3,2%
Quitandinha	81,3%	14,9%	3,8%
Crônicas	79,5%	18%	2,5%
Bom-tom	75%	22%	3%
O Crime Não Compensa	73,7%	20,1%	6,2%
Nossas Crianças	72,2%	22%	5,8%
Testes	72%	23,6%	4,4%
Cinema	69,5%	26,9%	3,6%
Passatempo	68,7%	26,5%	4,8%
Fotos e Legendas	68,7%	24,6%	6,7%
Tapête Mágico	65,6%	29,2%	5,2%
Fuga	65,6%	24,8%	9,6%
Esparsos	64,6%	29,4%	6%
Cartas à Redação	63,1%	31,7%	5,2%
A Voz do Brasil	62,5%	30,6%	6,9%
Cantigas	61,9%	31,2%	6,9%
Para Seu Lar	59,4%	33,7%	6,9%
Palavras Cruzadas	57,1%	34,9%	8%
Arte Culinária	53,6%	37,9%	8,5%
Foguetes	51,9%	38,3%	9,8%
Bazar Feminino	51,3%	40,3%	8,4%
Modas	50,8%	40,1%	9,1%
Rádio e TV	39,8%	47,7%	12,5%
Sociedade	38,3%	42,8%	18,9%
Discos	35,4%	49%	15,6%

(Conclui na pag. 99)



Flagrante do pagamento do seguro dotal doado pela "Minas-Brasil" à Srtª Onofra Teresinha de Jesus, efetuado pelo Sr. Antônio Mourão Guimarães, sobre cuja vida havia sido emitida a apólice.

«MINAS-BRASIL» fêz vinte anos

**Pago um seguro dotal doado há dez
anos a uma jovem cega — Pedra fun-
damental do edifício-sede.**

COMO parte das festividades comemorativas do seu vigésimo aniversário, a Companhia de Seguros Minas-Brasil efetuou o pagamento do primeiro seguro dotal vencido, feito há dez anos, em favor da Srtª Onofra Teresinha de Jesus. Refrido seguro é resultado de uma feliz inspiração, nascida em 1948, por ocasião da criação do ramo «Vida», quando se teve a idéia de instituir um pecúlio, sob a forma de seguro dotal, em benefício de uma aluna do Instituto São Rafael, tendo sido indicada pela diretoria daquele educandário para cegos, a aluna Onofra Teresinha de Jesus, então com 12 anos. A apólice que levou o número 4, foi emitida sobre a vida do Sr. Antônio Mourão Guimarães, Presidente do Conselho Consultivo da «Minas-Brasil» — que foi, aliás, quem entregou pessoalmente o cheque referente ao seguro.

O pagamento deu-se durante a sessão solene realizada no auditório do Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais, e assistida pelos dirigentes das principais empresas industriais, comerciais e bancárias do Estado, representantes das entidades de classe e de todas as empresas seguradoras que operam em Belo Horizonte, autoridades, funcionários da Companhia, suas famílias e delegações de vários pontos do País. A sessão foi aberta pelo Sr. José Oswaldo de Araújo, Presidente da «Minas-Brasil», o qual convidou a comporem a mesa várias

autoridades, bem como diretores da empresa. Durante a sessão, fizeram-se ouvir o Sr. José Oswaldo de Araújo, que pronunciou brilhante discurso contando a história da Companhia, desde a sua criação, há 20 anos, com o capital de Cr\$ 4.000.000,00; o desembargador Mário Matos, analisando a instituição dos seguros de vida; o Sr. Eduardo Andrade, Superintendente da «Minas-Brasil», efetuando o pagamento do seguro dotal doado pela empresa; o representante do Sindicato das Empresas Seguradoras, Sr. Geraldo Dias de Oliveira; o Sr. Lauro Sturm, em nome das seguradoras do Rio Grande do Sul; e, finalmente, o Sr. Carlos Coimbra da Luz, Vice-presidente da «Minas-Brasil».

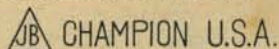
No mesmo dia, realizara-se pela manhã missa solene na Igreja da Boa Viagem e, em seguida, o lançamento da pedra fundamental do grande edifício a ser construído pela Companhia de Seguros «Minas-Brasil» no ponto onde se encontram a Av. Afonso Pena e a Rua dos Caetés, em Belo Horizonte. Na ocasião, usou da palavra, o Sr. Aggêo Pio Sobrinho, Diretor-Secretário da Companhia, prestando oportunas informações a respeito do prédio monumental a ser edificado, cujas obras estão orçadas em 120 milhões de cruzeiros. Em seguida, o Pe. Orlando Vilela procedeu a bênção da pedra fundamental, junto da qual foi pôsto um cofre contendo jornais e moedas do dia.



CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!

...há somente uma única e legítima linha
de pulseiras de relógio J.B. CHAMPION

Há mais de 25 anos o nome J.B. CHAMPION significa a mais alta qualidade em pulseiras de relógio. Para certificar-se de que V. está obtendo a legítima pulseira de relógio da mais alta qualidade, procure a marca de identificação na pulseira:



Insista em vê-la! Se não tiver a marca J.B. CHAMPION não é a legítima CHAMPION!



As mais lindas pulseiras de relógio do mundo!
Fabricadas por Jacoby-Bender, Inc. - New York U.S.A.

EGRICA

STARFLEX

Ao alcance de todos!



Seja um grande fotógrafo amador usando "STARFLEX" para todos os momentos inesquecíveis. Moderna e prática. STARFLEX satisfaz os fotógrafos mais exigentes. Bela na aparência e ótima na qualidade. Alta classe a um preço realmente popular. V. obterá melhores fotografias com "STARFLEX".

VEJA QUE MARAVILHA!

Grande visor Reflex. Objetiva de ótima luminosidade - Usa filme 120 - Instantâneos e pose - Tira 12 fotos 6 x 6 - Manéjo facilimo - Corpo metálico - Fotografias de 1 metro a infinito. Material de primeira.

NÃO MANDE DINHEIRO

Fazemos remessas para todo o país pelo Serviço de Reembolso Postal.

GARANTIA DE SATISFAÇÃO

Starflex segue com a tradicional garantia de satisfação DINAL. Cliente bem servido ou dinheiro devolvido.

APENAS

Cr 795,00

DESCONTOS PARA REVENDEDORES.

DINAL

Rua Quintino Bocaiuva, 255 — 3.ª sôbre-loja
Caixa Postal, 7.206 — São Paulo

CUPOM-PEDIDO — Peça enviar-me, pelo reembolso postal
máquina fotográfica STARFLEX.

NOME.....

RUA.....

CIDADE.....

ESTADO.....

A Voz da Experiência

UM japonês chamado Kubota foi contratado, aos 62 anos de idade (dos quais mais de vinte passados na cadeia), pelo chefe de polícia da cidade de Osaka, para pronunciar uma série de conferências sobre o tema geral «Como se Evade do Cárcere». Explica-se: Kubota tinha, em seu ativo, nada menos de 23 fugas, registradas durante os 20 anos de vilegiatura carcerária. E acrescenta-se: as conferências foram pronunciadas em recintos fechados, com a presença exclusivamente de policiais.



Impedimento Legal

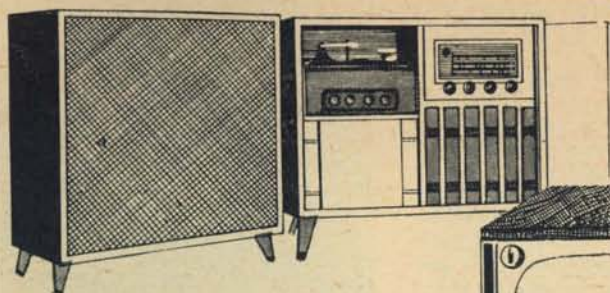
CERTO cidadão americano, dizendo-se grande admirador do presidente Eisenhower, enviou-lhe uma vez um remédio «portentoso», contra as moléstias do coração, acompanhado de um bilhete onde dizia, entre outras coisas: «Além disso, V. Exª se rejuvenescerá e tornará a sentir-se como se tivesse 18 anos». O presidente, agradecido, escreveu recusando a oferta, e acrescentando que, na forma da lei, não poderia residir na Casa Branca, tendo apenas 18 anos.

Revelações de Uma... (Conclusão da pag. 97)

Como se verifica, apenas 3 das seções habituais desta revista podem ser consideradas de vitalidade reduzida, por não conseguirem agradar a pelo menos 40% dos leitores.

E se considerarmos o resultado pela prova negativa, também essas mesmas seções são as únicas que podem ser tidas como destoantes no conjunto de assuntos tratados pela revista, já que tiveram a sua supressão recomendada por mais de 10% dos respondentes.

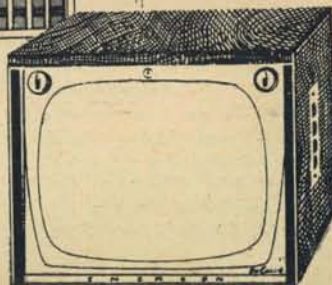
Por outro lado, é altamente expressiva a manifestação de nossos leitores quanto a algumas seções habitualmente encontradas em ALTEROSA. São impressionantes, por exemplo, os índices de aprovação alcançados por matérias que apresentamos, como Panorama do Mundo, Reportagens, Páginas da História, Contos, Novelas, Artigos, Páginas Escolhidas, Quitandinha, Crônicas e Bom-Tom. Nenhuma dessas matérias chega a desgostar ao menos a 4% do total de leitores de ALTEROSA.



Rádios — Televisores HI-FI Emerson
Oficina Especializada

CASA ALEX de ALEX KAUFMANN

Rua Tamoios, 14 — Fone 2-5358 —
Belo Horizonte



Um Remédio Que Cura o Vício de Fumar

Uma vitória de cientistas mineiros e um grande passo na prevenção do câncer — Descobertos os meios de neutralizar os malefícios do fumo — Fala à reportagem o técnico responsável pelo laboratório que o fabrica.

FUMAR é, indiscutivelmente, um dos vícios mais difundidos em todo o mundo. As vítimas de suas conseqüências perniciosas, homens e mulheres de todos os continentes, têm alcançado uma percentagem elevadíssima, através dos tempos e em todos os povos, conforme demonstram as estatísticas. De uma ou de outra maneira, a sua ação maléfica contribui para a propagação de várias doenças, entre as quais o câncer, terrível mal que é um dos maiores flagelos da humanidade. E' fato hoje comprovado que o fumo estimula o aparecimento do câncer, e, por isso mesmo, pode concluir-se que, no próprio bem do povo, o vício de fumar tem de ser combatido.

Este o principal motivo desta reportagem, que irá mostrar ao leitor alguns fatos a respeito de um medicamento que combate frontalmente esse vício. Trata-se do «Tabagil», produto genuinamente brasileiro, fabricado pelo Laboratório Medicina Vegetal S. A., instalado em Belo Horizonte à Av. Carandá, 344.

O QUE É O «TABAGIL»

Buscando detalhes sobre o «Tabagil», a reportagem ouviu o Dr. Wilhians de Mattos, técnico-responsável pelo referido laboratório. Atendendo gentilmente à solicitação, aquele técnico teve, inicialmente, algumas considerações a respeito do laboratório, informando:

— O Laboratório Medicina Vegetal foi fundado em 1898, pelo saudoso padre Gustavo Coelho. Desde aquela época, tem passado pelas sucessivas modificações impostas pelo progresso da ciência. Das suas várias especialidades, foi o «Tabagil» a que logrou maior aceitação no País e mesmo no estrangeiro. Foi o prof. Levindo Mello que, estudando longamente a sua fórmula, estabeleceu as diretrizes da sua técnica.

COMO AGE O «TABAGIL»

— O «Tabagil» — continuou informando o Dr. Wilhians — é apresentado em comprimidos, para que, dessa forma, seus princípios ativos sejam assimilados lentamente, de preferência pela via sub-lingual. Sua embalagem o protege contra as deteriorações e facilita o seu transporte. Sendo o único medicamento

existente no mundo para combater cientificamente o vício de fumar, o «Tabagil» constitui uma verdadeira singularidade. Um dos segredos da sua ação está na técnica de obtenção dos seus componentes.

E acentuou:

— Seu mecanismo funcional baseia-se no fato de que as drogas que entram na sua fórmula são imediatamente absorvidas pelos gânglios autonômicos, dando ao fumante a sensação de ter fumado satisfatoriamente. Esta sensação é a mesma que provoca a nicotina, quando ingerida em excesso.

Prosseguindo, afirmou o técnico:

— E' sabido que, a cada tóxico que se ingere, o organismo produz substâncias que buscam neutralizar o seu efeito organotrópico. O fumo, sendo um desses venenos, provoca no organismo a mesma reação. Se o fumante deixa bruscamente de fumar, fica por outro lado intoxicado por esse meio de defesa, o qual, não encontrando o seu oponente — o fumo — envenena por sua vez o organismo. «Tabagil» vem justamente neutralizar os efeitos intoxicantes dessas substâncias orgânicas, fazendo com que o organismo, em poucos dias, deixe de produzir essas substâncias orgânicas, libertando o fumante do incoercível desejo de fumar. Além da sua indica-

ção específica, o «Tabagil» ainda é estomáquico, levemente afrodisíaco e excelente diurético, como convém a todos os medicamentos destinados a provocar mais rapidamente a eliminação de tóxicos.

COMBATENDO O HÁBITO

Concluindo a interessante entrevista, o Dr. Wilhians de Mattos achou oportuno frisar que o vício de fumar exige a satisfação de duas necessidades, uma de caráter como que patológico, que é curada pelo «Tabagil», e a outra puramente mecânica, representada pelos atos e gestos que precedem o uso do cigarro, como amaciá-lo entre os dedos, retirar o excesso das extremidades, bater uma das pontas na caixa de fósforos ou no isqueiro, tornando-o o mais compacto, etc. E' para esse ato mecânico que chamamos a atenção do fumante, pois este, durante o tratamento, muitas vezes sente vontade de fumar. Não se trata, porém, de uma vontade propriamente fisiológica, mas de simples hábito mecânico. Para a cura deste torna-se indispensável a boa vontade do fumante.

Por fim, ainda com base no que informou aquele técnico, pode a reportagem adiantar que o «Tabagil» já é encontrado em todas as farmácias de Minas e do Brasil.

Dr. Wilhians de Mattos, técnico-responsável pela fabricação do «Tabagil», quando era ouvido pela reportagem desta revista.





BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S. A.

Belo Horizonte — Rua Carijós, 218

Rio de Janeiro — Av. Presidente Vargas, 509

São Paulo — Rua 15 de Novembro, 206

Recife — Salvador — Brasília — Goiânia — Vitória — Niterói — Curitiba — Pôrto Alegre

CAPITAL E RESERVAS

Cr\$ 450.000.000,00

BALANCETE GERAL EM 30 DE ABRIL DE 1958

ATIVO

Caixa	2.165.961.208,90
Empréstimos	5.095.458.690,20
Títulos de renda e outros valores	989.617.710,70
Imóveis de uso do Banco, móveis, almoxarifado e instalações	363.387.075,10
Agências e correspondentes	5.776.569.391,00
Contas de resultado	126.410.831,60
Contas de compensação	5.161.202.809,10

PASSIVO

Capital e reservas	477.490.000,00
Depósitos	7.872.338.961,50
Ordens de pagamento e outros créditos	313.330.411,60
Agências e correspondentes	5.532.701.558,00
Contas de resultado	321.543.976,40
Contas de compensação	5.161.202.809,10

JOSE' DE MAGALHÃES PINTO, *Diretor-Presidente*

JOSE' WANDERLEY PIRES
PAULO AULER
INAR DIAS DE FIGUEIREDO
MILTON VIEIRA PINTO

Diretores

JOSE' CARVALHO MONTEIRO
Contador Geral
(Reg. G. L. 164, CRC-MG)

O Misterioso Fim de Mr. Ross

Conclusão da pag. 94

cava a manga do paletó, o homem disse:

— Se ela soubesse a história desse animal, quem era o seu patrão e porque milagre está aqui. Mas ela, disse o gentil-homem detendo-se um pouco como se fosse golpeado por um pensamento imprevisto, achará toda essa história em um capítulo do livro que estou a ultimar.

Tínhamos assentado em duas cómodas poltronas de vime, ao lado de duas estatuas em terra-cota, de figuras campestres.

— O primeiro capítulo, prosseguiu o gentil-homem — é dedicado ao dono desse cão. Já ouviu falar da horrível morte que teve o mais simpático dos americanos que já chegaram a Viena nesses últimos anos?

Como não recebesse de mim qualquer resposta, prosseguiu:

— Mr. Ross era um perfeito cavalheiro. A primeira vez que o vi foi quando ele trouxe Teddy, o seu cão, para que eu o preparasse para uma festa que daria em sua casa, no bairro mais elegante de Viena. Naquela época, lá para o fim de 1948, eu tinha ainda poucos clientes e Ross, com delicadeza que só os «gentlemen» possuem, convidou-me para ir à sua casa e me apresentou aos seus amigos como o «mais famoso tosquidador de cães da Áustria e do mundo inteiro». Conheci, naquele dia, a sua companheira e intérprete, a condessa Dana Superina, que logo começou a frequentar a minha casa, levando de vez em quando o seu magnífico barsoi russo para que eu o lavasse e penteasse.

A proporção que as minhas relações com aquelas personagens se estreitavam, aumentava a minha perplexidade ao observá-los e ao seu ambiente. Mr. Ross vivia cercado de gente muito estranha, a começar por um moço do qual não cheguei a conhecer os encargos. Algumas vezes, ele mesmo vinha trazer à clínica o barsoi russo e o lóbo alemão e se entretinha durante longo tempo a conversar comigo, afirmando, com ar misterioso, a influência que sua personalidade exercia sobre Mr. Ross. Eu não acreditava nele. Cílios longos e recurvos, como os das mulheres, sombreavam seus olhos azuis. Caminhava sempre na ponta dos pés, ligeiramente, como se dançasse. Deu-me a entender que era eslavão, compatriota da condessa e que a conhecera quando ela era ainda dama de companhia da princesa Olga, esposa do príncipe Paulo. Todas as vezes que eu encontrava Ross, sentia

por ele, não sei dizer porque, uma viva compaixão. A influência da personalidade da Superina sobre Mr. Ross era, segundo as indiscretas revelações daquele moço efeminado, muito relativa. Que liame poderia haver entre o diplomata americano e a condessa iugoslava? Quando Dana me contava seu passado, citava nomes de pessoas que eu conhecera em Belgrado. Não seria possível qualquer dúvida de que ela fosse uma aventureira; mas o meu sexto sentido sugeria-me não confiar nela. Não sei porque, pensei em advertir Ross, mas quando ele começou a entender o sentido de minhas palavras, interrompeu-me bruscamente e me disse que confiava naquela mulher ainda mais do que em si mesmo.

Pouco tempo depois, na noite de 30 de outubro, fui despertado pelo toque insistente da campainha e quando desci para abrir a porta deparei com o estranho moço, todo trêmulo. Compreendi que deveria ter acontecido algo de grave e lhe perguntei, com uma certa ironia, se ele vinha àquela hora para buscar Teddy. Com efeito, Teddy fora trazido naquela tarde, mas eu deveria, conforme instruções do moço, mantê-lo por um período relativamente longo. Irving Ross deveria acompanhar «madame» à estância de Bad Gastein e estaria ausente de Viena durante algumas semanas, enquanto a estada da condessa na estação termal prolongar-se-ia por um mês ou talvez mais. O barsoi russo acompanharia «madame».

A NARRATIVA DO ESLAVO

Ao ouvir o nome de Teddy, o rapaz sobressaltou-se e exclamou: «Pobre Teddy, nunca mais verá o seu dono». E logo depois começou a soluçar. Contou-me, então, que algumas horas antes o americano fora barbaramente assassinado, quando, logo depois da condessa, atravessava a zona russa para atingir mais depressa, com o seu automóvel, o apartamento da Superina. Acrescentou, entre soluços, que ele previra aquele fim trágico porque a vida de Mr. Ross há muito tempo estava em perigo, assim como a da condessa e mesmo a sua. Por isso, viera procurar-me para pedir asilo e proteção ao menos para aquela noite.

Há algum tempo a condessa Superina mantinha ligações com agentes do serviço secreto russo, que a encarregavam de lhes fornecer todas as informações possíveis relativas à vida e às atividades de Mr. Ross; caso contrário, os progenitores dela, que residiam na Iugos-

lândia, seriam deportados para a Sibéria. E isto não seria difícil, visto como, naquela época, a Iugoslândia ainda estava na dependência da União Soviética. A condessa relatara o fato a Mr. Ross e ele decidira agir do seguinte modo: forneceria um passaporte falso para que os pais da Superina se pudessem expatriar e, enquanto isto, controlaria os agentes russos, fingindo que aderira às suas propostas e fornecendo-lhes documentos sem qualquer importância. Assim, Mr. Ross organizara em sua casa um baile de máscaras, durante o qual ele próprio entregara a um agente soviético, oportunamente convidado, alguns documentos. Depois da saída dos convidados, Ross acompanhara a condessa até sua casa, para transportar para o veículo suas malas, bem como o barsoi russo que ficara preso no apartamento. A condessa deveria retirar-se para um lugar onde estivesse em segurança.

O gracioso mocinho, que alternava seu relato com lágrimas e grandes doses de uísque, ignorava o que acontecera depois. Com efeito, segundo a sua versão, Mr. Ross o levava até sua casa, que ficava situada na estrada que conduzia à casa da Superina. No entanto, o eslavão sabia muito bem como a seguir se passaram os fatos: a chegada, bastante inexplicável do par à zona russa, devido a algum engano ou ao desejo de seguir por um atalho, o ultimatum de uma patrulha soviética ao «Buick» de Mr. Ross que tinha atravessado a fronteira, a recusa de Mr. Ross em mostrar os documentos, a intervenção, na qualidade de intérprete, da Superina. E depois a tragédia, os quatro tiros de pistola dirigidos à queima-roupa sobre a nuca do americano, cujo cadáver foi depois picado a golpes de baioneta.

O assassinio de Mr. Ross, segundo nos dissera o eslavão, ter-se-ia dado enquanto o veículo ainda estava em movimento; provava isto o fato de a condessa ter sido atirada no vácuo, quando o «Buick» rodava a cem quilômetros por hora. A condessa estaria, então, gravemente ferida em um hospital sob o controle soviético.

Como poderia aquele estranho moço eslavão saber de todos esses detalhes, se a tragédia acontecera algumas horas antes de sua chegada à minha casa? Ele me disse que fora acordado em plena noite por um contrabandista que estava sendo perseguido.

Os meus antepassados transmitiram-me o princípio segundo o qual a hospitalidade é uma coisa sa-

grada. Não lhe fiz outras perguntas e deixei que ficasse em minha casa naquela noite. No dia seguinte forneci-lhe, a seu pedido, a roupa de um dos «boys» que trabalhavam para mim. Teddy, desde aquele dia, passou a pertencer-me. Com efeito, ninguém foi reclamá-lo. Aqui terminou o relato do gentil-homem austríaco.

Quando lhe perguntei se acreditava na narração que lhe fizera o jovem eslavo e portanto na inocência da Superina, ele respondeu:

— Meu caro amigo, a polícia nunca me interrogou. E eu me orgulho de pertencer, como disse, ao «ancien régime», àquela velha Áustria que soube conservar consigo o segredo de Mayerling. Deverei fugir, logo agora, da tradição e imiscuir-me em um segredo que faz parte de uma história ante a qual eu me sinto tão estranho? Este relato — prosseguiu — ele gravemente, como se a minha curiosidade lhe tivesse imprimindo uma certa inquietude — não sairá a lume. Não quererei — concluiu, como que para infundir importância às palavras que pronunciara — que o meu pobre Teddy ficasse órfão uma segunda vez. Creia, senhor, não vale a pena viver perigosamente.

Nesse ínterim, me havia conduzido ao pequeno salão setecentista adjacente à sala de espera da clínica de cães, onde se achavam um tenente inglês com dois galgos ainda mais magros do que ele e uma elegante senhora com quatro lulus.

O TERCEIRO ENCONTRO

Ele saudou seus clientes e, pedindo-lhes com um gesto que o seguissem, conduziu-os ao interior da clínica e desapareceu rapidamente com passo de minueto. Eu ficara sabendo muito, mas não o bastante, e naquela mesma tarde prossegui com as minhas investigações. Consequira, antes de despedir-me, o endereço da viúva de um general das SS que conhecera quando estava na Itália; aquela viúva, para ganhar a vida, dirigia uma estação de taxis em um bairro muito populoso de Viena. Aproveitei o fato de já ser noite para ir até sua casa. Aquela mulher prestara alguns serviços a Mr. Ross, pondo à sua disposição os seus taxis todas as vezes que suas delicadas missões os requeriam. Ela soubera, pelos jornais da notícia da morte de Mr. Ross. Mas a lembrança daquela antiga amizade sugeriu-me interpelar um seu chofer, ex-SS e subordinado de seu falecido marido.

Soube, por intermédio desse homem que, na noite de 30 de outubro, um chofer seu amigo, casualmente, ao transportar para um hospital da zona russa um doente em estado grave, vira uma jovem senhora, que lhe parecera sorridente,

subir as escadas do edifício toda manchada de sangue, sangue que evidentemente não era seu, pois, como pôde notar ela caminhava desenhando e só.

Depois da descrição que me deram daquela mulher não pude duvidar que fosse a Superina.

Dana Superina era, pois, culpada da trama de que fora vítima Mr. Ross?

O relato do chofer, e o do nosso eslavo, pareciam confirmar isto, assim como tudo nos levava a crer que este, por estar tão bem informado de tudo o que acontecera próximo à estação Sul, fosse sem dúvida cúmplice no assassinio do desventurado americano.

Uma outra pergunta que surgia espontaneamente era esta: onde estaria a Superina? Segundo o que me informara o antigo subordinado do general, a espiã da Iugoslávia russa não se encontrava além da cortina de ferro, mas na parte ocidental da Europa. Mas por que ninguém a procurava?

A resposta poderia ser esta: a Iugoslávia, depois de 1948, passara

Não se pode aplaudir com
uma só mão — Provérbio
árabe.

para o campo político oposto e seus agentes trabalhavam, portanto, contra a Rússia. Será que a Superina obtivera impunidade pelo seu crime mediante serviços que agora poderia prestar aos ocidentais?

Deixei Viena com esta convicção, certo de que, então, nada mais saberia. Julguei que merecia um período de férias e, para libertar-me da sufocante atmosfera vienense, fui a Salsburgo, que encontrei transformada por um festival.

Uma noite, lá para os fins de agosto, consegui, não sei como, obter uma entrada para um espetáculo do «Otello» de Verdi, dirigido pelo velho maestro Furtwaengler. Quando suas mãos no início do segundo ato, se erguiam para reger o canto desesperado de Desdêmona, minha atenção foi atraída por uma senhora de cabelos brancos que, sob a luz artificial, emitiam reflexos de um azul metálico. Tive a impressão, ao observá-la, que em certo trecho ela chorava.

No fim do segundo ato fui passear no «foyer» para ver se a encontrava.

Quando a vi, senti a mesma sensação de angústia que se seguira ao nosso primeiro encontro em Roma e ao segundo em Innsbruck. Lembrei-me de suas últimas palavras, quando nos despedimos em Bolzano: «Oh, Eugênio, quando será nosso terceiro encontro?».

«VEJA OS MEUS OLHOS»

Há certos momentos na vida, sentidos raramente, mas que todos algum dia os experimentam, em que o tempo não tem valor e as coisas perdem a perspectiva. Assim pois, quando Superina (um pouco envelhecida, apesar da maquiagem) acercou-se de mim com as mesmas palavras de outrora, tive a espantosa impressão de que aquela frase era a mesma. E era, na verdade, a mesma, pronunciada com a característica entoação tranqüila e um pouco irônica.

Quase sem saber o que fazia, ofereci-lhe o braço e a conduzi ao bar. Ao caminhar, parecia que atravessava uma densa neblina; até suas palavras chegavam aos meus ouvidos como se viessem de muito longe. Sabia tudo a meu respeito, sabia que estivera em Viena a procurá-la e isso não era tão extraordinário quanto o fato de que eu não me admirava disso. Dana Superina é que falava, ela que era uma das mais diabólicas mulheres que até então conhecera.

— Você acha que sou verdadeiramente culpada? disse ela — Veja, veja os meus olhos: esta noite não fiz mais que chorar. Sou Desdêmona ou Messalina? O' — prosseguiu — todos pensam que o sangue de Irving deve cair sobre mim. As minhas mãos (e, ao dizer isto olhou-as, delicadas, sutis, sem ao menos um anel) deveriam, naquela noite estar manchadas não com o meu sangue, mas com o sangue do meu pobre amigo.

Maquinalmente ela pedira ao «barman» dois cálices de «slilovitz». E maquinalmente, também, nós os elevamos em um brinde.

— «Prosit», disse a condessa, de acordo com o uso alemão.

— «Prosit», respondi.

As luzes do «foyer» já começavam a apagar-se, naturalmente porque o espetáculo iria recomeçar. O pano já se erguia e separamo-nos. Fiz-lhe, no entanto, um sinal para que nos encontrássemos depois do espetáculo. Parecia-me que tinha muita coisa para perguntar-lhe. Estava certo de que naquela noite saberia, pelos seus próprios lábios, finalmente, toda a verdade.

Quando sentei-me de novo, olhei para o lado em que ela estaria. Sua cadeira era a única, em todo o teatro, que ficara vazia. Então, sem que houvesse razão para isso, convenci-me de que nunca mais a veria.

Dollmann terminara. Levantou, sem me olhar, seu cálice de «slilovitz» e disse:

— «Prosit».

Ergui meu cálice e bebi sem responder, porque estava certo de que ele não se voltaria para mim. — **Enrico Roda.**

QUANDO se dizia, não faz muito tempo, ser a ociosidade a mãe de todos os vícios, é de presumir que se quisesse dizer também, por antítese, ser o trabalho o pai de todas as virtudes. Mas as antíteses, como vai modernamente acontecendo com todas as coisas, andam sendo viradas ou reviradas pelo avesso. E por via disso o trabalho é que é hoje o pai de todos os vícios, ao passo que a ociosidade se tornou a mãe de todas as virtudes, sobretudo a ociosidade bem paga.

Assim é que se pode razoavelmente explicar a guerra que de certa época a esta parte se vem movendo ao trabalho neste País, que tanto precisa de trabalhar.

Já não basta, pelo visto, a semana inglesa, já não bastam os feriados, uns em cima dos outros, já não basta o abuso do ponto facultativo, como não bastam o descanso remunerado e as folgas especiais. Tudo isto é tido na conta de café pequeno, motivo pelo qual o socialismo caboclo, que anda metendo num chinelo o de outras terras mais prudentes ou menos ousadas, inventou agora a aposentadoria do trabalhador aos cinquenta e cinco anos de idade, com salário integral. Todo o mundo irá para casa, em plena forma, com o cobre todo...

A desculpa é que não se pode travar a ascensão das massas laboriosas, que os tempos mudaram, que o século não mais comporta a exploração do homem pelo homem e que, ao fim e ao cabo, todos têm direito a um lugar ao sol. Desculpa muito bonita, não há dúvida, mas por demais esfarrapada, pela razão muito simples de que alguém terá que pagar a despesa e esse alguém é a classe média. Ela é que, de agora por diante, se verá obrigada a apertar ainda mais o cinto e a redobrar o próprio esforço, para que os outros gozem as delícias do papo para o ar.

Guerra ao Trabalho

Gilberto de Alencar



O que se está fazendo é barretada com o chapéu alheio.

Pertencesse o chapéu aos demagogos, e é de jurar que não o tirariam da cabeça em benefício de quem quer que seja, pois o benefício que sempre tiveram em mira é o deles mesmos. E de resto é de supor que também hajam adotado a moda em vigor e andem descobertos pelas ruas, como toda a gente.

Aposentadorias, pensões, férias e o resto que se sabe não passam de

anzol ou isca para a proveitosa pesca de votos, embora se procure disfarçar a coisa sob a máscara de humanitarismo ou de justiça social. Vesga justiça, na verdade, é a que proporciona o ócio a certas classes à custa do suor de outras.

O que vale, no entretanto, é que, como lá diz o vulgo, essa sopa vai acabar e acabar muito mais depressa do que em geral se imagina, uma porque chegará o dia em que os que estão pagando não mais poderão pagar e outra porque, por mais que subam os ganhos e os benefícios, muito mais haverão de subir os preços de tudo. Já se afirmou, com muito acerto, que os primeiros sobem pela escada e os segundos pelo elevador.

Atrás de benefícios andamos todos e nada haveria demais nisso se não existisse, como existe, o propósito deliberado de oferecê-los a uns e de recusá-los a outros.

Vantagens há muitas e até já andam codificadas, para que se cumpram e não se percam. Só o que tem é que a coisa não é para o bico de qualquer um, senão apenas para o bico dos privilegiados.

Essa desigualdade, que cada dia mais se agrava, é certamente um dos grandes males atuais, um dos grandes males contra os quais têm falhado todos os remédios apontados pelos doutores da economia, doutores que se mostram incapazes de descobrir aquilo que qualquer charlatão descobriria e vem a ser que a mezinha verdadeira para tais doenças é o trabalho de sol a sol e não a ociosidade, principalmente quando esta se obtém com o sacrifício do próximo. Quanto à rígida fixação de uma idade para a labuta, é invenção que só não parece destrambelhada aos que ignoram a bênção que é o trabalho, quando o sujeito nasce para trabalhar... E quando não nasce? Quando não nasce, a necessidade obriga, pois é ela que faz o sapo pular.

ADMINISTRAÇÃO :

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
— Fones : Gerência : 2-4251; Redação : 2-0652 — Caixa Postal 279 —
End. Teleg. "ALTEROSA" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

SUCURSAL NO RIO :

Diretor : Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 — Conj. 503 —
Fone : 26-1881.

REPRESENTANTE EM SÃO PAULO :

Newton Feitoza — Rua Boa Vista,
245 — 3º andar — Fone : 33-1432.

CORRESPONDENTES :

Em Paris : Olga Obry. Em Hollywood : Orlane Cavalcanti. Em Roma : Gastão Fernandes dos Santos.

ASSINATURAS :

2 anos (48 números) .. Cr\$ 400,00
1 ano (24 números) .. Cr\$ 220,00
1 semestre (12 números) Cr\$ 120,00

ALTEROSA

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

Publicação quinzenal da SOC.
EDITORA ALTEROSA LTDA.
Diretora-gerente : N. M. Castro

* * *

Preços para todos os países do continente americano, Portugal e Espanha. Para os demais países vigoram os seguintes preços: US\$ 4,00 para 2 anos, US\$ 2,50 para 1 ano e US\$ 1,50 para seis meses. As assinaturas começam sempre com a primeira edição de qualquer mês.

VENDA AVULSA :

Em todo o Brasil Cr\$ 10,00
Portugal e Colônias Esc. 5,00
Número atrasado Cr\$ 15,00

REDAÇÃO : Miranda e Castro, diretor; Gaspar de Alencar, secretário.

ARTE : Douné Rezende Spínola, Euclides L. Santos, J. C. Moura, Jeronymo Ribeiro, Pinho e Wilma Martins.

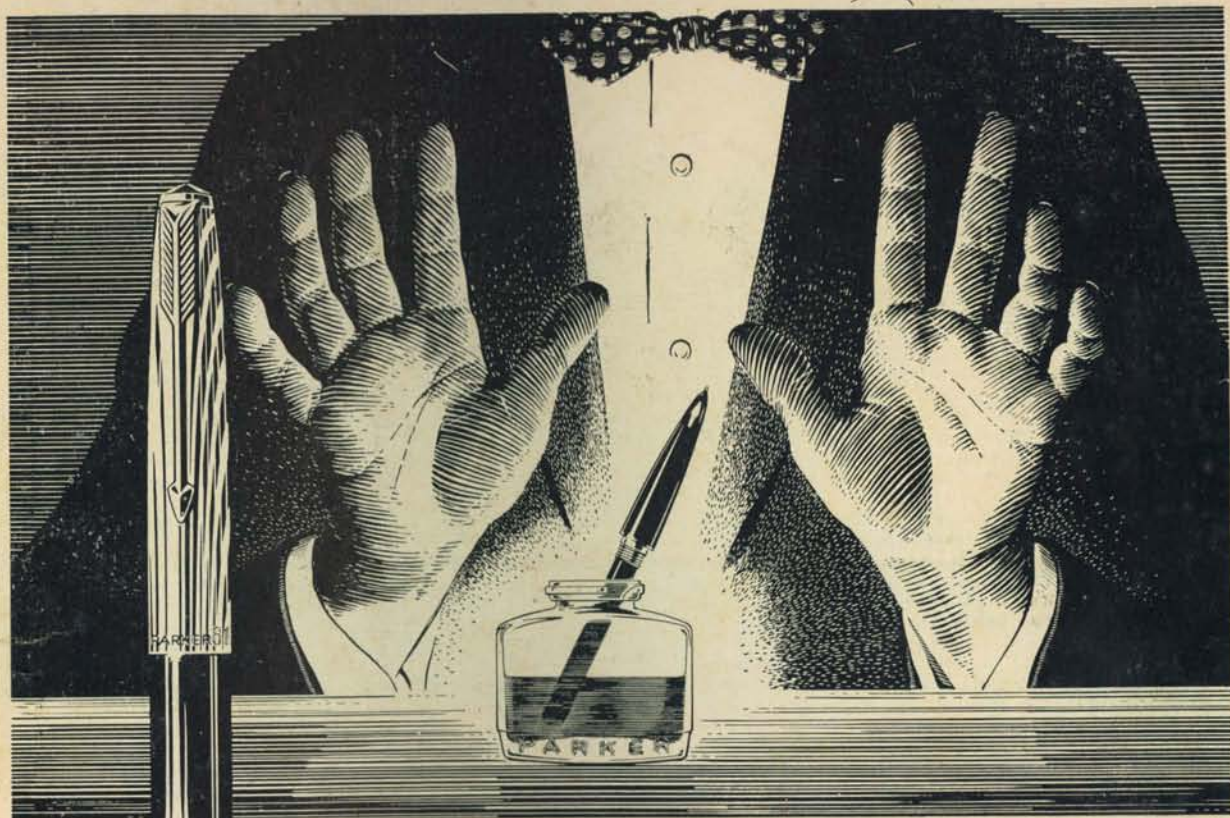
SEÇÕES : — André F. de Carvalho, Cristiano Linhares, Domingos de Lucca Júnior, Garry C. Myers, Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Madalena, Oscar Mendes, Pessoa Esteves, Stella Marina, Temple Manning.

FOTOGRAFIAS : — Augusto Cardoso, Hiroshi Watanabe, José Nicolau, Nivaldo Corrêa, Camera Press, INP, Keystone, Reuter e Transworld.

A redação não devolve originais de colaborações ou fotográficos não solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da revista.

Nem puxar nem empurrar...
nunca "adivinhar"...



A Parker 61 enche completamente a si própria vez por vez!

V. pode contar com a caneta Parker 61 para encher a si própria vez por vez... sem adivinhações. Nada para empurrar, puxar ou manipular. A "sucção" capilar sôzinha atrai a tinta para a caneta, que em questão de segundos fica completamente cheia... pronta para escrever 7.000 palavras sem esforço algum. A Parker 61 abastece e limpa a si própria, não tem peças móveis para desgastar e é praticamente à prova de vazamento. A pena Parker Eletro-Polida, exclusiva, assegura uma escrita perfeita e suave. Descubra V. mesmo as muitas maravilhas desta caneta inteiramente nova... diferente de qualquer outra caneta no mundo!

A nova

Parker 61



Para melhores resultados e ótimo rendimento da escrita, use Parker Quink na sua Parker 61.

8-6242 P



Um símbolo do seu carinho...

...é a proteção de um
COBERTOR "PARAHYBA"!

Seu bebê, por quem você se desdobra
em cuidados, merece o melhor:
merece um Cobertor "PARAHYBA",
fabricado com lãs escolhidas dentre as
de melhor procedência e por modernos
processos que asseguram a
firmeza da cor e a beleza originais.
Ao adquirir um cobertor, examine
e escolha um dos lindos padrões
do legítimo Cobertor "PARAHYBA"
— um produto da

TECELAGEM

PARAHYBA S/A

CX. POSTAL 20 — S. JOSÉ DOS CAMPOS — SP